

**Universidade Federal do Rio de Janeiro
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
UFRJ/FAU/PROARQ**

**ARQUITETURA, LUZ E LITURGIA: UM ESTUDO DA ILUMINAÇÃO NAS IGREJAS
CATÓLICAS**

Eliva de Menezes Milani

Rio de Janeiro, RJ
2006



ARQUITETURA, LUZ E LITURGIA: UM ESTUDO DA ILUMINAÇÃO NAS IGREJAS CATÓLICAS

Eliva de Menezes Milani

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências em Arquitetura, área de concentração em Conforto Ambiental e Eficiência Energética.

Orientador: Aldo Carlos de Moura Gonçalves

Rio de Janeiro, RJ
Março / 2006

M637 Milani, Eliva de Menezes

Arquitetura, luz e liturgia: um estudo da iluminação nas igrejas católicas / Eliva de Menezes Milani.– Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2006.
114f.: il.; 29,7 cm.

Orientador: Aldo Carlos de Moura Gonçalves
Dissertação (Mestrado) – UFRJ/PROARQ/ Programa de Pós-graduação em Arquitetura, 2006.

1. Iluminação. 2. Arquitetura Religiosa. 3. Igreja Católica. I. Gonçalves, Aldo Carlos de Moura. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Arquitetura. III. Título.

CDD 621.321

ARQUITETURA, LUZ E LITURGIA: UM ESTUDO DA ILUMINAÇÃO NAS IGREJAS CATÓLICAS

Eliva de Menezes Milani

Orientador: Aldo Carlos de Moura Gonçalves

Linha de pesquisa: Luz e espaço.

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências em Arquitetura, área de concentração em Conforto Ambiental e Eficiência Energética.

Rio de Janeiro, 14 de março de 2006.

Aprovada por:

Prof. Aldo Carlos de Moura Gonçalves, D.Sc
Prof. Adjunto – FAU/UFRJ (orientador)

Prof. Eunice Bomfim Rocha, D.Sc
Prof. Adjunto – FAU/UFRJ

Prof. Maria Maia Porto, D.Sc
Prof. Adjunto – FAU/UFRJ

Prof. Mirian de Carvalho, D.Sc
Prof. – IFCS/UFRJ

Dedico este trabalho aos meus pais, Wanderley e Elisabeth (*in memoriam*), com quem aprendi a ter persistência na busca de meus objetivos. Dedico especialmente ao Angelo, esposo e companheiro, por ter-me estimulado a construir esta trajetória acadêmica na vida profissional.

Aos professores e colegas que participaram de minha formação, desde os primeiros tempos de universidade.

Aos colegas com quem compartilho o trabalho.

Aos amigos, pela compreensão em minha ausência nos momentos de estudo.

AGRADECIMENTOS

Ao professor orientador Aldo Gonçalves, pela confiança e incentivo.

Aos professores que de alguma forma contribuíram na elaboração desta dissertação.

Ao pe. Domingos Ormande, por compartilhar seus conhecimentos sobre liturgia na igreja católica.

À arquiteta Regina Machado, que na parceria em projetos e reformas, contribuiu no aprendizado sobre o edifício-igreja.

À minha família e amigos que sempre me incentivaram nos estudos.

A igreja precisa de arte

“Para transmitir a mensagem que Cristo lhe confiou, a Igreja tem necessidade de arte. De fato, deve tornar perceptível e o mais fascinante possível o mundo do espírito, do invisível, de Deus. Por isso, tem de transpor para fórmulas significativas aquilo que, em si mesmo, é inefável. Ora, a arte possui uma capacidade muito própria de captar os diversos aspectos da mensagem, traduzindo-os em cores, formas, sons que estimulam a intuição de quem os vê e ouve. E isso, sem privar a própria mensagem de seu valor transcendente e de seu halo de mistério.

[...] A Igreja precisa de arquitetos, porque tem necessidade de espaços onde congregar o povo cristão e celebrar os mistérios da salvação. Depois das terríveis destruições da última guerra mundial e com o crescimento das cidades, uma nova geração de arquitetos se amalgamou com as exigências do culto cristão, confirmando a capacidade de inspiração que o tema religioso demonstra ter sobre os critérios arquitetônicos de nosso tempo. De fato, não raro se construíram templos, que são simultaneamente lugares de oração e autênticas obras de arte.”

(Carta do Papa João Paulo II aos artistas, 1999)

RESUMO

ARQUITETURA, LUZ E LITURGIA: UM ESTUDO DA ILUMINAÇÃO NAS IGREJAS CATÓLICAS

Autor: Eliva de Menezes Milani

Orientador: Aldo Carlos de Moura Gonçalves

Linha de pesquisa: Luz e espaço

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências em Arquitetura.

Esta dissertação é resultado de uma pesquisa sobre a iluminação no interior da igreja católica, a partir da sua liturgia e da organização de seu espaço. Trata-se de um estudo multidisciplinar de arquitetura religiosa, iluminação e liturgia. A ênfase deste trabalho é a iluminação do espaço da celebração, considerando a liturgia renovada pelo Concílio Vaticano II. A pesquisa abrange os aspectos funcionais da iluminação, da ambientação e do espaço religioso, e a aplicação da iluminação cênica no seu interior. Diferentes efeitos visuais criados com diferentes formas de aplicação de luz natural e artificial dão expressão ao espaço e são usados nas igrejas para criar ambiências e ainda expressar a função simbólica e mística do local. Verifica-se que a iluminação artificial deve atender às necessidades da igreja, nos seus momentos de meditação, oração e celebração, no destaque das peças litúrgicas, das imagens e dos símbolos, e na observação da arquitetura e das artes que fazem da igreja um local de encontro e celebração. Através de exemplos de iluminação demonstra-se que a iluminação nas igrejas vai além das características do edifício e de sua função, favorece a percepção do espaço e destaca as ações desenvolvidas na igreja.

Palavras-chaves: Iluminação. Arquitetura Religiosa. Igreja Católica

Rio de Janeiro, RJ
Março/2006

ABSTRACT

ARCHITECTURE, LIGHT AND LITURGY: A STUDY OF THE ILLUMINATION IN THE CATHOLIC CHURCHES

Author: Eliva de Menezes Milani

Counselor: Aldo Carlos de Moura Gonçalves

Research line: Light and space.

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências em Arquitetura.

This dissertation results of a research about the illumination inside the Catholic Church, starting from its liturgy and of the organization of its space. It is an interdisciplinary study of religious architecture, illumination, and liturgy. The emphasis of this work is the illumination of the space of the celebration, considering the liturgy renewed by the Council Vatican II. The research includes the functional aspects of the illumination in the church, the environment of the religious space and the application of the scenic illumination in its interior. Different visual effects with different forms of application of natural and artificial light give expression to the space and they are used at the churches to create the environment, and still to express the symbolic and mystic function of the place. It is verified that the artificial illumination should assist the needs of the church, in their moments of meditation, prayer and celebration, in the prominence of the liturgical pieces, of the images and symbols, and in the observation of the architecture and of the arts that do of the church an meeting and celebration place. Through illumination examples it is demonstrated that the illumination in the churches is going besides the characteristics of the building and of its function, it favors the perception of the space and they stand out the actions developed at the church.

Keywords: Illumination. Religious Architecture. Catholic Church.

Rio de Janeiro, RJ
Março/2006

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Sinagoga no tempo de Jesus	19
Figura 2 - Santa Ceia.....	19
Figura 3 - Casa romana	20
Figura 4 - Basílica pagã	21
Figura 5 - Basílica cristã	22
Figura 6 - Planta da Basílica de Santa Sophia	24
Figura 7 - Basílica de Santa Sophia.....	23
Figura 8 - Igreja do período românico	25
Figura 9 - Representação esquemática - igreja do período românico	26
Figura 10 - Vitrais	28
Figura 11 - Catedral gótica	28
Figura 12 - Interior da basílica de São Pedro, Roma	29
Figura 13 - Igreja barroca	30
Figura 14 - Barroco brasileiro	32
Figura 15 - Exemplo de igreja após o Concílio Vaticano II	35
Figura 16 - Capela	39
Figura 17 - Distribuição dos espaços na igreja	41
Figura 18 - Presbitério	42
Figura 19 - Fonte batismal e pia batismal	43
Figura 20 - Capela do Santíssimo	44
Figura 21 - Sacrário	44
Figura 22 - Elementos que compõem o presbitério	46
Figura 23 - As três peças litúrgicas – desenho esquemático.....	46
Figura 24 - Exemplo de altar de uma capela.....	47
Figura 25 - Exemplo de altar de uma igreja	48
Figura 26 - Adaptação do espaço da catedral de Duque de Caxias, RJ	49
Figura 27 - Adaptação da igreja barroca.....	49
Figura 28 - Cruz processional	50
Figura 29 - Cruz sobre o altar	50
Figura 30 - Iglesia Madre del Rosário	53
Figura 31 - Efeito dramático de luz no Cristo	54
Figura 32 - A luz no altar.....	55
Figura 33 - A luz na Basílica de São Pedro, Roma	55
Figura 34 - Clarabóia e esculturas de arame	56

Figura 35 - La Tourette, Eveux, França	57
Figura 36 - Capela de Ronchamp, França	58
Figura 37 - Catedral de Brasília	59
Figura 38 - St Mary's Cathedral, San Francisco, Califórnia.....	60
Figura 39 - Igreja Nossa Senhora da Lapa dos Mercadores, Rio de Janeiro	61
Figura 40 - Igreja São Degun Kim, São Paulo.....	61
Figura 41 – Iluminação através de projetores de luz – desenho esquemático	66
Figura 42 - Iluminação geral na nave – desenho esquemático	67
Figura 43 - Iluminação na nave com destaque nas abóbadas	69
Figura 44 - Iluminação geral na nave.....	70
Figura 45 - Iluminação geral com luminária pendente e projetores de luz.....	71
Figura 46 - Iluminação no presbitério.....	72
Figura 47 - Destaque da mesa da eucaristia.....	73
Figura 48 - Iluminação de imagem.....	75
Figura 49 – Exemplos de iluminação em paredes e tetos	76
Figura 50 – Capela de Ronchamp – exterior.....	79
Figura 51 - Capela de Ronchamp –planta baixa e parede lateral sul	79
Figura 52 - Capela de Ronchamp – contrastes	80
Figura 53 - Capela de Ronchamp – altar	81
Figura 54 - Capela de Ronchamp - luzes coloridas.....	81
Figura 55 - A imagem da Virgem Maria	81
Figura 56 - Igreja do Jubileu	82
Figura 57 - Igreja do Jubileu – planta baixa	83
Figura 58 - Igreja do Jubileu – fachada posterior	83
Figura 59 - Igreja do Jubileu – clarabóias	84
Figura 60 - Igreja do Jubileu – interior.....	85
Figura 61 - Igreja do Jubileu – a cruz.....	85
Figura 62 - Igreja do Coração de Jesus – fachada principal.....	91
Figura 63 - Igreja do Coração de Jesus – campanário.....	91
Figura 64 - Igreja do Coração de Jesus – planta baixa	92
Figura 65 - Igreja do Coração de Jesus - detalhes das paredes	92
Figura 66 - Igreja do Coração de Jesus – interior	93
Figura 67 - Igreja do Coração de Jesus - vista noturna do exterior	94
Figura 68 - Igreja do Coração de Jesus - a luz ao longo do dia	95
Figura 69 - Igreja do Coração de Jesus – iluminação noturna interna.....	95
Figura 70 - Igreja do Coração de Jesus – destaque da fonte batismal.....	96
Figura 71 – Igreja do Salvador – planta baixa.....	97

Figura 72 - Igreja do Salvador – fachada	97
Figura 73 - Igreja do Salvador – nave principal	99
Figura 74 - Igreja do Salvador – altar	99
Figura 75 - Igreja do Salvador – coro	100
Figura 76 - Igreja de São Francisco – fachadas	101
Figura 77 - Igreja de São Francisco – planta baixa	102
Figura 78 - Igreja de São Francisco – presbitério	102
Figura 79 - Igreja de São Francisco – iluminação no interior	103
Figura 80 - Igreja de São Francisco – corte longitudinal	104
Figura 81 – Detalhe da membrana e do telhado	104
Figura 82 – Projeções de iluminação natural	104
Figura 83 – Projeções de iluminação artificial	105
Figura 84 – Detalhe da iluminação artificial	105
Figura 85 – Tabernáculo iluminado	105

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
-------------------------	-----------

CAPÍTULO I – IGREJA CATÓLICA

1.1	TEOLOGIA E MODALIDADES CELEBRATIVAS	15
1.1.1	Celebração da Eucaristia ou Missa	16
1.1.2	Celebração dominical da Palavra de Deus	17
1.1.3	Liturgia das horas.....	17
1.1.4	Sacramentos	18
1.2	HISTORIA DA LITURGIA E DO ESPAÇO DA CELEBRAÇÃO.....	18
1.3	A LITURGIA E O ESPAÇO DA CELEBRAÇÃO APÓS O CONCÍLIO VATICANO II.....	33

CAPÍTULO II – IGREJA-EDIFÍCIO

2.1	ARQUITETURA RELIGIOSA	37
2.1.1	Tipos de igrejas.....	39
2.2	ESPAÇOS QUE COMPÕEM A IGREJA-EDIFÍCIO.....	41
2.2.1	Presbitério	41
2.2.2	Nave	42
2.2.3	Átrio	43
2.2.4	Batistério	43
2.2.5	Capela do Santíssimo	44
2.2.6	Local da reconciliação.....	45
2.2.7	Local do coro.....	45
2.2.8	Sacristia	45
2.3	ELEMENTOS QUE COMPÕEM O PRESBITÉRIO	45
2.3.1	Altar	47
2.3.2	Ambão.....	49
2.3.3	Cadeira da presidência	50
2.3.4	Cruz	50
2.3.5	Castiçais	51
2.3.6	Círio Pascal.....	51
2.3.7	Imagens	51

CAPÍTULO III – ILUMINAÇÃO NAS IGREJAS

3.1 A LUZ COMO INSTRUMENTO NA AMBIENTAÇÃO	52
3.2 ASPECTOS FUNCIONAIS.....	63
3.2.1 Iluminação no átrio	68
3.2.2 Iluminação na nave	68
3.2.3 Iluminação no presbitério	72
3.2.4 Iluminação na fonte batismal.....	74
3.2.5 Iluminação das imagens.....	74

CAPÍTULO IV – ILUMINAÇÃO CÊNICA NOS ESPAÇOS RELIGIOSOS

4.1 LUZ E ARQUITETURA RELIGIOSA	77
4.1.1 Capela de Notre Dame du Haut – A Capela de Ronchamp	78
4.1.2 Igreja da Misericórdia de Tor Ter Teste – A Igreja do Jubileu.....	82
4.2 A IGREJA COMO UM ESPAÇO CÊNICO.....	86
4.3 A ILUMINAÇÃO CÊNICA	88

CAPÍTULO V - EXEMPLOS DE ILUMINAÇÃO DE IGREJAS

5.1 IGREJA DO CORAÇÃO DE JESUS - ALEMANHA	91
5.2 IGREJA DO SALVADOR – ARGENTINA.....	97
5.3 IGREJA DE SÃO FRANCISCO – ALEMANHA	101

<i>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</i>	107
---	------------

<i>REFERÊNCIAS.....</i>	111
--------------------------------	------------

INTRODUÇÃO

A singularidade de uma igreja não está só na sua arquitetura, na distribuição dos espaços e em suas obras de arte, mas também na luminosidade em todo seu volume.

A iluminação, como elemento essencial na caracterização do próprio espaço, não pode ser analisada de forma isolada, ela está vinculada às características arquitetônicas e ao tipo de atividade do ambiente. Como todo lugar utilizado pelo homem, a igreja deve ser iluminada adequadamente de acordo com a função do espaço.

Inovações tecnológicas mudaram os princípios dos projetos de iluminação. Antes mais funcionais do que estéticos, os projetos mudaram para a combinação entre os dois. Sai de uma iluminação estática para uma mais dinâmica. E voltaram-se para uma preocupação não só com a luz para prover conforto visual, mas também para a percepção do espaço.

Sempre houve preocupação com a luz nas construções das igrejas. A iluminação é um fator determinante tanto na sua ambientação, como no plano estético e funcional. Percebe-se que alguns projetos de iluminação de igrejas vão além das características do edifício e de sua função, favorecem a percepção do espaço e destacam as ações desenvolvidas nele.

O objetivo desta pesquisa é analisar a iluminação artificial no interior da igreja católica, a partir da sua liturgia e da organização de seu espaço. Este estudo aborda os aspectos funcionais da iluminação na igreja, a ambientação do espaço religioso e a aplicação da iluminação cênica no seu interior.

O estudo de diferentes espaços e elementos litúrgicos no interior da igreja permite definir uma iluminação mais adequada e analisar os sistemas de iluminação e efeitos de luz aplicados às igrejas. A ênfase desta pesquisa está na iluminação da nave e do presbitério, porque juntos é que traduzem o significado do espaço durante a celebração dos católicos. Não se pretende estudar a iluminação de uma determinada tipologia arquitetônica de igreja. O que se quer verificar é a iluminação do espaço a serviço da liturgia renovada pelo Concílio Vaticano II.

Esta pesquisa parte de algumas questões relacionadas com a importância da luz na compreensão e leitura do espaço interior da igreja católica: como a liturgia influencia nos efeitos de luz aplicados na igreja; como a iluminação contribui para a ambientação adequada na igreja católica; e como a iluminação cênica ajuda as pessoas a compreenderem a liturgia.

Para entender o espaço na Igreja católica, além da experiência profissional do autor, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, tanto na área de liturgia como da arquitetura religiosa, e ainda observações em visitas a igrejas e uma pesquisa iconográfica deste espaço através de fotografias, ilustrações e projetos arquitetônicos de igrejas. No que se refere aos aspectos luminotécnicos, além da pesquisa bibliográfica e técnica realizada, foram pesquisados tipos de sistemas de iluminação aplicados nas igrejas. Quanto aos efeitos de iluminação, a pesquisa foi iconográfica, em livros de arquitetura e de iluminação, projetos de igrejas, revistas técnicas, e meio eletrônico. Para a análise dos exemplos de iluminação, foram escolhidas igrejas que apresentam propostas significativas de iluminação com controles de luz tanto natural como artificial, destaques arquitetônicos e de elementos litúrgicos, e iluminação cênica. Este estudo foi realizado através de levantamentos técnicos em projetos, fotografias e ilustrações, considerando a proposta do autor do projeto, pareceres e críticas apresentadas sobre o projeto.

Esta pesquisa é dividida em cinco capítulos. O primeiro trata de considerações sobre a Igreja Católica como instituição, sua liturgia e modalidades celebrativas, seus conceitos funcionais e simbólicos, abrangendo a história da Igreja e o local da celebração desde os primeiros séculos até o momento atual.

No segundo capítulo o tema é a igreja-edifício que trata da organização espacial da igreja, a arquitetura religiosa, dos ambientes internos da igreja e dos elementos simbólicos importantes para a concepção deste espaço.

O terceiro capítulo trata da iluminação no interior da igreja, estuda a luz artificial em seus diferentes espaços e a relação da luz com a ambientação da igreja.

No quarto capítulo, o estudo segue com a relação da luz com a arquitetura religiosa, nas suas diferentes expressões no espaço, a composição do cenário da igreja e a iluminação cênica aplicada à igreja católica.

No quinto capítulo, alguns exemplos significativos de iluminação mostram, através de ilustrações, algumas características de iluminação usadas no interior das igrejas, efeitos provocados pela luz e a importância da relação espaço e luz.

Por último, nas considerações finais, apresenta-se uma síntese das principais características da iluminação no interior da igreja católica, ressaltando-se a importância da luz na compreensão e leitura do espaço religioso.

CAPÍTULO I – LITURGIA E IGREJA CATÓLICA

1.1 TEOLOGIA E MODALIDADES CELEBRATIVAS

A liturgia é um culto público e oficial instituído por uma Igreja. É uma ação conjunta do povo para algo do bem comum.

A liturgia cristã e católica é a celebração do mistério de Cristo. O centro da liturgia é a páscoa de Cristo, o que ele viveu, sua morte, ressurreição e ascensão; é a memória desta história na celebração.

Fazer memória na liturgia é lembrar ritualmente a páscoa histórica de Jesus e de seu povo. BUYST (In: BUYST; FRANCISCO, 2004, p. 15) descreve que: “A memória é realizada com as ações rituais que comportam leitura e interpretação das Sagradas Escrituras, num contexto de diálogo íntimo entre os parceiros da aliança (o Senhor Deus e o seu povo), na espera da vinda e intervenção definitiva do Senhor na história”.

As pessoas se reúnem em assembléia para celebrar a liturgia. O espaço da celebração é o espaço da assembléia, o lugar da reunião da comunidade, pois é na liturgia que a Igreja-comunidade é formada.

A igreja é o local onde os cristãos se reúnem para as celebrações litúrgicas, o templo que abriga e protege a assembléia. Segundo Baróbio (1990, p.176) “Para o cristão, é claro que o templo em si não é o lugar da presença de Deus (Jo 4,23) mas precisamente o lugar da assembléia em que Deus se faz presente.”

Portanto, o lugar da celebração cristã não é identificado pela presença da divindade, mas pelo que nele se realiza que é a celebração do mistério. (GATTI, 2001)

O primeiro elemento litúrgico é reunir-se porque quem celebra é a assembléia reunida, o padre é o presidente, ele representa a Igreja reunida. E a Igreja reunida celebra o mistério pascal, que é a páscoa de Jesus, o Cristo, lendo as sagradas escrituras e celebrando a eucaristia.

A Constituição Litúrgica do Concílio Vaticano II (4 de dezembro de 1963) insiste na necessidade de participação dos fiéis nos atos celebrados e a própria liturgia reformada pelo concílio tem conduzido sua ação de forma a reaproximar o povo à ação litúrgica.

A cada vez que se celebra é importante que se viva integralmente a liturgia. Melo (in SILVA; SIVINSKI, 2001, p. 41) afirma que: “Os ritos e os textos litúrgicos são como um roteiro, um esquema celebrativo, no qual devemos colocar entusiasmo, participação, sentido, vida.”

Toda celebração é realizada no tempo, ou seja, num determinado momento do dia, da semana, do ano, num momento especial da vida ou da história. O ano litúrgico da igreja católica tem uma organização própria, e fazem parte deste: o ciclo do natal, que é preparado por um tempo de quatro semanas, chamado advento; o ciclo da páscoa que se estrutura na forma de Tríduo Pascal; o tempo comum, que são 33 a 34 domingos que não são ocupados pelo natal e páscoa; e ainda, determinadas datas fixas como a festa de Nosso Senhor, as festas de Maria e dos outros Santos. E, para cada tempo litúrgico, existem símbolos ou ações simbólicas próprias que expressam e ajudam o fiel a viver a realidade daquele tempo.

No que se refere ao ano litúrgico a Constituição Conciliar sobre a Sagrada Liturgia no capítulo V, item 102 revela:

A santa mãe Igreja considera seu dever celebrar, em determinados dias do ano, a memória sagrada da obra de salvação do seu divino Esposo. Em cada semana, no dia a que chamou domingo, celebra a da Ressurreição do Senhor, como a celebra também uma vez no ano na Páscoa, a maior das solenidades, unida à memória da sua Paixão.

A celebração litúrgica é composta por uma série de ritos e cada um tem a sua função, um significado e um objetivo na celebração. A seguir, as diferentes modalidades de celebrações que compõem a liturgia cristã.

1.1.1 Celebração da Eucaristia ou Missa

A ação litúrgica central da fé cristã é a eucaristia, mais comumente chamada de missa. É a celebração para fazer memória de Jesus que na última ceia com seus discípulos usou o pão e o vinho para expressar sua entrega ao Pai, por amor dos seus discípulos e da humanidade toda, mandou que essa ação simbólica fosse sempre repetida.

O que dá a configuração interna de uma igreja e que determina seu espaço central é a celebração da eucaristia. O altar é a referência principal, pois nele acontece o rito essencial dessa celebração: sobre ele são colocados pão e vinho, é realizada uma longa oração de memória e ação de graças, depois o pão é fracionado e finalmente distribuído aos participantes juntamente com o vinho, rito que é chamado de comunhão do corpo e do sangue de Jesus Cristo.

Tais ritos, no seu conjunto chamados de liturgia eucarística, são preenchidos por outros ritos ao redor das Sagradas Escrituras cristãs, chamados de liturgia da Palavra. Esta é a

proclamação e interpretação de textos da Bíblia, intercalada com ritos de acolhimento daquilo que revela de Deus e propõe para a vivência dos fiéis. Aqui a referência principal é o ambão, uma estante que sustenta os livros dos textos sagrados e a partir de onde acontecem seus ritos.

A celebração da eucaristia, composta pela liturgia da palavra de Deus e da liturgia eucarística, é aberta com ritos iniciais e terminada por ritos finais, presididas pelo padre ou bispo.

De acordo com Schubert (1977, p. 15) a estrutura da missa apresenta a seguinte sequência:

1. Entrada: saudação, ato penitencial, Gloria (hino de louvor);
2. Liturgia da Palavra: leitura da bíblia, orações, canto de meditação e Aleluia (Aclamação do Evangelho), homilia e preces comunitárias;
3. Liturgia da Eucaristia: ofertório, consagração e comunhão;
4. Conclusão: bênção final e momento em que se dão os avisos;
5. Saída: rito final.

1.1.2 Celebração dominical da Palavra de Deus

Embora a missa seja a celebração principal para o catolicismo, de acordo com Buyst (in BUYST; FRANCISCO, 2004, p. 123) setenta por cento das comunidades católicas no Brasil não dispõem de padre para sua realização a cada domingo. Em sua substituição é feita uma celebração da Palavra de Deus, presidida por leigos.

Os ritos iniciais e a liturgia da Palavra são semelhantes aos da missa. Em lugar da liturgia eucarística realiza-se um momento de ação de graças, para o qual há diferentes ritos opcionais, celebrados geralmente junto ao altar.

1.1.3 Liturgia das horas

Liturgia das horas ou ofício divino são os momentos de oração em determinadas horas do dia. O símbolo principal é a luz, o símbolo do Cristo ressuscitado, cuja ressurreição acabou com as trevas.

Os principais momentos de oração ao longo do dia são os de passagem da noite para o dia e do dia para a noite, respectivamente, ofício da manhã e ofício da tarde.

Ofício da manhã - como sinal sensível do amanhecer, consagra a Deus o dia que começa e celebra a ressurreição de Cristo. A simbologia está no sol nascente, na luz da manhã.

Ofício da tarde – ocorre ao anoitecer, agradece o dia que passou e recorda a ceia e a morte de Cristo. Seu símbolo é o sol poente e a luz das velas.

Aos sábados e vésperas das grandes festas há o costume, em algumas comunidades, de celebrar uma vigília.

Vigília – celebrada à noite ou de madrugada, como ofício de leituras, é a vigília para o Senhor, aguardando a sua vinda. O símbolo está na luz das velas e das lâmpadas acesas na noite.

1.1.4 Sacramentos

A liturgia acompanha a caminhada de fé de cada membro da Igreja e oferece ações simbólicas próprias para cada acontecimento, celebradas em comunidade. São os sacramentos: batismo, confirmação ou crisma, eucaristia, reconciliação, matrimônio, unção dos enfermos e ordenação. Esta pesquisa limita-se a citá-los e a descrever um pouco sobre alguns deles, como o batismo e o matrimônio.

A celebração do batismo merece destaque porque é através dele que a pessoa entra na Igreja. Convém que seja celebrado com a participação não só dos pais e padrinhos, mas também com a comunidade. Desenvolve-se na pia batismal e a ação simbólica principal é o mergulho na água ou derramamento de água sobre a cabeça. Outras ações simbólicas são ungir com óleos e acender uma vela no círio pascal, como símbolo de fé.

Na celebração do matrimônio, os noivos tomam o lugar de destaque perante o celebrante e a vista dos presentes. Pode ser realizado durante a missa ou fora dela. A ação simbólica principal é quando os noivos se entregam um para o outro com alguns dizeres e recebem a benção nupcial.

1.2 HISTORIA DA LITURGIA E DO ESPAÇO DA CELEBRAÇÃO

A liturgia cristã, com seus ritos, símbolos e espaços, têm suas raízes no judaísmo, é uma continuidade da liturgia hebraica vivida e celebrada por Jesus em sua comunidade.

O povo de Israel comemorava a ceia pascal reunindo-se para a refeição aos sábados, em memória da experiência que tiveram com Deus quando foram libertados da escravidão do Egito - ceia pascal judaica. Jesus se reuniu com os apóstolos para a refeição, como costume judeu, e disse para continuarem fazendo-o em sua memória - última Ceia.

Então os primeiros cristãos começaram a se reunir para celebrar a ceia do Senhor, com o pão e o vinho, em memória da morte e ressurreição de Jesus Cristo (FONSECA In: SILVA; SIVISKI, 2001).

A partir do mistério de Cristo aconteceu uma “cristianização” dos elementos herdados do judaísmo, como por exemplo a organização da liturgia da Palavra numa sinagoga do tempo de Jesus ilustrado na Figura 1, onde se observa que ao redor se encontravam os assentos da assembléia e no meio o estrado (ou palanque) para a leitura das sagradas escrituras. Outro exemplo é a última Ceia que é uma reinterpretação “cristã” da ceia pascal judaica, agora não mais para celebrar o êxodo do Egito, mas sim para celebrar a passagem de Cristo deste mundo ao Pai. (SILVA In: BUYST; SILVA, 2003) (Figura 2)

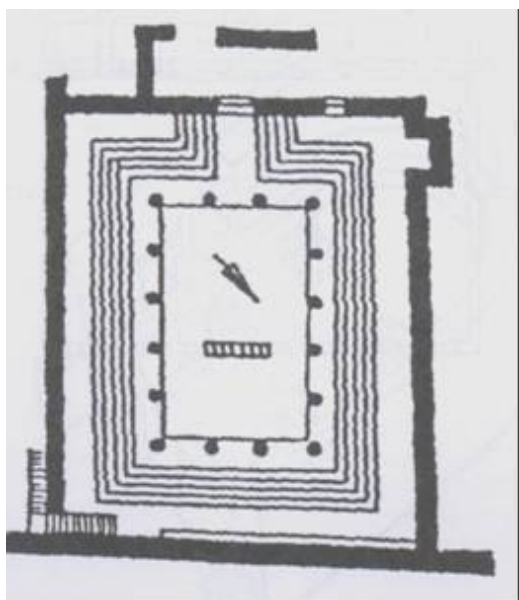


Figura 1 - Sinagoga no tempo de Jesus

Fonte: WILMSEN In: SILVA;
SIVISKI, 2001, p. 213.



Figura 2 – Santa Ceia

Fonte: Esculturas de Aleijadinho. Disponível em:
<http://www.geocities.com/barroco_brasil/foto06.html>. Acesso em: 16 de julho 2005.

O espaço litúrgico da sinagoga é um espaço mais de assembléia. Os primeiros cristãos continuaram durante algum tempo participando do culto judaico para a escuta da palavra e para a oração de louvor.

Mas, com o surgimento de diferenças, os cristãos distanciam-se dos lugares de celebração dos judeus. O cristianismo nascente, não reconhecido, não tem o seu próprio templo. Para os cristãos, o verdadeiro templo do Deus vivo consistia na sua própria assembléia, sendo assim, é compreensível que os cristãos dos dois primeiros séculos não tenham pensado em construir lugares para o culto.

A Igreja, neste primeiro período, criou formas próprias de culto e a principal característica da liturgia foi o aspecto comunitário de “reunir-se”. As famílias de padrão de vida mais elevado ofereciam suas casas para as reuniões da comunidade cristã. Uma ampla sala bastava para lerem os escritos dos apóstolos e depois participar da ceia do Senhor, repartindo o pão em memória de Jesus.

Na Figura 3, um exemplo da disposição de uma casa onde os cristãos se reuniam:

- 1 - Átrio;
- 2- Tablínio – uma espécie de santuário familiar - passa a ser o local do celebrante;
- 3- Peristilo - o pátio interno – a assembléia se reúne neste lugar, local da pregação;
- 4- Triclínio – o refeitório da casa - local do culto sacrificial, onde o povo representa a última ceia em memória de Jesus.

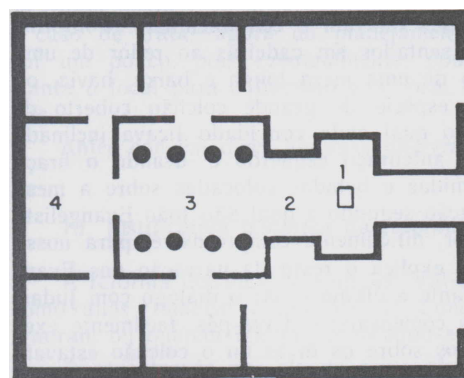


Figura 3 – Casa romana

Fonte: SCHUBERT, 1978, p 42.

O número de fiéis crescia e estas casas particulares já não bastavam para abrigar a todos. Surgem então os locais chamados de “casa da Igreja” a “domus ecclesiae”, salas maiores adaptadas ao culto.

A “ecclesiae” significava a reunião e só depois é que passou a significar o lugar da reunião.

O templo enquanto edifício material será denominado, por essa razão, nos primórdios do cristianismo, não Igreja, mas “casa da Igreja”, “domus ecclesiae”, isto é morada da comunidade convocada. Só através dessa mediação é que o templo é lugar da presença divina. A igreja-edifício é apenas a expressão da igreja-assembléia e, precisamente por ser assembléia casa, morada de Deus, o edifício é o templo. Daí a fácil mudança no nome igreja, que acaba sendo transferido da assembléia para as paredes materiais que a abrigam, para o templo. (BARÓBIO, 1990, p.176).

A liturgia vai se estruturando e o espaço celebrativo também. A “domus ecclesiae” se estabelece em locais fixos e não existe um modelo determinado de edifício: o que importa na “casa da Igreja” é a articulação dos espaços. E o que determina a articulação dos espaços é a celebração do mistério de Cristo. Utilizavam uma sala, como na estrutura da antiga sinagoga, onde proclamavam a Palavra. Noutro local, inspirado na sala preparada para a ceia de Jesus, participavam da ceia do Senhor. E, um outro espaço era utilizado como sala de batismo.

O aspecto essencial da liturgia cristã dos primeiros séculos é a centralidade do mistério pascal e a importância da participação do povo. Para os primeiros cristãos é a reunião que define o espaço.

Começa, então o processo de ritualização e sacralização do espaço e dos objetos que se destinam ao culto (GATTI, 2001). Aos poucos, vários elementos litúrgicos vão se inserindo no local da celebração cristã, a saber: o assento para quem preside a celebração – cadeira da presidência ou cátedra; a mesa da Palavra – ambão; a mesa da eucaristia – altar; e o local do batismo - a fonte batismal no batistério.

Com o grande aumento de fiéis, a estrutura da “domus ecclesiae” torna-se insuficiente e os cristãos mudam de espaço, passam para a basílica.

As basílicas eram originalmente edifícios que serviam às audiências de reis, reuniões cívicas e tribunais. Estes locais foram adaptadas pelos cristãos para as suas reuniões e sofreram poucas modificações, pois a abside convinha para a cadeira do bispo (cátedra) e os assentos dos presbíteros, o ambão (mesa da Palavra) foi colocado no começo da nave, e o lugar do altar (mesa da eucaristia) variava conforme a região. Em Roma, o altar situava-se preferencialmente próximo da abside, entre o clero e o povo. Além disso, o átrio foi adotado como espaço intermediário entre o mundo externo e o local de orações (Figuras 4 e 5). Com estas transformações o edifício passa a ser uma basílica cristã.

- 1- Pretor
- 2- Juízes assistentes
- 3- Altar de Minerva
- 4- Ambão de testemunhas
- 5- Ambão de advogados

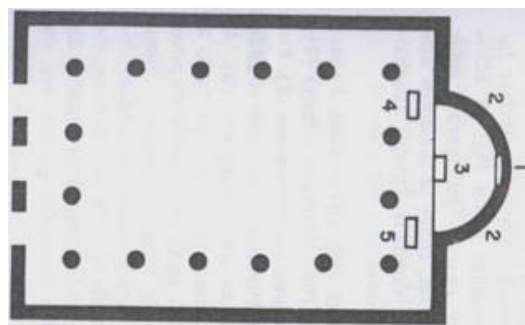


Figura 4 - Basílica pagã
Fonte: SCHUBERT, 1978, p. 43.

- 1- Bispo
- 2- Clero
- 3- Altar
- 4- Ambão do Evangelho
- 5- Ambão da Epístola
- 6- Batistério

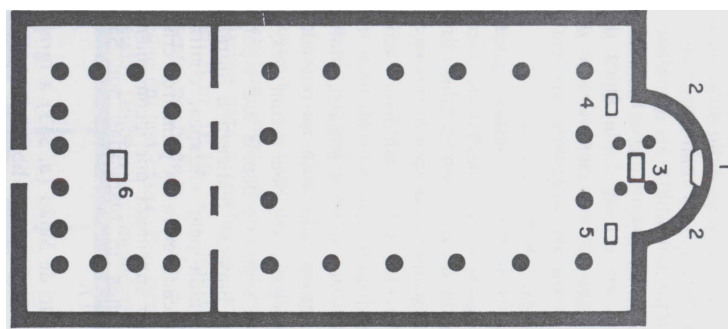


Figura 5 – Basílica cristã

Fonte: SCHUBERT, 1978, p. 44

Os cristãos se inspiram neste modelo como espaço para o culto, e a partir do terceiro século inicia a construção de edifícios com o fim simbólico de testemunhar a presença de Cristo na terra, conquistando mais fiéis. E o local da reunião passa a ser chamado “eclesia”. A atenção que era dada à celebração agora é dada ao local.

A liturgia recebe elementos próprios da cultura local. São criadas formas celebrativas diversificadas em cada comunidade e vão se fixando seus costumes, seus ritos e suas orações.

Houve épocas de perseguição pelo império romano em que os cristãos se reuniam escondidos nas catacumbas e os túmulos dos mártires serviam de altar. Depois de longo período de perseguição, o imperador Constantino, no ano 313, decreta liberdade para a Igreja e o número de cristãos se multiplica. O cristianismo se transforma posteriormente na religião oficial do Império. A liturgia passa por modificações devido à influência da cultura romana e da nova situação política, social e religiosa estabelecida pelo império. Os cristãos passam a se reunir em grandes edifícios, as basílicas. As celebrações se transformam em algo solene, com caráter imponente e suntuoso.

Neste momento já existe um clero institucionalizado e cresce o prestígio e a autoridade dos bispos de Roma. Criam-se orações, introduzem-se os ritos e surgem os primeiros livros litúrgicos.

Das basílicas deste período, restaram alguns edifícios, um deles é a basílica de Santa Sofia (Hagia Sophia), em Istambul (Constantinopla), construída no ano 537. Na planta baixa da basílica, observa-se que o ambão era no centro, próximo do povo. (Figura 6 e 7)

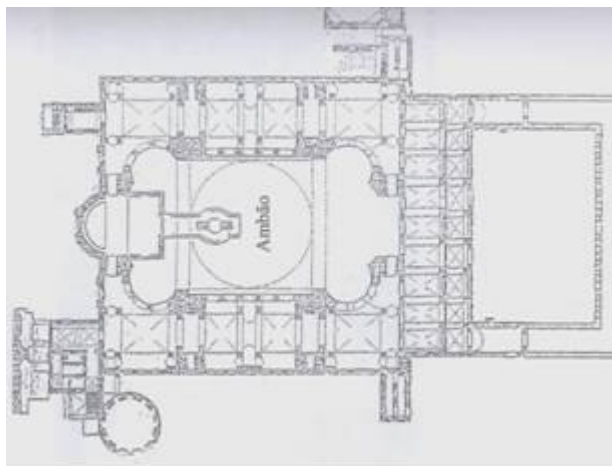


Figura 6 - Planta da Basílica de Santa Sophia

Fonte: WILMSEN, In: SILVA; SIVINSKI, 2001. p.214.



Figura 7 - Basílica de Santa Sophia

Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bas%C3%ADlica_de_Santa_Sofia>

Acesso em: 16 out2005

A beleza arquitetônica da basílica está nos seus contornos e nas suas dimensões. O interior era decorado com peças de mármore, mosaicos, pinturas nas paredes representando os principais eventos do Antigo e Novo Testamento. “Todo o conjunto enfatizava o caráter

escatológico da liturgia terrestre, que anunciava e realizava antecipadamente a liturgia do céu” (MACHADO, 2001, p. 21).

Até o século VIII, a Igreja romana foi desenvolvendo sua liturgia em função da necessidade de se elaborar e organizar as celebrações litúrgicas devido à grandiosidade das basílicas.

Com o altar aproximando-se da cátedra concentram-se na abside todas as ações da missa, da liturgia da palavra e da liturgia da eucaristia. A abside passa a ser o lugar do clero e a nave é o lugar dos fiéis. Os fiéis encontram-se distantes do altar, assim a abside começou a ser considerada como um lugar privilegiado da presença de Deus e a assembléia se aproxima dele em procissão. E a celebração eucarística tem como finalidade adorar o Deus Pai por meio de Jesus Cristo. (LUTZ, 19--)

A liturgia se adapta às culturas. Nos dois últimos séculos deste primeiro milênio houve uma transformação na liturgia romana devida à adaptação realizada pelos povos nórdicos.

Essa liturgia romana mudada pelos povos franco-germânicos foi mais tarde adotada por Roma e a Igreja entrou numa nova fase. Neste particular frei José Ariovaldo da Silva (In: BUYST; SILVA, 2003, p. 41) relata que:

Nesta fusão, a liturgia romana passa por profundas transformações: passa de um cunho pascal e comunitário (eclesial), com nobre simplicidade, para um caráter eminentemente devocionalista e individualista, com sortidas complicações. Trata-se de uma “passagem” sumamente significativa, pois determinará os rumos da liturgia ocidental em praticamente todo o segundo milênio da era cristã, [...]

A missa não é mais comunitária, transforma-se numa devoção privada do sacerdote ou de cada um dos fiéis presentes. Perde o sentido pascal da celebração cristã. Inicia-se um individualismo religioso apoiado nas devoções.

No período do século X a XIV, na idade média, a liturgia se distancia ainda mais do povo. A Igreja começa a ter sua liturgia mais reservada aos clérigos. A linguagem litúrgica não é mais a que o povo fala, é introduzido o latim, e assim os fiéis não conseguem mais participar das ações litúrgicas porque só o clero é que entende e nele se concentram todas as ações. O sacerdote é o único ator e os fiéis assistem passivamente.

Houve mudanças na celebração da missa. O sacerdote passou a rezar de costas para a assembléia, voltado para o oriente, nas igrejas com abside assim orientada. O altar deixou de estar no meio do presbitério e se aproximou do fundo da abside. Com a nova posição do celebrante, a cátedra e as cadeiras dos presbíteros também se deslocaram, saíram do fundo da abside e passaram para as laterais. Assim, o presbitério ganhou maior profundidade para

conter os bancos dos monges ou cônegos, uma nova categoria de participantes privilegiados da liturgia.

As modificações na liturgia trazem modificações no edifício. Com a multiplicação das missas privadas, ou seja, missa por intenção à saúde de um doente, a um defunto e a um santo protetor, multiplicaram-se os altares construídos nas naves laterais da igreja. Até então, o altar era único porque simbolizava só o Cristo. “Por outro lado, os fiéis procuravam formas de devoções para-litúrgicas, por exemplo, a veneração dos santos, aos quais dedicavam diferentes altares.” (LUTZ, Gregório, [19--], p. 50)

Constroem-se muitas igrejas monumentais, inicia na Itália o Românico, um estilo que se caracterizou pela força e solidez, grandes massas de pedra, igrejas com uma a cinco naves e torres, parecendo castelos e fortalezas, tendo como elemento decorativo o uso do arco romano. No interior aparecem contrastes de sombra e luz produzidos pelas pequenas e poucas aberturas. O ambiente é de penumbra e favorece o recolhimento. (Figura 8)

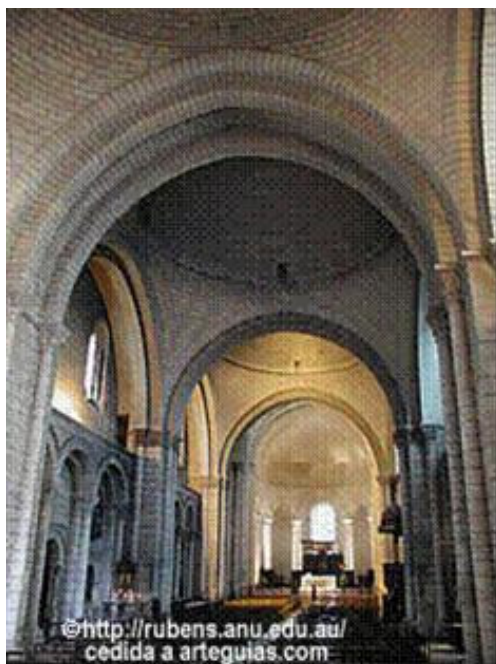


Figura 8 - Igreja do período românico

Disponível em: <<http://www.arteguias.com/arquitectura.htm>>. Acesso em 15 jul. 2005.

A liturgia é clerical e em latim, e o povo não participa. Como já mencionado, a proclamação da Palavra em latim já não é mais um ensinamento acessível a todos e fica reduzido a um rito. As plantas das igrejas deste período assumem formas variadas, como: longitudinais; cruz latina; cruz grega, formada por naves iguais; circulares ou poligonais. Na Figura 9, uma representação esquemática da igreja deste período. A nave principal, situada no eixo leste-

oeste, é cortada pelo transepto, dando-lhe a forma simbólica de cruz. No fundo a abside, onde está o altar. A iluminação se dá através de pequenas aberturas nas naves laterais e no cruzeiro que não conseguem atenuar o aspecto sombrio da igreja românica.

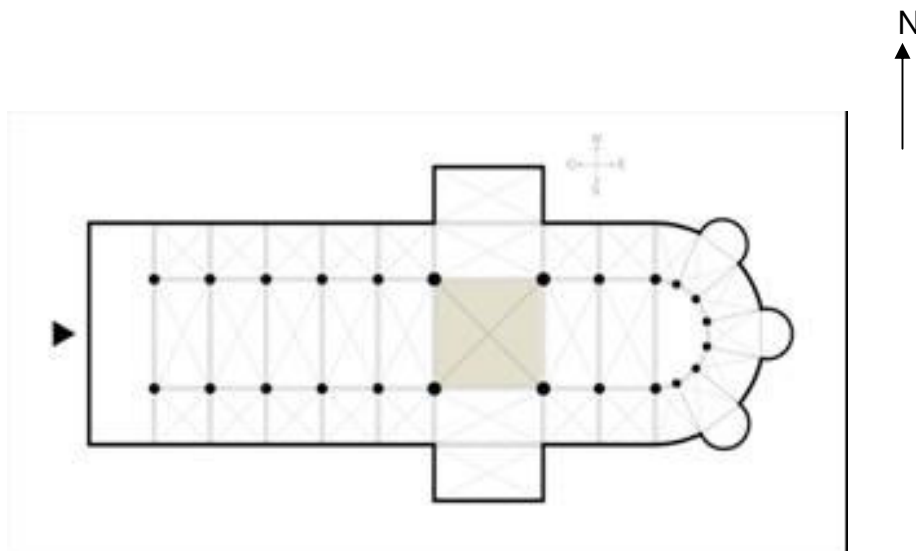


Figura 9 – Representação esquemática – igreja do período românico

Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Cruzeiro_%28arquitectura%29>

Acesso em: 04 maio 2005.

No interior, além da figura do Cristo, surgem cenas e relatos em afrescos. O olhar do fiel é direcionado para a abside decorada numa profusão iconográfica de mosaicos, esculturas e pinturas.

Surgem as paredes de divisão entre do coro e a área dos fiéis, parede alta que a princípio era para proteger os monges do frio. Em consequência, o altar fica fora da vista do fiéis.

O surgimento de uma verdadeira separação (gradis, grades, gradeados, cancelas, degraus, escada, balaustradas) entre altar, presbitério e nave ao longo da Idade Média foi uma das principais causas ou sintomas decisivos (a depender do ponto de vista) da crise litúrgica multissecular de que a Igreja padeceu. (BAROBIO, 1990, p.178).

Nos séculos XII e XIII, a reserva eucarística (o pão consagrado na missa) passa a ganhar muita importância. Antes, era guardada na sacristia para a comunhão dos enfermos, depois passa a ser guardada num nicho na parede, e mais tarde num recipiente em forma de um pequeno cofre suspenso acima do altar. Só no século XVI, o sacrário torna-se fixo e sobre o altar.

O povo não participa mais da liturgia e nem da comunhão. Então, surge a adoração da hóstia. Por estar distante, o padre adota o costume de levantá-la na hora da consagração para o povo ver e fazer a adoração. Surge a dramatização de gestos e ações litúrgicas do padre na missa. Há um aumento de devoções privadas como o rosário e a via sacra, e um crescente individualismo religioso (SILVA In: BUYST; SILVA, 2003).

As igrejas góticas, século XII até XVI, surgem como símbolo do poder dos reis e mais tarde dos burgueses e corporações. Caracterizada pelo seu volume vertical, colunas altas, arcos em forma de ogivas, as paredes dão espaços para grandes janelas que permitem a entrada da luz do sol em múltiplas cores, lembrando a presença divina. (Figura 10) A arquitetura gótica procura o máximo de luz no interior de suas igrejas. A decoração é mais exuberante, com estátuas de santos e vitrais. O templo é um livro aberto: o colorido dos vitrais e o alto relevo narram ao povo a história da religião e daquele a quem se dedica o templo. Para os pobres, uma catequese através dos vitrais. O presbitério é maior, com amplo espaço para os monges. “Em lugar do Cristo ressuscitado, é o Crucificado que ocupa o centro da liturgia” (BUYST In: BUYST; FRANCISCO, 2004, p.151). No arco gótico a humanidade quer elevar os seus sentimentos numa busca de proximidade com Deus. (Figura 11)

Assim, a catedral gótica representava não somente a expressão do mundo acerca de Deus, mas também a própria comunhão entre Ele e o Homem através da arquitetura, numa verdadeira celebração litúrgica por meio da arte. (OLIVEIRA, 2005)

A idade média trouxe consigo um processo de transformação na compreensão da liturgia que foi consagrada no Concílio de Trento, realizado de 1545 a 1563. Abaixo se destacam os momentos mais importantes desse processo: (LUTZ, 19--)

- ✓ Latim como língua litúrgica - os fiéis não participam mais da ação litúrgica e são representados pelos sacerdotes para se dirigir à Deus;
- ✓ Altar no fundo da abside - distância entre a assembléia e o altar;
- ✓ Multiplicação de missas celebradas simultaneamente na mesma igreja - multiplicação de altares;
- ✓ Devoção privada – individualismo religioso – veneração pelos santos;
- ✓ Eucaristia não mais como celebração da Ceia do Senhor, mas como a ocasião da adoração do Santíssimo Sacramento – sacrário como destaque - altar como suporte do sacrário.



Figura 10 – Vitrais

<http://www.bc.edu/bc_org/avp/cas/fnart/arch/gothic/chapell2.jpg>
Acesso em 15 julho 2005

Figura 11 - Catedral Gótica
Colônia – Alemanha

Disponível em:< <http://www.lbi.ic.unicamp.br/~mreis/fotos/cologne/koeln.html>>
Acesso em: 22 maio 2005

Surge o renascimento em Florença, na Itália, por volta de 1420. Período mais voltado para a ciência, mais racional. Rompe-se com o gótico, a luz colorida desaparece, valorizando-se a luz branca e indireta. É o renascimento dos valores clássicos e da arquitetura clássica.

A Igreja retoma o poder apoiada no estilo clássico da arquitetura que marca o Papado em Roma. As igrejas deste período possuem linhas mais horizontais em equilíbrio com as verticais, surgem os edifícios mais amplos, e fazem-se uso dos grandes artistas do momento como Michelangelo. (Figura 12)

“A Igreja deixa de ter o caráter místico, espiritualizado, para se transformar numa realidade grandiosa”. (MACHADO, 2001, p.23). O altar continua não sendo o centro, está no fundo, encostado na parede. Há uma barreira entre a assembléia e o presbitério formada por pequena mureta com balaustres.



Figura 12 – Interior da Basílica de São Pedro – Roma

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Nave_%28arquitettura%29>
Acesso em: 4 maio 2005.

“A partir do renascimento, a arquitetura religiosa se caracterizará por uma busca permanente da representação do poder religioso, e da autoridade divina.” (SIERRA, 2005).

Em pleno século XVI inicia a reforma protestante, a igreja católica responde com a contra-reforma. Lutero e seus seguidores querem mudanças na igreja, protestam face à anarquia que a Igreja vem sofrendo e a alienação do povo à liturgia. A Igreja, através do Concílio de Trento, promove algumas reformas litúrgicas importantes, mas não atende a todas as reivindicações dos reformadores protestantes. Mantém, por exemplo, a obrigatoriedade da liturgia em latim e não favorece a participação direta do povo na celebração litúrgica.

Com a contra-reforma a Igreja quer conquistar os espíritos das massas católicas e deter o avanço do protestantismo, em uma tentativa de restaurar o domínio do catolicismo.

Surge o barroco, no século XVII, o movimento cultural da contra-reforma. “As celebrações litúrgicas barrocas são brilhantes e espetaculares, mas cada vez mais distantes do verdadeiro espírito da liturgia” (SILVA In: BUYST; SILVA, 2003, p. 51)

A concepção litúrgica novamente reflete-se na estruturação do espaço. As igrejas após o Concílio de Trento possuem a nave mais ampla e o presbitério com menos profundidade do que os do passado. No fundo do presbitério está o altar e sobre ele o sacrário, surge como um só conjunto com o retábulo e a parede, com a função de criar uma cornija de gloria para a celebração eucarística. O retábulo, cada vez maior, chega a ocupar toda a parede do fundo reduzindo a importância do altar que passa a não ser mais reconhecido como a mesa da celebração: é um simples elemento arquitetônico que serve de trono para o Cristo presente na eucaristia. (Figura 13)



Figura 13 – Igreja barroca

Iglesia de San Esteban, Espanha

Disponível em: < http://www.wesleyan.edu/madrid/madrid/madrid_11.htm>

Acesso em 16 jul. 2005.

Os altares se multiplicam com imagens dos santos e de Maria. Há várias capelas, isoladas umas das outras nas laterais da nave. Atraem devoção, espiritualidade individualista, uma busca pelo divino. As capelas laterais também possuem retábulos em seus altares glorificando o santo pelas quais foram erigidas. A comunhão se separa do contexto da missa

e se converte numa devoção privada e a capela do santíssimo sacramento passa a ser o local onde se distribui a comunhão.

A homilia vira sermão e se desenvolve no púlpito, que também é usado fora da missa para a catequese. Conservando o uso do latim, o concílio de Trento não devolveu a importância da Palavra de Deus e o lugar da Palavra é uma estante móvel. O púlpito da pregação é elevado e fica numa parede longe do altar. O confessionário surge de forma a favorecer o anonimato.

Desenvolve-se a música sacra. A igreja parece um imenso salão com palco e galerias, o coro fica no alto.

Difunde-se a devoção à Via Sacra e as paredes das igrejas são ornadas com as catorze estações da paixão e morte de Jesus Cristo.

A missa tem cunho festivo e o edifício é preparado para a festa com destaque ao tabernáculo (sacrário) que está sobre o altar. Mas, a participação ativa do povo não acontece. Os elementos exteriores são enaltecidos de modo exagerado, de forma que o essencial fica minimizado. E o povo se entrega às suas devoções particulares e aos santos padroeiros.

Na época da Contra-Reforma, a Igreja Católica quis afirmar-se contra as Igrejas Protestantes; então, suas igrejas se caracterizavam pelo pomposo estilo barroco e o centro é, não mais o altar, mas o tabernáculo, insistindo na presença real de Jesus Cristo na hóstia sagrada. (BUYST In: BUYST; FRANCISCO, 2004. p.151).

Foi esta liturgia de moldes medievais e pós Concílio de Trento que os colonizadores e os missionários portugueses e espanhóis transpuseram para o continente latino-americano.

Segundo o frei José Arioaldo da Silva, herdamos uma liturgia em que o mistério de Deus não era celebrado comunitariamente, um ritual feito pelo clero, em que o povo apenas assistia à distância as cerimônias feitas pelo padre no altar. Frei José Arioaldo da Silva (In: BUYST; SILVA, 2003, p. 53) neste particular ainda comenta que:

Foi uma liturgia em que o povo, não se sentindo mais protagonista da ação litúrgica, naturalmente soube preencher este vácuo dedicando-se às devoções aos santos, ao Santíssimo Sacramento, às procissões, novenas, etc. Vive-se um deslocamento de eixo, da centralidade da liturgia como celebração do mistério de Cristo para as devoções, enaltecendo sobretudo a “presença real” e os santos.

Foi uma liturgia em que os sacramentos eram vistos, não como celebração (atualização) do mistério pascal em nossas vidas, mas preferencialmente como “remédio” para curar os males (ou preveni-los) e manter uma boa relação de amizade com Deus (para escapar dos castigos e do perigo do inferno).

No Brasil, esta liturgia herdada adaptou-se à nova situação social dos povos que aqui viviam. A história dos locais de celebração do catolicismo no Brasil iniciou com o barroco e tem influências dos índios, dos negros e da cultura européia.

Quanto às adaptações, no que diz respeito à organização do espaço da celebração, algumas igrejas chegaram a ter locais determinados para cada grupo social, havia o local do clero, das mulheres, dos homens, dos negros e escravos, lugar para pessoas importantes que ficava entre o presbitério e a nave e o local para os cantores e orquestra. Ainda existiam igrejas para escravos negros e igrejas só para brancos. “A missa, sobretudo nas festas de padroeiro, era celebrada com grande pompa barroca adaptada ao ambiente social próprio do Brasil colonial.” (SILVA In: BUYST; SILVA, 2003, p. 55)

Na Figura 14, apresentam-se exemplos da igreja barroca brasileira, muito ornamentada, altares com grandes retábulos bem trabalhados, torneados, onde a figura principal é o sacrário e acima deste o padroeiro.



Ig. Nosso Senhor do Bonfim
Salvador –Ba



Ig. Nossa Senhora da Conceição da Praia
Salvador –Ba

Figura 14 - Barroco brasileiro

Fonte: Fotografias do autor

A industrialização, o desenvolvimento da ciência e a revolução industrial marcaram uma época em que arquitetura e Igreja se separaram. No século XIX a Igreja sonhava com a reconquista cristã da idade média, desejava ver o gótico na Igreja. “A revivescência gótica

chegou a praticamente todas as partes do mundo. De certa maneira, tornou-se o estilo de vida da alta era vitoriana, impelido por uma onda de vigoroso e reanimado cristianismo” (GLANCEY, 2001, p. 148). Tal fato justifica a existência de construções deste estilo no século XIX chegando até meados do século XX, onde retomaram-se todos os demais estilos, surgindo cópias do passado, como o neogótico, o neoclássico e o neoromânico.

No princípio do século XX, surge na Igreja o *movimento litúrgico* que resultou na reforma da liturgia através do Concílio Vaticano II.

1.3 A LITURGIA E O ESPAÇO DA CELEBRAÇÃO APÓS O CONCÍLIO VATICANO II

Após certa imobilização durante séculos, o Concílio Vaticano II faz uma série de mudanças na liturgia para chegar melhor ao homem contemporâneo.

Foi com o Papa João XXIII que a Igreja aceitou o mundo moderno. Foi ele que anunciou o Concílio, onde a liturgia foi renovada e houve mudanças na organização dos espaços da igreja.

No dia 4 de dezembro de 1963, durante o Concílio Vaticano II, a Igreja promulgou a Constituição “Sacrosanctum Concilium”, resgatando aspectos essenciais da liturgia que se haviam perdido, como a centralidade do mistério pascal, a importância da participação do povo, a simplicidade da liturgia romana e sua adaptação às diferentes culturas. (SILVA In: BUYST; SILVA, 2003b)

As mudanças foram de uma liturgia estática, privada, liturgia do clero, com sua própria língua e o povo como espectador, para uma liturgia compreendida, comunitária, ativa, participativa, com o Cristo no centro. O Concílio resgatou o símbolo litúrgico mais importante, que é a assembléia reunida para o culto, símbolo este que se havia esquecido por mais de um milênio. (WILMSEN In: SILVA; SIVINSKI, 2001)

Agora quem celebra não é o clero e sim todo o povo reunido em assembléia. Então, o sujeito da celebração volta a ser a assembléia. (BARÓBIO, 1990)

A grande aspiração da reforma litúrgica é a participação ativa dos fiéis na liturgia, e a participação não é só dos textos litúrgicos, mas também reaproximar os fiéis dos atos celebrados.

A participação ativa, algo ao mesmo tempo, interno e externo que envolve toda a pessoa, é um dos conceitos mais importantes da renovação litúrgica. Boronto (In: SILVA; SIVINSKI,

2001, p. 62) define participação ativa da seguinte forma: “Na linguagem litúrgica aparecem indicando sempre uma relação com alguém, ter algo em comum, vale lembrar que em se tratando de liturgia esse alguém é o *mistério*”.

Para Ione Buyst (2001), participar é ter parte na ação litúrgica, na vida litúrgica e na ação sagrada.

José Raimundo de Melo (In: SILVA; SIVINSKI, 2001) observa que a finalidade da participação ativa na assembléia é: aproximar o povo da liturgia, manifestar a Igreja através da reunião da assembléia, alimentar espiritualmente os fiéis, conduzir à experiência vivencial da oração litúrgica e proporcionar a participação interior e espiritual.

O autor ainda completa que os meios para esta participação ativa são: a educação litúrgica dos fiéis, a adoção da língua vernácula nas celebrações, a adaptação do espaço à celebração, a preparação da celebração, a introdução de variações na celebração segundo a solenidade dos dias e das assembléias, a valorização da homilia, a utilização dos gestos simbólicos, o incentivo ao canto e à música litúrgica, a promoção de momentos de silêncio, e a recepção da comunhão eucarística.

Participação entendida como a passagem de uma forma de culto distante para uma confluência consciente entre povo, sacerdote e rito, significa passar de uma liturgia de ouvinte para a de comunhão e partilha, significa passar de uma arquitetura estritamente racional para um espaço partilhado entre o Deus Vivo e o homem. (OLIVEIRA, 2005)

O espaço físico da Igreja torna-se importante após esta reforma. Não existe um modelo, mas o espaço do culto deve ser de acordo com as necessidades funcionais para a celebração das ações litúrgicas e de maneira que obtenha a participação mais ativa dos fiéis.

Há um retorno à simplicidade e funcionalidade e um abandono do simbolismo excessivo. Não existe mais a separação física do presbitério e da nave com muretas e grades. O presbitério, se possível deve estar inserido na assembléia para melhor participação dos fiéis.

Na organização da igreja, três peças litúrgicas merecem a atenção: o altar, o ambão e a cadeira da presidência. (Figura 15)

O Concílio Vaticano II resgatou o valor simbólico do altar e sua original simplicidade como mesa. O altar deve ser único porque significa um só Cristo e uma só eucaristia dentro da Igreja. O altar é o centro da Igreja, deve estar mais próximo do povo, afastado da parede do fundo de modo que possa ser facilmente circundado e o celebrante ficar de frente para o povo.

O tabernáculo é retirado do altar da celebração e vai para uma capela à parte, apropriada para adoração e oração privada dos fiéis.

A mesa da Palavra, o ambão, é outro elemento resgatado pelo Concílio, é onde a palavra de Deus é anunciada na língua do povo, deve ter o mesmo cuidado e destaque que o altar.

Na liturgia reformada, a cadeira do celebrante representa o lugar da presidência, e deve ser colocada de modo que o celebrante possa ver e ser visto pela assembléia. Expressa a função de presidir a assembléia e dirigir a oração.



Figura 15 - Exemplo de igreja após o Concílio Vaticano II
Catedral da Sagrada Família – Campo Limpo - SP

Fonte: PASTRO, 2001, p. 106

A pia batismal passa a ser colocada dentro da nave, à vista de todos, para que possam participar deste ato tão importante na vida cristã.

Quanto ao culto dos Santos, não houve grandes mudanças no Concílio Vaticano II, apenas sugerem-se maior simplicidade e evitar um número excessivo de imagens.

A Igreja, nunca considerou um estilo como próprio seu, mas aceitou os estilos de todas as épocas, segundo a índole e condição dos povos e as exigências dos vários ritos, criando deste modo no decorrer dos séculos um tesouro artístico que deve ser conservado cuidadosamente. Seja também cultivada livremente 'na Igreja a arte do nosso tempo, a arte de todos os povos e regiões, desde que sirva com a devida reverência e a devida honra às exigências dos edifícios e ritos sagrados. Assim poderá ela unir a sua voz ao admirável cântico de glória que grandes homens elevaram à fé católica em séculos passados. (Constituição Conciliar sobre a Sagrada Liturgia, item 123)

Assim, após o Concílio Vaticano II, as novas igrejas devem ser construídas para atender a liturgia renovada e, quanto às igrejas antigas, orienta-se que sejam conservadas e adaptadas.

Abaixo, o resumo das principais características da liturgia na história da Igreja.

Primeiro milênio	Segundo milênio	Após Concílio Vaticano II
Centralidade do Mistério Pascal	Mais importante são os Santos e Santíssimo Sacramento	Centralidade do Mistério Pascal
Sacramentos: celebração/atualização do Mistério Pascal	Sacramento como remédio	Sacramentos: celebração/atualização do Mistério Pascal
Centralidade da Palavra	Vida dos Santos/ lendas em torno dos santos e do Santíssimo Sacramento	Centralidade da Palavra
Caráter comunitário da liturgia (participação)	Individualismo religioso	Caráter comunitário e ministerial da liturgia
Adaptação às diferentes culturas – famílias litúrgicas	Centralismo romano: uniformidade romana	Adaptação da liturgia às diferentes culturas
Liturgia romana: simplicidade, praticidade. Garantir o essencial – Mistério Pascal	Cerimonial complicadíssimo – auge pompa barroca. Valorização dos elementos exteriores do culto	“nobre simplicidade” (SC 34) Garantir o essencial: Palavra/ Mistério Pascal

Fonte: Adaptação do livro de José Ariovaldo da Silva (2003)

CAPÍTULO II – IGREJA-EDIFÍCIO

2.1 ARQUITETURA RELIGIOSA

A igreja é o local onde os fiéis se reúnem para a celebração litúrgica. Lugar onde se realiza a liturgia, portanto é a liturgia que determina o espaço.

Na igreja católica realizam-se diferentes celebrações, tais como, a missa, o batismo, a primeira eucaristia, a reconciliação, a ordenação. Mas a principal delas é a missa.

A Constituição Conciliar sobre a Sagrada Liturgia no artigo 124 orienta que: “... Na construção de edifícios sagrados, tenha-se grande preocupação de que sejam aptos para lá se realizarem as acções litúrgicas e permitam a participação activa dos fiéis”.

As igrejas católicas devem ser construídas de tal forma que facilitem a reunião de pessoas, devem ser funcionais e confortáveis tanto para a celebração das ações litúrgicas, como para obter a participação ativa dos fiéis.

A organização interna de uma igreja, sua arquitetura de interiores, seu mobiliário, sua arte, seu visual, enfim tudo que compõe o local da celebração deve também ser entendido e vivenciado como realidade simbólica.

Para Buyst (2001) a igreja-construção abriga a Igreja-gente. A construção de uma igreja expressa a Igreja-comunidade, sua estrutura deve transparecer o mistério que dá vida às comunidades cristãs.

Conforme Baróbio (1990), para o cristão o templo em si não é o lugar da presença de Deus, mas é mais precisamente o lugar da assembléia em que Deus se faz presente. O templo não deve estar somente a serviço das necessidades materiais da assembléia e da celebração, mas desempenhar outro serviço que é exprimir o seu mistério, o seu significado cristão-eclesial.

Então, entende-se que o edifício deve ser funcional e ao mesmo tempo simbólico. Para ser funcional deve favorecer as ações litúrgicas desenvolvidas na celebração, favorecer o ato de “reunir-se” e facilitar a participação ativa dos fiéis. Para ser simbólico deve contribuir para manifestar a ação simbólica e transparecer as realidades místicas que abriga.

No projeto de uma igreja, ao se trabalhar com a funcionalidade e o simbolismo, gera-se um espaço que contribui para a experiência dos fiéis com o mistério do Cristo, que é todo o centro da liturgia católica.

É fundamental no projeto do espaço religioso, organizar e distribuir bem o espaço, diferenciar as zonas dos diversos ministérios de acordo com a liturgia atual para que expresse a Igreja e abrigue os fiéis em reunião para a celebração.

Machado (2001, p. 33) afirma que: “A igreja é, assim, a imagem da comunidade que abriga. É a projeção espacial e a expressão plástica da comunidade. A construção reflete na sua forma a fisionomia, o jeito de ser Igreja em determinado tempo e lugar”.

No projeto de uma igreja deve-se ter como principal objetivo atrair a atenção dos fiéis para o que está sendo celebrado e inseri-los ativamente no mistério da liturgia. A forma e a ornamentação do espaço, a luz, as cores, tudo isto pode contribuir de maneira eficaz.

Frei José Arioaldo da Silva (2005) considera:

Quatro são os elementos fundamentais que não devem faltar na organização simbólico-sacramental do espaço litúrgico, pelos quais nos é dado perceber da presença amorosa de Deus na celebração da divina Liturgia. Valorizar a presença destes quatro elementos, com sentido profundamente teológico, eis um dos grandes desafios a partir da nova sensibilidade litúrgica despertada (resgatada!) a partir do Concílio Vaticano II.

Os elementos fundamentais na celebração litúrgica a que o texto acima se refere são:

- ✓ o altar - como presença de Cristo no alimento;
- ✓ a mesa da Palavra ou ambão - como a presença de Cristo na Palavra;
- ✓ a cadeira da presidência – representa aquele que preside a assembléia;
- ✓ o espaço da assembléia – representa a comunhão dos cristãos dispostos a celebrar a Eucaristia no altar e ouvir a Palavra no ambão.

A assembléia se reúne em torno dos três pólos, ou seja, o altar, o ambão e a cadeira da presidência (sédia ou cátedra). Estes elementos decidem, através de uma adequada inter-relação, a organização do espaço para que se realize uma boa celebração litúrgica. No momento da celebração a atenção da assembléia é para quem preside, para quem proclama a Palavra e para quem no altar congrega a assembléia. Deve-se evitar o distanciamento ou afastamentos de um dos três pólos em relação ao outro e também em relação aos fiéis. (BARÓBIO, 1990)

Na figura 16, um exemplo de espaço para a celebração.

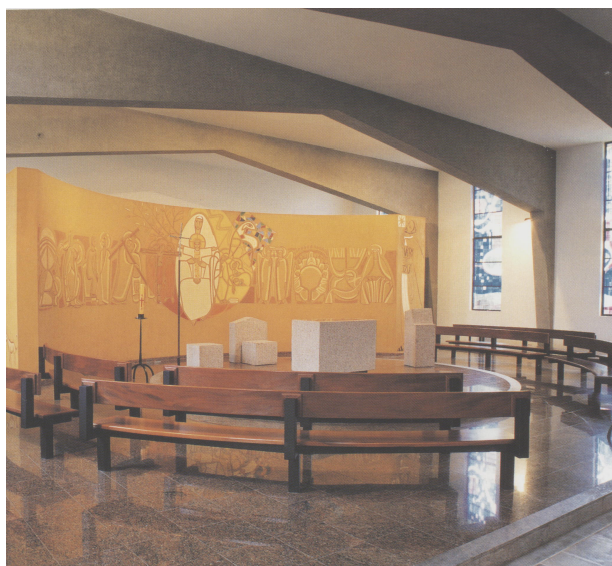


Figura 16 - Capela
Capela do Colégio N. Sra. do Rosário, São Paulo.
Fonte: PASTRO, 2001, p. 60.

2.1.1 Tipos de igrejas

Há vários tipos de igrejas católicas, cada uma tem uma destinação, uma posição ou uma finalidade. Abaixo, os principais grupos de igrejas descritas por: (SCHUBERT, 1978, p. 9-12).

Catedral:

O nome catedral vem de cátedra, cadeira do bispo, símbolo de magistério. É a igreja de uma diocese e classifica-se em: Episcopal, igreja do bispo, de uma diocese; Arquiepiscopal, igreja do arcebispo, de uma arquidiocese; Primacial, do Primaz, é o ocupante de uma diocese que historicamente é a mais antiga criada no país, no Brasil corresponde ao Arcebispo da Bahia; Patriarcal, do patriarca, que é um título concedido a determinadas sedes históricas; Metropolitana, quando a sede da diocese é ao mesmo tempo capital do estado ou país. É uma igreja para solenidades especiais, com grande número de pessoas reunidas. Na catedral realizam-se cerimônias preferencialmente executadas pelo bispo, as funções de ordenação de sacerdote, as funções pontificais, sagração dos santos óleos e da crisma.

Igreja Paroquial (Matriz):

Igreja paroquial é a igreja da comunidade. O padre é nomeado pelo bispo para ministrar o povo de determinada área. Segundo Mons. Guilherme Schubert (1978, p. 10): “[...] é a célula-mater da vida comunitário-religiosa [...]”, ainda comenta que o arquiteto que souber

projetar uma paróquia saberá também projetar outras igrejas porque todas partem do conhecimento do funcionamento da igreja Matriz.

Capela:

É um templo com dimensões reduzidas, atende a poucas pessoas. Pode ser reservada para uma pessoa, para uma família, ou aberta ao público. Celebra a missa, pode ou não seguir o calendário litúrgico. Sua destinação normalmente é específica, como capelas de religiosas, capela para alunos de um colégio, capela para quartéis de militares, capela do cemitério, etc. Pode ter ou não acesso para a rua.

Santuário:

Refere-se a uma igreja que é centro de peregrinações por causa de uma devoção a Deus ou aos Santos. No Santuário considera-se um maior número de pessoas, o movimento de entrada e saída de fiéis é muito grande, e todos querem ver a imagem a ser venerada. Normalmente as pessoas formam fila para ver ou rezarem junto à imagem, outras, distribuídas na igreja, buscam o silêncio para suas orações particulares.

Basílica:

Neste caso Schubert distingue a basílica quanto a sua forma arquitetônica, ou seja, a basílica pagã dos primeiros tempos que se transformou em basílica cristã e ao título de basílica dado a algumas igrejas de Roma. São chamadas de Basílica Maior as mais importantes igrejas de Roma, uma delas é a de São Pedro no Vaticano. E sob a forma de Basílica Menor as igrejas fora de Roma, dado a sua importância histórica, artística ou pela notável veneração dada pelos fiéis.

Outras Igrejas:

Igreja Filial – igreja da comunidade, semelhante a da Matriz, à qual é subordinada. Pode ter um sacerdote residente ou ser atendida pelo pároco da Matriz.

Igreja Colegiada – igreja onde atua um grupo de sacerdotes diocesanos, que recita em comum o Ofício Divino. Hoje raro no Brasil.

Conventual - Igreja ligada um convento de religiosas ou de religiosos.

Abacial – quando o superior da ordem é um abade, como os beneditinos.

Irmandade – construída e administrada por uma associação religiosa de leigos sob jurisdição do bispo, funciona como uma igreja filial.

2.2 ESPAÇOS QUE COMPÕEM A IGREJA-EDIFÍCIO

A igreja é constituída por vários espaços e todos têm significado e funções específicas. Os conceitos dos espaços descritos abaixo, orientam para o projeto de uma igreja hoje, após o Concílio Vaticano II. Como num projeto de arquitetura procura-se atender às finalidades da construção, entende-se que na organização dos espaços de uma igreja e de suas dependências, sendo um local de reunião, deve-se seguir também outras regras de projeto de arquitetura e orientações mais específicas da diocese e da comunidade de determinado local. O exemplo de igreja na figura 17 mostra estes espaços, ou seja, a entrada, a nave, o presbitério, a capela do Santíssimo, a sacristia, o local da reconciliação (confessionário), e outros que são próprios desta igreja.

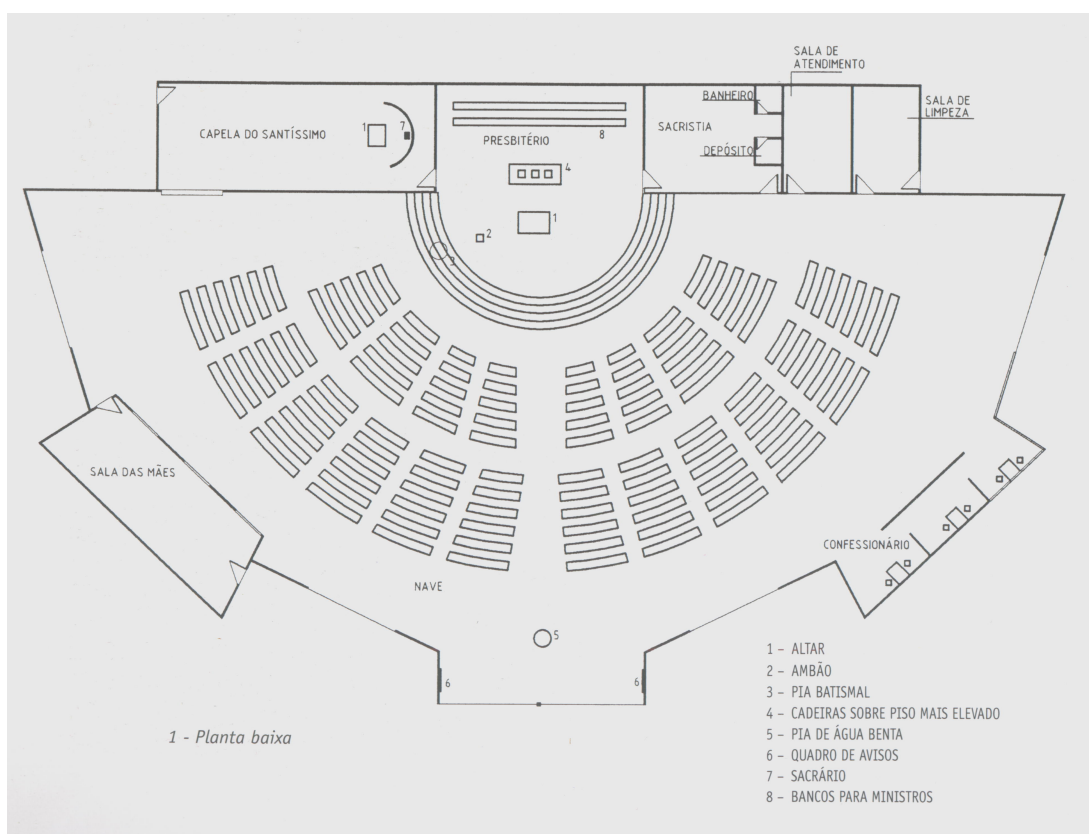


Figura 17 - Distribuição dos espaços na igreja

Catedral de São Mateus, ES
Fonte: MACHADO, 2001, p. 74.

2.2.1 Presbitério

É o local onde se celebra, onde atuam o celebrante e seus ministros, nele estão as principais peças litúrgicas. Lugar onde está o altar, a cadeira da presidência e dos ministros.

O ambão e a estante do comentarista poderão ser colocados no presbitério, porém não são obrigatórios.

Encontra-se nas igrejas antigas e muitas das atuais uma divisão entre presbitério e nave, mas o presbitério não deve ser separado e sim diferenciado da nave, comunicando-se com ela. Deve dar a idéia de inserido na assembléia, aproximar-se do povo, pelo fato da celebração da eucaristia ser uma ação conjunta do celebrante e do povo.

Nas igrejas grandes, onde se tem um maior número de fiéis, é recomendável que o presbitério fique num plano mais elevado, para se destacar e também para que os fiéis tenham uma boa visibilidade. (Figura 18)



Figura 18 – Presbitério

Catedral de São Mateus, ES.
Fonte: MACHADO, 2001, p. 75.

2.2.2 Nave

É o local onde os fiéis se reúnem, é o espaço da assembléia. Os fiéis necessitam, a depender do rito, sentar-se, ajoelhar-se, ficar de pé, circular pela igreja e aproximar-se do altar. A nave é o local onde estão os bancos voltados para o presbitério, deve ser funcional e favorecer a participação dos fiéis nos ritos. Como todos devem sentir-se em comunhão com todos, neste sentido, evitar fracionamentos no espaço, grupos isolados e lugares privilegiados.

Deve ter conforto físico com cadeiras ou bancos, boa visibilidade, boa acústica e espaços para circular. “o ideal para a liturgia renovada depois do Concílio não são igrejas compridas, mas uma disposição tal que favoreça a aproximação entre a assembléia e o presbitério e a

participação de todos.” (MACHADO, 2001, p. 36). Uma boa configuração dos bancos é aquela em que as pessoas possam se ver, porque o principal elemento litúrgico é reunir-se, é estar juntos. Deve-se prever um espaço para circulação na nave com largura suficiente para permitir procissões. Nas figuras 17 e 18 acima, pode-se observar que no espaço da assembléia, os bancos estão, todos voltados ao presbitério.

2.2.3 Átrio:

É o lugar de chegada e encontro ou hall de entrada. Na arquitetura cristã, a entrada sempre teve uma grande importância, significa um lugar de transição, separa o exterior do interior. Passar pelo átrio significa inserir-se na comunidade e ser acolhido nos braços de Deus. É comum, neste local, fixar quadros de avisos, disporem folhetos para distribuir, e situar a pia de água benta que tem o significado de purificação e preparação para a liturgia.

2.2.4 Batistério:

É o lugar da fonte batismal, onde se realiza o batismo, pode ser numa capela lateral, ou em um lugar na entrada da igreja, ou ainda, na frente da assembléia. Após o Concílio Vaticano II, deu-se preferência à localização na frente da assembléia ou no meio porque facilita a participação dos fiéis na acolhida dos novos membros.

Pode ser uma pequena pia batismal que permita o batismo somente por aspersão, ou uma fonte batismal que permita o batismo por imersão; neste caso é recomendável o uso de água corrente. (Figura 19)



Catedral de Duque de Caxias, RJ



Catedral de São Mateus, ES

Figura 19 – Fonte batismal e pia batismal

Fonte: MACHADO, 2001, p. 147.

2.2.5 Capela do Santíssimo:

A capela do santíssimo é o lugar dentro da igreja destinado a colocação do sacrário (tabernáculo). A Instrução Geral sobre o Missal Romano (2004), no artigo 315, recomenda que o tabernáculo, onde se conserva a Santíssima Eucaristia, seja colocado numa capela apropriada, e, se colocado no presbitério, que seja fora do altar de celebração. (Figura 20)



Figura 20 – Capela do Santíssimo
Igreja N. Sra. da Conceição da Tijuca, Rio de Janeiro
Fonte: Arquivo fotográfico do autor

A capela deve estar também preparada para favorecer a oração individual e comunitária. É importante que esteja separada do espaço principal, mas organicamente ligada à igreja e visível ao povo.

O sacrário é como um pequeno cofre que serve para guardar as reservas eucarísticas. De acordo com a tradição, deve-se manter uma lâmpada sempre acesa ao lado do sacrário, o que indica a presença de Cristo. (Figura 21)



Figura 21 – Sacrário
Fonte: PASTRO, 2001, p. 76.

2.2.6 Local da Reconciliação:

É o local onde há o diálogo entre o fiel e o padre para a confissão individual. Nas igrejas antigas havia o confessionário. Hoje, este local pode estar numa capela, a capela da reconciliação, ou num espaço reservado na assembléia.

2.2.7 Local do Coro:

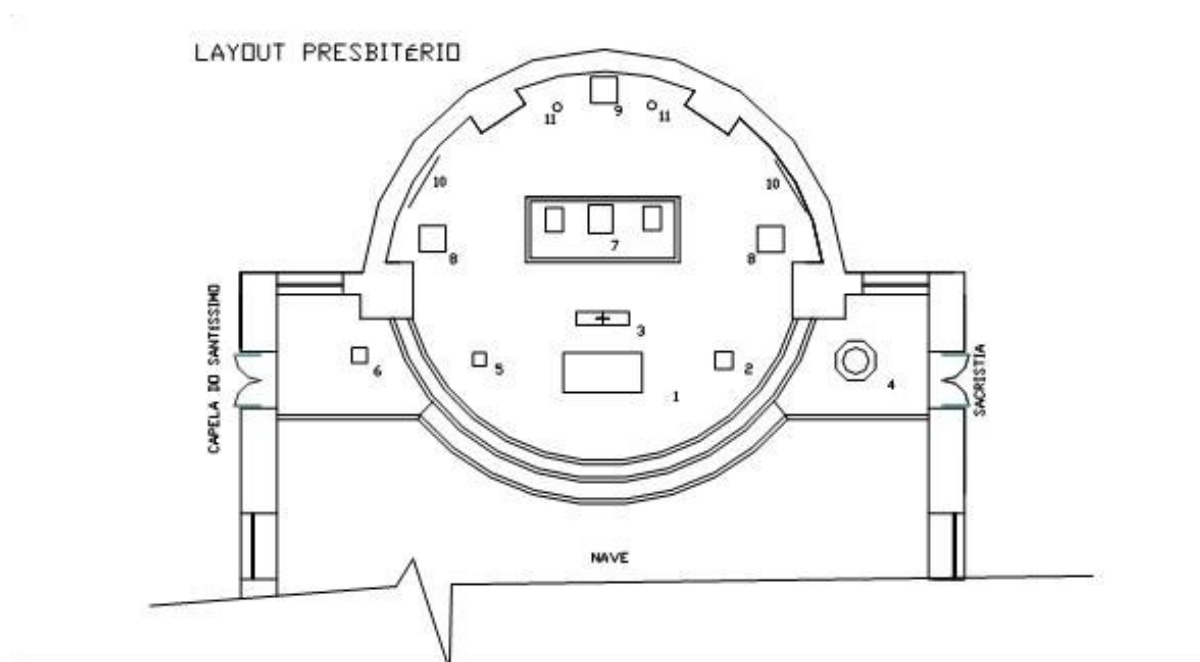
No passado, eram comuns os corais cantando em latim e havia um local só para o coro. Hoje, a música é parte integrante da celebração litúrgica, os ritos podem ser acompanhados pelo canto dirigido por um cantor ou por grupo de cantores e necessita de um espaço. Os fiéis cantam e participam. O coro pode ter um espaço próprio ou estar inserido na assembléia. O mais importante é a participação de todos, Regina Machado (2001) recomenda que seja inserido na assembléia, na nave, na lateral e num nível mais baixo que o presbitério, mas nunca sobre o presbitério.

2.2.8 Sacristia:

É a sala de apoio, serve para guardar o material da celebração, é também o local onde o celebrante, ministros e outras pessoas se preparam para as funções litúrgicas. É necessário uma pia e, se possível, um banheiro. Até o Concílio Vaticano II, normalmente sua localização era nas imediações do presbitério, atrás ou ao lado. Hoje, com a liturgia reformada que pede um caráter mais solene na entrada e saída do celebrante, passando pelos fiéis na nave, indica-se a localização da sacristia nas proximidades da entrada da igreja. Se a sacristia for localizada próxima ao presbitério o celebrante pode sair pelo lado e fazer a procissão de entrada pelo corredor central.

2.3 ELEMENTOS QUE COMPÕEM O PRESBITÉRIO

As três peças mais importantes e essenciais que compõem o Presbitério são o Altar, o Ambão, e a Cadeira da Presidência (sédia ou cátedra). A atenção dos fiéis deve estar nestas três peças no momento da celebração, recomenda-se uma unidade na construção, sempre valorizando sua função e simbologia. A figura 22 apresenta um exemplo de disposição das peças no presbitério, e figura 23, as três peças mais importantes.



1- Altar; 2- Ambão; 3- Cuz pendente; 4- Pia batismal; 5- Círio Pascal; 6- Estante; 7- Cadeira da presidência e dos ministros; 8- Credências; 9- Imagem da padroeira; 10- Pintura de anjos; 11- Castiçais.

Figura 22 – Elementos que compõem o Presbitério

Fonte: Reforma da Igreja N. S. da Tijuca, Rio de Janeiro
Projeto da Arq. Regina Machado (arquivo do autor)

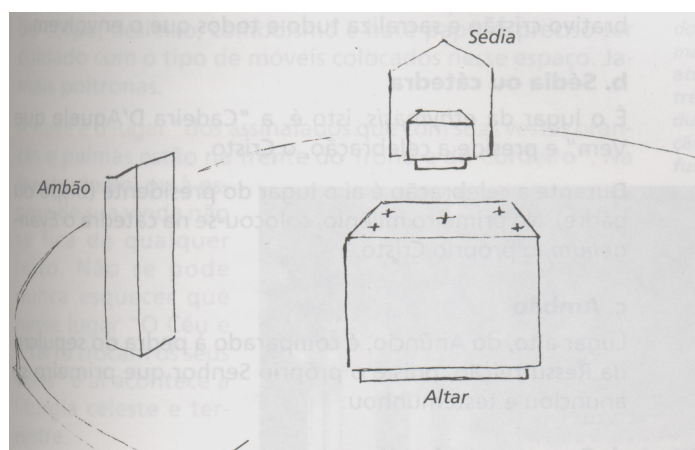


Figura 23 – As três peças litúrgicas – desenho esquemático

Fonte: PASTRO, 1999, p. 67.

2.3.1 Altar

O altar é a mesa da eucaristia, é a peça mais importante na igreja. É o centro do espaço celebrativo, deve ser ponto de convergência e atenção dos fiéis. Significa a mesa do Senhor da qual o povo é convidado a participar através da Missa. No altar se desenvolve a ação da eucaristia, sobre o qual estão o missal, de onde o padre faz leituras, e os objetos necessários à comunhão.

A representação maior do Cristo é o altar. “Ao entrar na igreja, nosso olhar e nossa reverência devem ser dirigidos ao altar!” (BUYST, 2001, p.32).

A arquiteta Regina Machado (2001), no que diz respeito ao altar, sugere que em capelas ou igrejas pequenas seja colocado de forma que possa facilmente ser rodeado por todos. Já em igrejas maiores sugere que seja colocado de forma mais avançada na nave, criando uma sensação de estar no meio do povo. Acrescenta ainda, que o altar como centro do espaço sagrado, é gerador de toda a estrutura da igreja. (Figura 24 e 25)



Figura 24 – Exemplo de altar de uma capela
Capela da Casa Provincial das Ir. Azuis, São Paulo
Fonte: MACHADO, 2001, p. 131



Figura 25 - Exemplo de altar de uma igreja
Catedral de São Mateus, ES
Fonte: Folheto fornecido pela Arq. Regina Machado

O altar deve estar afastado da parede para que nele o padre possa celebrar de frente para os fiéis. Na Instrução Geral sobre o Missal Romano (2004), o artigo 303 diz que convém que seja um só altar porque significa um só Cristo e uma só Eucaristia da Igreja. E acrescenta:

Contudo nas igrejas já construídas, quando o altar antigo estiver colocado de tal maneira que torne difícil a participação do povo, nem puder ser transferido sem detrimento do seu valor artístico, construa-se outro altar fixo com valor artístico e a ser devidamente dedicado; e somente nele se realizem as sagradas celebrações. Para não distrair a atenção dos fiéis, do novo altar, o altar antigo não seja ornado de modo especial.

Nas figuras 26 e 27, dois exemplos de igrejas que fizeram adaptações de seus espaços para atender a liturgia proposta pelo Concílio Vaticano II. Conservaram o altar fixado na parede do fundo e colocaram um novo altar mais próximo dos fiéis.



Figura 26 – Adaptação do espaço na Catedral de Duque de Caxias, RJ.

Fonte: Fotografia do arquivo do autor



Figura 27 - Adaptação de uma igreja barroca

Disponível em: <http://www.rotadaluz.pt/pt/murtosa/patrimonio/patrimonio.htm>. Acesso em 16 jul. 2005.

2.3.2 Ambão

O ambão é a mesa da Palavra, onde são proclamadas as leituras bíblicas, o salmo responsorial, a homilia e a oração dos fiéis. Deve manifestar a importância da palavra de Deus.

O ambão é exclusivamente para a palavra de Deus. Para os comentários, avisos e cantos, recomenda-se uma estante simples. Deve-se valorizar o ambão, ele deve ser único, não se deve ter outro móvel igual a ele. Sendo assim, a estante deve ser mais simples, de tal modo que não concorra com o ambão. Deve estar num lugar onde a atenção dos fiéis seja atraída no momento da liturgia da Palavra e visível a todos. O mais comum é estar no presbitério, mas pode estar mais próximo da assembléia.

2.3.3 Cadeira da Presidência

A cadeira da presidência, também chamada de cátedra ou sédia, é a cadeira de quem preside a assembléia litúrgica. O padre ou bispo são as pessoas que presidem a celebração.

“A cadeira do sacerdote celebrante deve manifestar a sua função de presidir a assembléia e dirigir a oração”. (Introdução Geral sobre o Missal Romano, 2004, art. 310, p. 125)

É colocada diante da assembléia, de frente para o povo. Pode ser no fundo do presbitério, atrás do altar, num plano mais elevado para que seja vista, ou na lateral do altar, mas não mais como uma espécie de trono que foi abolido pelo Concílio Vaticano II. Também, no presbitério, dispõem-se de cadeiras para os ministros, neste caso a cadeira da presidência deve estar destacada, mas mantendo o mesmo estilo. (MACHADO, 2001).

2.3.4 Cruz

A cruz é um forte símbolo cristão, é um elemento básico na celebração litúrgica. A Instrução Geral sobre o Missal Romano (2004), no art 308, recomenda uma cruz sobre ou perto do altar e que permaneça também fora das celebrações.

A cruz do altar, sob a forma de cruz processional, é a mais recomendada. Ela é carregada em procissão, na missa aos domingos e em dias de festa, e depois é apoiada sobre uma base junto ao altar. Como a cruz deve ser única no altar, se houver outra junto a ele, a cruz processional, após a procissão, deverá ser guardada em lugar apropriado. (Figuras 28 e 29)



Figura 28 - Cruz processional
Mosteiro Beneditino da Transfiguração
Fonte: PASTRO, 2001, p.167.



Figura 29- Cruz sobre o altar
Capela da casa de Repouso Divina Providência
Fonte: MACHADO, 2001, p. 106.

2.3.5 Castiçais

Os castiçais usados na missa manifestam a reverência e o caráter festivo da celebração, e podem ser colocados sobre o altar ou junto dele. Sobre o altar, somente quando houver espaço na mesa, que seja de pouca altura para não impedir os fiéis de verem o que se realiza no altar. Os colocados no piso são mais altos, e têm a vantagem de deixar o altar livre, sendo mais aceitos atualmente.

O menorá é um castiçal de origem hebraica, usado nas igrejas da idade média, que foi afastado por um período e retornou após o Concílio Vaticano II. Ele pode substituir os castiçais do altar.

2.3.6 Círio Pascal

O círio pascal é uma grande vela acesa durante o tempo pascal e nos batizados. Representa o Cristo ressuscitado. O círio é renovado a cada páscoa e continua aceso nas celebrações do tempo pascal até pentecostes. Algumas igrejas acendem também nas celebrações de domingo (exceto no tempo do advento e no tempo da quaresma), por considerar que cada domingo é uma páscoa. Sendo assim pode estar localizado no presbitério.

2.3.7 Imagens

A imagem central no presbitério é o Cristo. Apresenta-se em forma de escultura, pintura ou ainda em mosaico. Várias são as suas representações: pode ser o Cristo Pantocrator, o Cristo Ressuscitado, o Cristo Messias pregando ou o Cristo na Cruz.

Outra imagem que pode estar presente no presbitério é a imagem do padroeiro ou da padroeira, mas sua disposição e destaque não devem desviar a atenção dos fiéis da celebração ou do principal foco. Recomenda-se que não haja mais de uma imagem do mesmo Santo. (Introdução Geral sobre o Missal Romano, 2004, art. 318, p. 130).

CAPÍTULO III – ILUMINAÇÃO NAS IGREJAS

3.1 A LUZ COMO INSTRUMENTO NA AMBIENTAÇÃO

Na relação da luz com o ambiente, deve-se ter uma real compreensão da função da igreja e de cada ambiente interno para se propor uma melhor forma de iluminação, atendendo não só à necessidade de uma iluminação geral do espaço, destaques arquitetônicos, obras de arte e elementos que compõem este espaço, mas também a funcionalidade para o uso litúrgico. “A função do ambiente é também um dos fatores mais importantes para a determinação da relação entre espaço e luz, pois nos fala de nossas possibilidades e limitações” (VIANNA, GONÇALVES, 2001, p.36)

A iluminação pode ser projetada com uma determinada intenção ou para um determinado comportamento no ambiente. Um dos aspectos fundamentais da iluminação é aquele que está relacionado ao psico-emocional do usuário.

Muito além de nos permitir ver, a luz determina como vemos, o que vemos, o que sentimos ao vermos. Por isso, um bom projeto de iluminação consiste em um trabalho sistemático de controle de luz sobre a intenção de mostrar as pessoas o que é adequado ou interessante e tornar o espaço agradável para a realização das atividades que lá acontecem (FRANCO, 2000, p. 7)

A sensação visual é mais do que os dados que vemos num objeto ou num espaço, porque é subjetiva. Neste particular, a dissertação de Ingrid Chagas Leite da Fonseca (2000) descreve mais sobre como o indivíduo percebe o espaço. Esta pesquisa limita-se ao estudo da luz como elemento criador do espaço, que desperta emoções, cria sensações e que influencia na sua percepção.

A luz, quanto ao seu papel na criação de uma ambientação, pode ser analisada através de distintos aspectos:

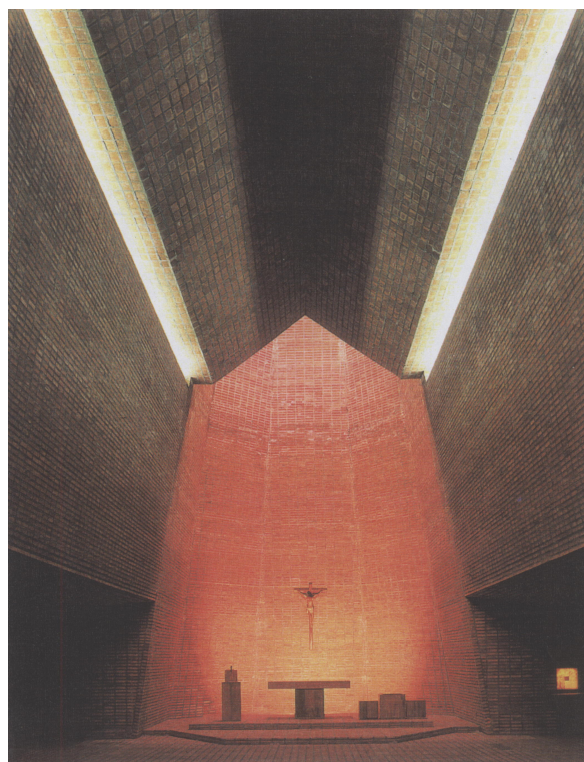
- ✓ A luz como uma necessidade, ou seja, para desenvolver as tarefas, para se ver o espaço e os objetos, nos seus contornos, sua textura e forma, e ainda para propor uma satisfação do usuário com o ambiente;
- ✓ A luz como sinalizadora do espaço, ela pode classificar e articular os espaços, e indicar um caminho ou um objeto que se quer chamar a atenção;
- ✓ A luz como modificadora das sensações espaciais, como a de dar a impressão das dimensões de um local ou um objeto serem diferentes do que são na realidade, por exemplo, de fazer um espaço parecer maior ou menor;

- ✓ A luz como ferramenta para criar efeitos e sensações no indivíduo.
- ✓ E finalmente, o aspecto simbólico da luz, que significa a vida, o início, o sagrado, o transcendente. Nas igrejas, é a relação com o divino, a luz divina.

A importância da luz nas igrejas é a determinação da identidade e características do local. Todos os objetos e arte na igreja têm (ou deveriam ter), uma específica presença no espaço e um significado simbólico. Na intenção de sugerir mensagens e sentimentos de espiritualidade, a iluminação incorpora os elementos do espaço, que estão na arquitetura, nas artes plásticas, nos ornamentos e objetos litúrgicos.

O uso da luz natural faz parte de uma estratégia arquitetônica que deve ser considerada na concepção do espaço. A maneira como a luz natural entra e interage com a forma e o espaço cria ambiências na igreja. É um marcador temporal, e sua alternância de luz e sombra cria um senso de movimento.

Na figura 30, a estrutura da igreja cria efeitos luminosos, a luz vinda da abertura acima da entrada principal, ilumina o altar, e a entrada de luz pelo o teto direciona e define o espaço.



Fonte: ARS SACRA. n. 0. Maio. 1996

Disponível em:

<http://www.arquitectoslavila.com/imagenes/centro.php3>.

Acesso em: 16 fev 2006.

Figura 30 - Iglesia Madre del Rosario, Alcalá, Madrid

Suaves efeitos de gradações de luz e sombra criam o efeito claro e escuro dentro do edifício. A entrada indireta de luz e suas inter-reflexões nas superfícies produzem um ambiente com iluminação difusa e relaxante que favorecem a calma interior propiciando o recolhimento e a oração. Uma focalização de luz com maior brilho no presbitério é desejada para dar destaque e guiar o olhar dos fiéis.

Um feixe de luz pode chamar a atenção para determinado lugar no interior do edifício, como um objeto ou uma superfície, assim como também pode representar o aspecto simbólico da luz, uma luz que vem de cima, uma luz divina. As Igrejas têm diferentes maneiras de se expressar através da luz, mas sempre é a idéia da luz significando uma conexão com o divino. (Figuras 31, 32, 33 e 34)

“O essencial no símbolo é que se trata de dois elementos – o sinal sensível e a realidade significada - relacionados, entrelaçados, completando-se mutuamente, [...]” (BUYST, 2002, p.37). A luz física quando projetada no altar está relacionada com a luz símbolo, representa o Cristo ressuscitado, é a luz que vence as trevas e também vem clarear a vida do cristão.



Cristo na Cruz
St Jean Vianney Catholic Church,
Baton Rouge, La
Fonte: ARCHITECTURAL RECORD. [S.l.]:
Mac Graw-Hill, ago. 2000, p. 114.



Cristo alado
Ig. Ordem Terceira de São Francisco
Rio de Janeiro
Fonte: Arquivo fotográfico do autor, 2005.

Figura 31 – Efeito dramático de luz no Cristo

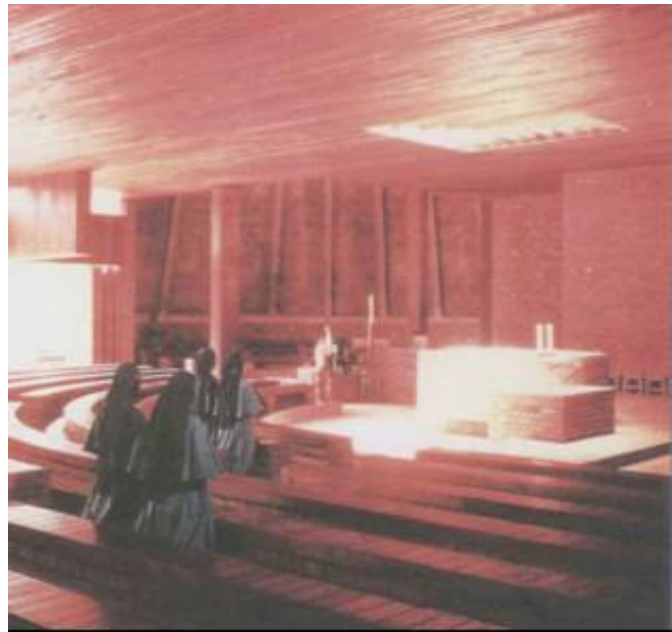


Figura 32 – A luz no altar

Mityana Cathedral, Uganda, Africa

Fonte: HEATHCOTE, Edwin; SPENS, Iona. Church buiders.
New York: Academy, 1997, p. 92.



Figura 33 – A luz na Basílica de São Pedro, Roma

Disponível em: <<http://www.romewelcome.com/chiese/rome-churches.htm>>
Acesso em: 16 out 2005.

As esculturas de arame brilham com a luz.

“A escultura desta forma segue o mesmo tema de luz e espaço da arquitetura propriamente dita, enriquecendo o seu simbolismo e significado sagrado.” (CLAUSEN, 1992, p. 82)



Figura 34 – Clarabóia e esculturas de arame

Portsmouth Abbey Church, Rhode Island-USA
Igreja do arquiteto Pietro Belluschi
Fonte: CLAUSEN, 1992, p. 84.

Diferentes formas de aberturas revelam a presença da luz natural dentro de um edifício, e o modo de como esta luz é tratada é que faz a ligação interior e exterior. Quando o interior de uma igreja é muito escuro e o exterior muito iluminado, a experiência com este contraste enfatiza a separação dos dois ambientes. No caso em que os aspectos do exterior aparecem no interior, a conexão com o exterior é enfatizada. A luz também pode ser filtrada, e mesmo sem a visão do exterior as pessoas se conectam com a presença da luz natural.

A figura 35 mostra que na simplicidade espacial da capela do mosteiro dominicano de La Tourette, Evieux, França, Le Corbusier criou um espaço para prece, meditação e estudos dos freis dominicanos através da articulação de volumes, planos, cores e luz. A privacidade é a maior condição de um monastério. O ambiente é de enclausuramento, predomina a sombra e a atmosfera escura convida ao recolhimento. Num outro lugar da capela, luzes atravessam as clarabóias, criam uma composição de claro-escuro, forma e cor, que orientam a variação do sol e ao mesmo tempo reforçam a diferença do externo e interno.

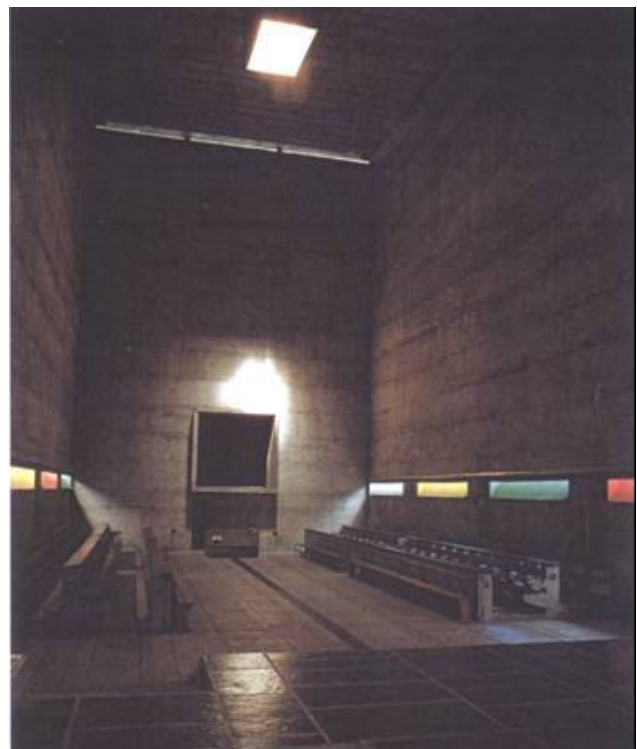


Figura 35 – La Tourette, Eveux, França

Fonte: MILLET, 1996, p. 90 e 91

Na capela de Notre-Dame-du-Haut, em Ronchamp, França, um dos ícones da arquitetura moderna (abordada no capítulo IV), a utilização da luz natural provoca uma experiência sensorial diferente de La Tourette. Le Corbusier, em Ronchamp, usou uma luz controlada e filtrada que oferece gradativas percepções do exterior num clima de recolhimento. (Figura 36)



Figura 36 – Capela de Ronchamp, França

Disponível em: <http://www.galinsky.com/buildings/ronchamp/>

Acesso em: 26 jan. 2005

Já na Catedral de Brasília, construída na mesma década do Concílio Vaticano II, talvez com a intenção de mostrar uma nova fase da Igreja, Oscar Niemeyer projetou uma igreja mais transparente e iluminada, cuja planta baixa propicia uma melhor agregação da assembléia. O interior é inundado pela luz natural que atravessa os painéis de vidro entremeados pelo vigamento de concreto, a luz não é direcionada para o altar, ela se espalhada em todo o espaço, o que provoca um deslumbramento, evocando o significado simbólico da luz. (Figura 37)

Numa diferente concepção de entrada de igreja, o acesso ao interior da Catedral de Brasília se dá através de uma passagem subterrânea, na penumbra, para alcançar o contraste do interior iluminado.



Figura 37 – Catedral de Brasília
Fonte: FIELD, 2003, p. 410 e 411.

O átrio ou hall sempre teve importância como um lugar de transição, presente na maioria das igrejas, separa o interior do exterior, o sagrado do profano, o escuro do claro. Este espaço tem uma relação direta com a luz, sua interpretação é diferente para o dia e para a

noite, mas em cada momento a hierarquia é definida. Durante o dia, a gradação da luz natural no hall ajuda na adaptação visual aos contrastes de luminosidade entre exterior e interior. À noite, o hall é definido pela luz artificial, e a igreja com suas portas abertas e o hall iluminado, é um convite para a comunidade entrar.

No período noturno, normalmente a iluminação nas igrejas é diferente do que durante o dia. A iluminação artificial tem características diferentes da natural, é uma luz controlável, tem aparência de cor e reprodução de cor.

A iluminação artificial também é utilizada como instrumento na própria concepção do espaço. Na busca de soluções para questões funcionais de iluminação, se pode explorar o espaço com diferentes aplicações de luz nas superfícies e estruturas arquitetônicas. Efeitos de sombra e luz valorizam a percepção do espaço. A não uniformidade de luz e a baixa intensidade luminosa ajudam no relaxamento e privacidade, cria um ambiente agradável de recolhimento. Por outro lado, maior intensidade na iluminação dá aspecto de um ambiente festivo. (Figuras 38, 39 e 40)

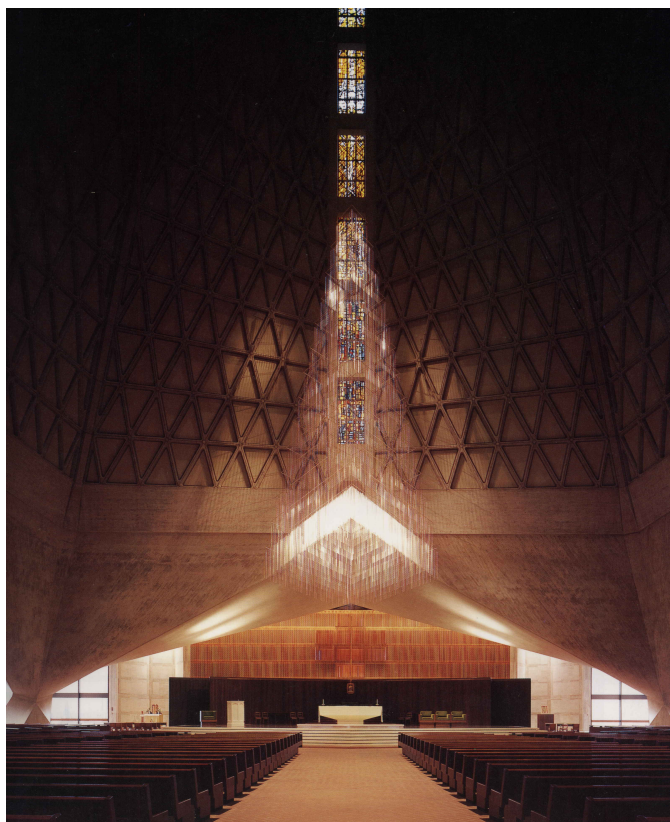


Figura 38 - St Mary's Cathedral – San Francisco, Califórnia, USA

Fonte: CLAUSEN, 1992, p. 127.



“O projeto teve como critério valorizar o espaço arquitetônico, dotar este espaço dos níveis de iluminação necessários ao desempenho de suas tarefas e pontuar elementos de interesse. A intenção foi de guiar o olhar dos frequentadores através da arquitetura de maneira crescente, enfatizando o altar principal.” (PHILIPS, 2002a)

Figura 39 - Igreja Nossa Senhora da Lapa dos Mercadores, Rio de Janeiro.

Projeto de iluminação: Arqs. Mônica Lobo e Inês Benévolo.

Fonte: PHILIPS, 2002a



Figura 40 - Igreja São Degun Kim, São Paulo

Fonte: Fotografia fornecida pelas Arquitetas Regina Machado e Nadia Neimar

Nesta pesquisa observou-se que os seguintes requisitos de iluminação artificial usados na ambientação de interiores de outros tipos de edifícios, tais como, residencial, comercial, e institucional, também são aplicados nas igrejas: focos de luz direta associada com luz difusa nos pontos de atenção; nível recomendado de luz e uniformidade no plano de trabalho; luz nas paredes, tetos e elementos arquitetônicos como complemento na iluminação geral.

Com este partido de iluminação, as igrejas conseguem alcançar um ambiente agradável e confortável para a celebração litúrgica. A intensidade luminosa dada aos espaços da igreja e a forma como a luz é trabalhada nos locais e objetos, fica condicionada à função.

Portanto, em primeiro lugar, deve-se conhecer as exigências da celebração, da oração pessoal e comunitária, e a organização espacial do lugar, itens estudados nos capítulos anteriores.

Através da luz, os espaços podem adquirir diferenciação de acordo com a importância, estabelecendo uma hierarquia com diferentes níveis de iluminação. Gradações de brilho criam ambientes diferentes e o brilho concentrado atrai a atenção, mostra um caminho. “O olho, involuntariamente, procura por objetos brilhantes ou por áreas de contraste no campo visual. O uso desta técnica pode ser eficiente em situações onde se deseja direcionar a atenção e o interesse do observador para determinado detalhe.” (FONSECA, 2000, p. 45).

Um efeito discreto de claro-escuro, uma gradação de luz e sombra onde partes com mais brilho têm função maior, reforçam a organização espacial da igreja. Mesmo com todo o interior da igreja iluminado, o presbitério, local onde se desenvolvem as ações litúrgicas, é o local de maior brilho. Uma iluminação dirigida às três peças litúrgicas fundamentais – altar, ambão e cadeira da presidência – evidenciam os objetos e também as ações transcorridas neles.

Nave e presbitério juntos é que traduzem o significado do espaço na celebração, a iluminação deve conectar estes espaços, jamais separá-los. Distintos por sua iluminação, devem fluir um para o outro de maneira que se tenha um fluxo livre, e ao mesmo tempo direcionando a atenção ao principal.

Na celebração litúrgica, a melhor ambientação é aquela que realce pelo contraste de luz o presbitério, favorecendo a atenção às ações litúrgicas desenvolvidas nele, e que contribua para a construção de uma assembléia realmente unitária.

É desejável luzes de destaque no presbitério para criar os focos de atenção e uma luz mais difusa, confortável e uniforme no espaço da assembléia. Porém, deve-se evitar um excesso de contraste entre presbitério e nave para que não provoque a separação entre estes dois

espaços. A luz na nave também pode corresponder a uma iluminação para uso diário e outra para grandes celebrações. O clima festivo dado à celebração é criado com maiores intensidades de luz na nave. Ao contrário, o clima de recolhimento se dá com baixas intensidades de luz.

Além das devoções comunitárias, existe a individual. Para este momento, uma boa iluminação seria aquela que remetesse as pessoas à introspecção e à oração. A ambientação pode ser realizada com pouca quantidade de luz no lugar onde se encontra o fiel, e uma luz direta com mais brilho no altar, o centro da Igreja. No caso das devoções ao santo, uma iluminação mais dramática referencia a imagem.

Segundo Flynn e Segil (1970, apud FONSECA, 2000, p.43) uma iluminação que valorize as atividades e pessoas num determinado plano, subordinando elementos verticais acima, tende a aumentar o alerta para detalhes e pessoas próximas, e seus movimentos, encorajando as pessoas a uma atitude de agregação e envolvimento. E, por outro lado, ao reduzir a iluminação nestas áreas horizontais e aumentando a intensidade nas verticais acima do plano de atividade, tende a induzir uma atitude mais introspectiva nas pessoas, provocando uma atmosfera mais intimista.

O uso da luz nas suas diversas manifestações no interior da igreja católica, também pode ser concebido como elemento unificador da assembléia e ao mesmo tempo como elemento de fusão da assembléia e o local da celebração.

Efeitos visuais criados com diferentes formas de aplicação da luz dão expressão ao espaço e são usados nas igrejas para criar a ambientação de assembléia e de introspecção, e ainda expressar um pouco da função simbólica e mística do local.

Na ambientação das igrejas, a iluminação artificial, pela sua própria tecnologia, oferece muitas possibilidades de luz. Trabalha com luz, sombra, forma, texturas, cores e também com os espaços. Valoriza a arquitetura, elementos litúrgicos e simbólicos, e ainda sinaliza os espaços e objetos que se quer evidenciar.

3.2 ASPECTOS FUNCIONAIS

Nesta pesquisa verificou-se que não existem regras para iluminar igrejas, apenas recomendações baseadas em características técnicas de iluminação, características arquitetônicas, função do próprio espaço e o conforto visual do usuário.

Para se fazer a iluminação de um ambiente, normalmente se considera parâmetros quantitativos (de caráter objetivo) e qualitativos (de caráter subjetivo).

Dentre os parâmetros quantitativos, o nível de iluminação ou iluminância (lux) é o mais importante, porque é ele que determina a quantidade adequada de luz que incide sobre uma superfície, é baseado nas características das tarefas visuais e classificado conforme a Norma Brasileira - NBR 5413, que estabelece valores mínimos para iluminação artificial de interiores.

Os parâmetros qualitativos consideram aspectos capazes de proporcionar o bem estar ao usuário e à percepção do espaço. Para isto, são analisados a uniformidade da luz, o ofuscamento, a Temperatura de Cor (TC) e o Índice de Reprodução de Cor (IRC) das fontes de luz, a forma da distribuição da luz, e as características do espaço.

Monsenhor Guilherme Schubert (1978) em seu livro *Arte para a Fé*, faz algumas observações de ordem prática sobre a iluminação de uma igreja. Ele diz que a igreja precisa três tipos de iluminação. Uma apenas para clarear e orientar na circulação, outra para leitura do texto e música durante os atos de culto e por último, uma iluminação para conferir um tom solene, festivo às cerimônias (missa, casamento e outras). Defende uma iluminação adicional para dar destaque à arquitetura, decoração, imagens e quadros. Mas é bem claro quando diz que se deve “solenizar os atos” e não “procurar efeitos teatrais”.

Quando Monsenhor Schubert fala de “efeitos teatrais” refere-se ao padre somente como ator e à assembléia como expectador. Se for somente neste sentido, a celebração não estaria cumprindo a sua função de assembléia reunida.

Quanto aos três tipos de iluminação a que o autor se refere, pode-se comparar com as três formas básicas de distribuição de luz usadas nos projetos em geral, e que também servem na iluminação de uma igreja. São assim descritas como: iluminação geral, de destaque e de tarefa.

✓ Iluminação geral

Trata-se da iluminação que define o espaço, dá um conforto visual ao ambiente, é a luz ambiente. Proporciona uma certa uniformidade de luz e, por ser uma iluminação mais homogênea, os objetos parecem mais planos. Todos os espaços da igreja necessitam de uma iluminação geral e os níveis de iluminamento vão depender das necessidades do usuário em determinado ambiente.

✓ Iluminação de destaque

Utiliza-se a iluminação de destaque quando se pretende particularizar a iluminação, evidenciar algum objeto ou forma. Trata-se de uma luz pontual caracterizada pelo forte contraste entre o objeto e o entorno. Para se ter este efeito de luz, aplica-se um maior nível de iluminamento ao objeto obtendo assim um contraste entre o objeto e o entorno. Pode ser empregada junto com a iluminação geral, mas com maior intensidade de iluminância para se ter o destaque. Deve-se ter cuidado para não causar sombras indesejáveis e ofuscamentos, devido à alta luminância do ponto de luz. No destaque de objetos tridimensionais, valoriza-se o objeto colocando-se luz em diversos ângulos, para se ter maior dramaticidade. Nas igrejas, a iluminação de destaque passa a ser nas imagens, obras de arte, quadros, formas arquitetônicas e peças litúrgicas.

✓ Iluminação de tarefa

Este tipo de iluminação tem um nível mais elevado para as tarefas visuais comparativamente ao entorno, que tem uma intensidade mais baixa. Na igreja, alguns espaços necessitam de iluminação para leitura.

É importante analisar a eficiência energética na iluminação de uma igreja, assim como avaliar a facilidade de manutenção dos aparelhos de iluminação. O sistema de iluminação só será realmente eficiente se conseguir unir qualidade de iluminação com economia de energia.

A iluminação de uma igreja envolve iluminação diurna e noturna. Deve-se atentar ao fato de que alguns ambientes necessitam ser iluminados durante o dia, enquanto outros necessitam de iluminação somente à noite ou na hora da celebração. É oportuno que a luz artificial se integre com a luz natural. Isto é possível através de dispositivos de controle da luz, adapta-se o interior às necessidades de iluminação.

A maioria das igrejas possui vidros coloridos (vitrais) nas janelas, que filtram a luz natural. Esta luz que atravessa os vitrais, a depender do horário, reflete o colorido dos vidros nas paredes, teto e piso, contribuindo com uma luz difusa para o ambiente. À noite, normalmente as igrejas iluminam seus vitrais de fora para dentro com projetores cujo foco é direcionado para o vitral. Este tipo de iluminação artificial não tem o mesmo efeito que a iluminação natural que sofre variação conforme a luz do dia. Mas, quando se está dentro da igreja, a iluminação noturna dos vitrais realizada de fora para dentro contribui para o destaque destas obras de arte.

A iluminação interna de uma igreja pode ser direta ou indireta. A combinação dos dois tipos pode até ser a melhor opção, vai depender da tipologia da edificação, da altura do pé direito e dos efeitos de luz que se quer desenvolver. Mas, como qualquer outro edifício, as recomendações são as mesmas: na luz indireta tem-se que ter cuidado com o pé direito alto, com cores escuras, e com a sujeira acumulada por causa da difícil manutenção. Na luz direta o cuidado maior é com o ofuscamento. (Figura 41 e 42)

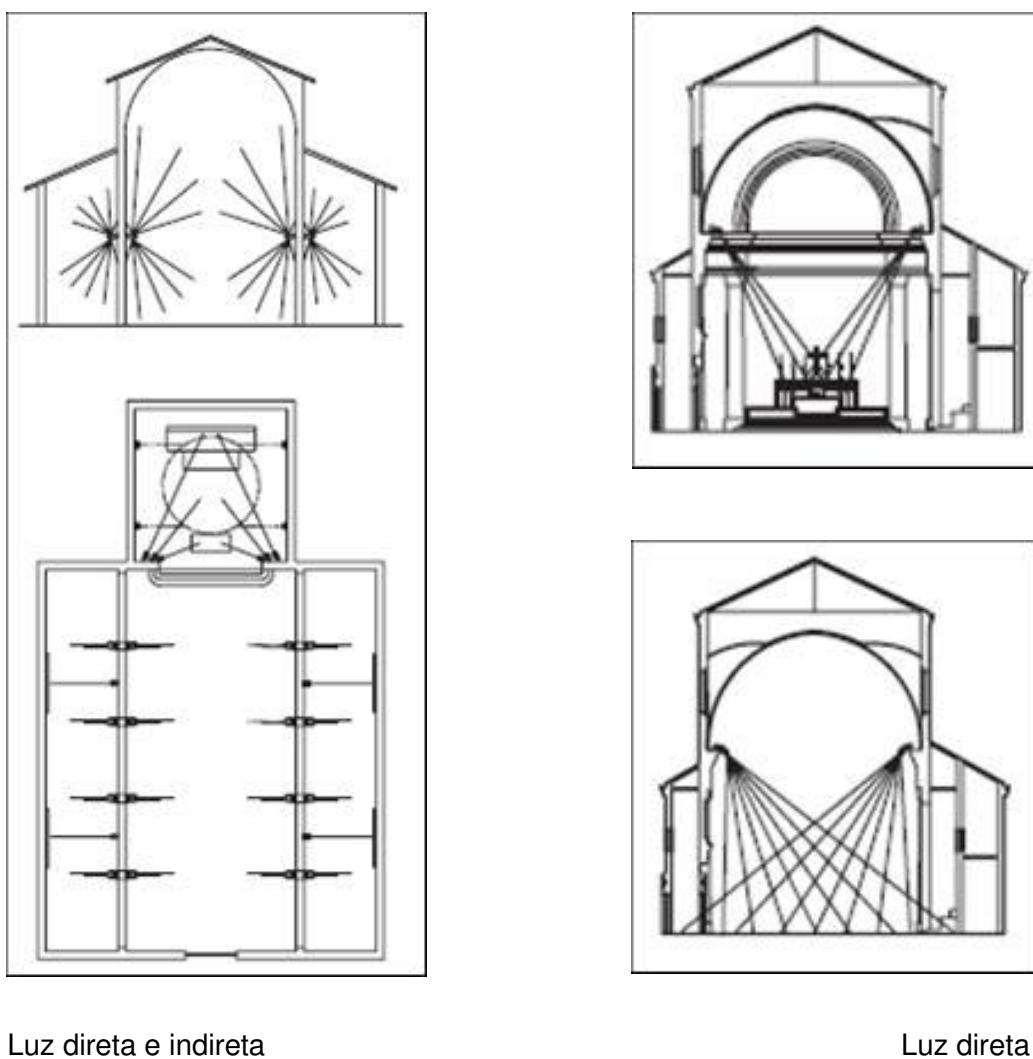
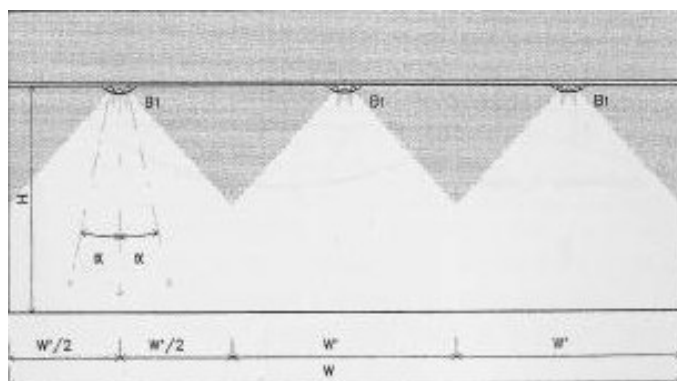
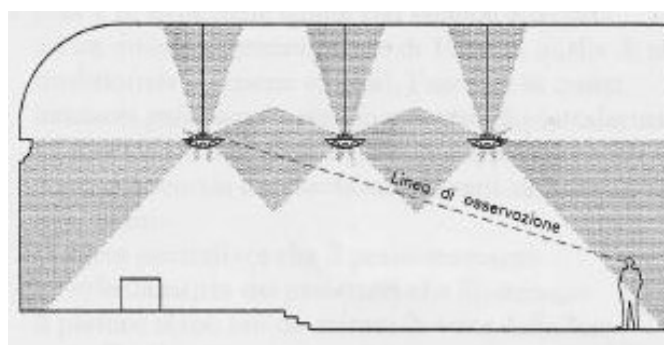


Figura 41 – Iluminação através de projetores de luz - desenho esquemático

Fonte: BIBLIOTECA DELLA LUCE REGGIANI, 2001.



Distribuição de luminárias no teto



Luminárias suspensas numa determinada distância.

Figura 42 - Iluminação geral na nave - desenho esquemático

Fonte: PIERUZZINI, 2005.

Embora as igrejas observem, em linhas gerais, a um projeto padrão, cada igreja tem características arquitetônicas específicas e, deste modo, tem-se um projeto de iluminação diferente para cada igreja.

No caso das igrejas antigas, deve-se fazer uma consulta ao Patrimônio Histórico da cidade, pois normalmente há regras e limitações para modificações. Isto pode limitar o projeto, mas de qualquer forma, no caso de reformas, os sistemas de iluminação devem adaptar-se às condições existentes no interior da igreja.

No projeto de iluminação existe uma relação entre o tratamento dado à forma de distribuição da luz, às características da fonte de luz artificial, à sua intensidade, ao Índice de reprodução de cores (IRC), à temperatura de cor (TCC) e às características do espaço como dimensões, cores, texturas e formas.

Muitas são as ferramentas que auxiliam na aplicação da luz no que diz respeito ao efeito que se quer dar ao espaço ou aos elementos. O desafio é encontrar soluções adequadas e levar em conta todos os aspectos de forma conjunta.

Com os avanços tecnológicos em relação aos sistemas de iluminação já se tem condições de produzir ambientes controlados pela luz, isto pode ser aplicado em espaços onde se pretende obter diferentes níveis de iluminação.

O projeto de iluminação de igrejas requer um estudo da arquitetura do edifício, dos móveis e objetos de uso litúrgico dos diversos espaços. A iluminação não precisa ser igual em todas as áreas, cada local tem uma função e cada atividade requer um nível específico.

3.2.1 Iluminação no átrio

O átrio é um espaço de transição entre o externo e interno. “O átrio dá idéia de passagem, de limiar entre o conhecido e o desconhecido, a luz e as trevas...” (Machado, 2001, p. 35). Além deste lado simbólico, também é funcional, é onde estão os folhetos, os avisos da igreja, onde as pessoas se preparam para a liturgia. É também um lugar de acolhida.

Este ambiente requer uma iluminação mais aconchegante, com lâmpadas de baixa temperatura de cor, com intensidade de luz mais baixa. Para a leitura dos avisos sugere-se uma luz direcionada aos quadros. As igrejas, normalmente, possuem uma iluminação geral no átrio, resolvida com luminária pendente quando o pé direito é alto, plafoniers para pé direito mais baixo e também o uso de arandelas. A forma arquitetônica, as dimensões, as cores e a textura é que vão determinar o tipo de iluminação. Pode-se ter uma iluminação mais dramática, com luzes e sombras, criando um mistério e ao mesmo tempo um convite para entrar.

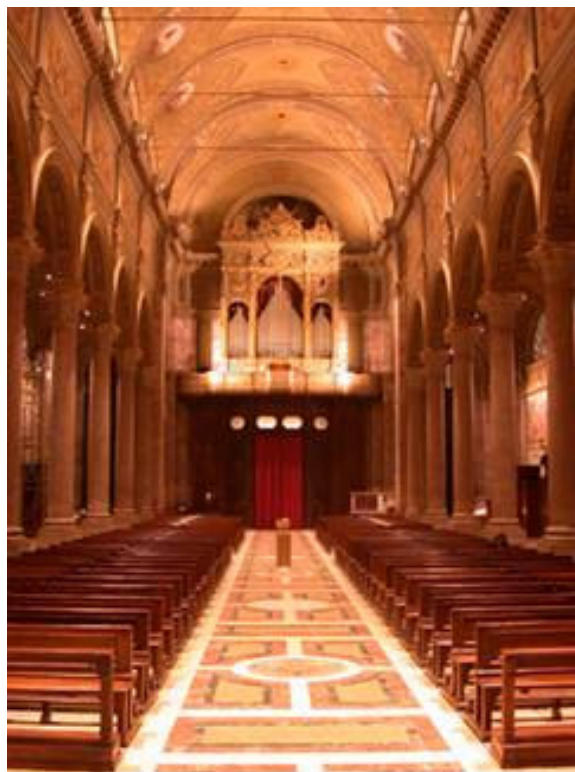
3.2.2 Iluminação na nave

É o local da assembléia, onde ficam os bancos e os corredores. Algumas igrejas possuem nave principal e naves laterais.

As naves laterais, quando tiverem bancos, recebem o mesmo tratamento da nave principal ou central. Se forem somente para uso de circulação, poderão ter uma iluminação não uniforme e com menor intensidade do que a nave central, já que não haverá leitura. A iluminação pode ser nas abóbadas, nos elementos arquitetônicos, nos quadros da via sacra, ou simplesmente uma iluminação direta. (Figura 43)



Iluminação na nave lateral.



Iluminação na nave central.

Figura 43 - Iluminação na nave com destaque nas abóbadas
Catedral de S. Martino, Magenta, Milão, Itália

Disponível em:
http://www.targetti.com/proyectos/es/page_Tipologie/idcat_6/IGLESIAS_Y_EDIFICIOS_HISTORICOS. Acesso em: 24 nov 2005-11-24

As capelas laterais requerem um tratamento como obra de arte e cuidados na escolha do sistema de iluminação. Uma iluminação mais expressiva para as imagens, realçando suas formas e cores através de um efeito mais dramático de luzes e sombras. Este tratamento requer lâmpadas com elevado índice de reprodução de cores e, muitas vezes, aplicação de filtros para evitar que os raios ultravioletas danifiquem a obra.

Na nave central, as pessoas sentadas, de pé ou ajoelhadas, devem ter conforto visual, boa visibilidade do ambiente e condições visuais para leitura. Deve-se criar um ambiente que favoreça a participação nas atividades. É nesse espaço que os fiéis rezam, cantam, escutam a Palavra e lêem os ofícios. Assim, justifica-se uma iluminação geral e uniforme no local onde estão os bancos, para maior conforto visual dos fiéis. (Figura 44) A distribuição de luz não uniforme não é benéfica ao conforto, apesar de ser mais expressiva.

A iluminação da nave deverá ter níveis suficientes para a realização da tarefa de leitura e percepção do ambiente. Por outro lado, em determinados momentos, deverá ter um resultado para um ambiente mais de recolhimento. A Norma Brasileira de Iluminância de Interiores - NBR 5413 estabelece como iluminância mínima 150 lux para nave com leitura de ofícios.



Uniformidade na iluminação da assembléia e luzes de destaque no presbitério.

Figura 44 –Iluminação geral na nave

St. Rita Catholic Church, Dallas, Texas

Fonte: ARCHITECTURAL RECORD. [S.I.]: Mac Graw-Hill, fev. 1989, p. 102.

Quanto à forma de distribuição de luz, considera-se que a luz difusa é uma boa escolha, porque minimiza as sombras, dando mais conforto para a leitura. Dependendo do projeto, pode-se fazer um clima de mistério usando luz e sombras, mas não deve ser no nível de leitura dos fiéis e sim nos espaços vazios, ou num nível acima das pessoas.

A iluminação de destaques dos elementos arquitetônicos pode complementar a iluminação geral, a depender das superfícies de reflexão, sua forma, cores e texturas. Detalhes arquitetônicos, tais como os arcos, sancas ou capitéis das colunas, podem ser realçados com claros e escuros, ou contrastes de luz com diferentes temperaturas de cor.

Baixas intensidades de luz reforçam uma atitude mais calma, altas intensidades contribuem para a atividade. Uma iluminação muito intensa não é acolhedora nos momentos de escuta

e reflexão. Por outro lado, uma maior intensidade de luz é requerida nos momentos em que a assembléia é sujeito da ação litúrgica.

Neste caso, uma igreja que tenha iluminação geral calculada para a leitura e mais a iluminação de destaque nos elementos arquitetônicos ou litúrgicos, pode alcançar uma atmosfera mais de aconchego e de introspecção no momento da escuta ou reflexão se diminuir a intensidade da iluminação geral na nave e continuar com a iluminação de destaque.

É comum encontrar Igrejas com luminárias pendentes com grande número de lâmpadas incandescentes e arandelas nas paredes laterais. Não é um sistema energeticamente eficiente, mas são projetos originais, igrejas tombadas, e fazem parte do conjunto arquitetônico. Em alguns casos as luminárias se adaptam às lâmpadas de maior eficiência, ocasionando maior iluminamento e economia de energia.

Outra opção de iluminação na nave é a colocação discreta de projetores em pontos estratégicos, que possam aumentar o nível de iluminamento para a leitura, ou mesmo a luz indireta, que possa contribuir através da reflexão numa parede ou teto de cor clara. (Figura 45)

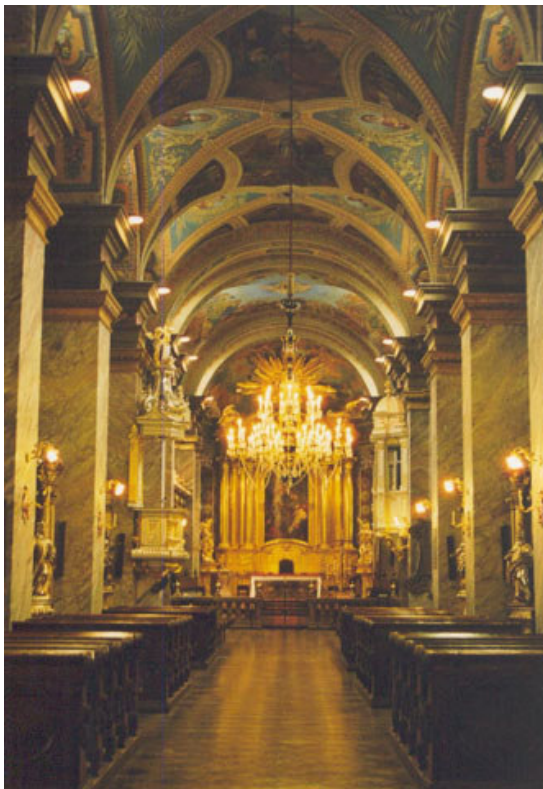


Figura 45 – Iluminação geral com luminária pendente e projetores de luz
Basílica em Kielce - Polônia

Disponível em:

<http://www.targetti.com/proyectos/es/page_Tipologie/idcat_6/IGLESIAS_Y_EDIFICIOS_HISTÓRICOS_/idscheda_210/BASÍLICA_EN_KIELCE_/idfoto_431> Acesso em: 2 jul 2005.

A escolha do tipo de sistema de iluminação vai depender muito do projeto arquitetônico, das cores e das texturas.

O ideal seria usar controles de intensidade de luz na iluminação geral da nave. A utilização de *dimmer* torna a iluminação mais flexível. Outra boa solução seria a utilização dos *dimmers* programáveis, que poderiam ser controlados junto com a iluminação do presbitério.

3.2.3 Iluminação no presbitério

Presbitério é o espaço onde fica o celebrante. Conforme já mencionado anteriormente, os mais importantes elementos no presbitério são: a cadeira da presidência, a mesa e o ambão. Mas, ainda se encontram neste espaço a cruz, a imagem do padroeiro, a estante do comentarista e as cadeiras para os ministros. (Figura 46)



Figura 46 – Iluminação no presbitério

Igreja de Sta Teresa, Toledo, Espanha.

Fonte: BIBLIOTECA DELLA LUCE REGGIANI, 2001.

O celebrante preside a assembléia. A depender do desenvolvimento da liturgia, pode estar na mesa (altar), sentado na cadeira ou no ambão, quando ele dirige a Palavra. Com o

conhecimento das ações rituais durante a celebração pode-se, através da iluminação, destacar a ação simbólica principal de cada momento, atraindo a atenção dos fiéis. Ou simplesmente, destacar as três peças litúrgicas.

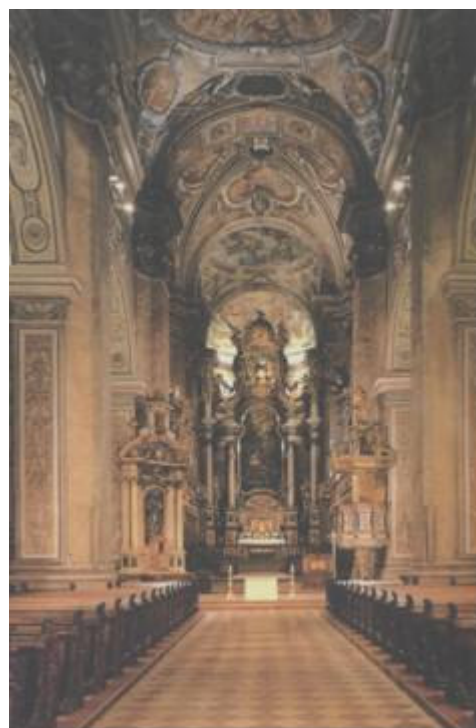
Na liturgia da palavra, que é realizada no ambão, quando não há luz suficiente para a leitura, é comum fixar no ambão uma pequena luminária para luz de tarefa. O mesmo vale para a estante, onde são realizadas as outras leituras.

Existem igrejas onde o fundo do presbitério tem muita informação, são madeiras esculpidas, imagens, sacrário dourado, etc., o que é muito comum nas igrejas antigas. Neste caso, deve-se ter cuidado com o que iluminar e com que intensidade de luz. Um contraste muito grande poderá desviar a atenção dos fiéis na hora da celebração. Apesar da beleza e das verdadeiras obras de arte das igrejas antigas, hoje se celebra uma liturgia diferente. A iluminação pode ajudar na adaptação litúrgica destas igrejas, tirando o foco de um lugar e colocando noutro, trazendo o altar para o centro de atenção.

Na figura 47, através da iluminação, destaca-se a mesa da eucaristia, podendo assim, celebrar uma liturgia de acordo com o Concílio Vaticano II, preservando o patrimônio, mas não vivendo uma Igreja do passado.



Iluminação no altar antigo



Destaque no novo altar

Figura 47 – Destaque da mesa da eucaristia

Fonte: TARGETTI SANKEY Spa, 2000.

Com o uso de controles de intensidade de luz, seja através de *dimmer* simples ou através de sistemas mais sofisticados onde são usadas mesas digitais, pode-se obter uma iluminação de destaque com dinamismo e riqueza de propostas, ou seja, uma iluminação de cenas dentro do presbitério. Este assunto será abordado no capítulo IV.

3.2.4 Iluminação da fonte batismal

Como a fonte batismal ou pia batismal pode estar em diferentes lugares, sua iluminação depende da igreja e de seu projeto original ou de reforma. Deve-se estudar cada caso.

No caso da pia batismal estar na frente da assembléia, deve-se ter o cuidado de não desviar a atenção dos fiéis do ponto central no momento da celebração. Por isso, deve-se ter uma luz mais suave, sendo que a própria iluminação geral da igreja pode iluminá-la. Uma iluminação de destaque só será importante no dia do batismo, onde se pode colocar alguns projetores de luz direcionados para a pia batismal, com circuitos independentes.

No caso de pia batismal em capelas ou na entrada da igreja, pode-se fazer uso de uma iluminação de destaque ou mais dramática, com luzes e sombras, já que o local do batismo na entrada da igreja tem um grande simbolismo.

3.2.5 Iluminação das imagens

As imagens estão no presbitério, nos altares laterais ou também espalhadas pela igreja, ora em apoios, ora em nichos. O primeiro passo ao iluminar uma imagem é avaliar, junto com o pároco e com o profissional responsável pelo projeto da igreja e até com representantes da comunidade, a importância destas imagens para a comunidade. Pode-se partir do princípio que a imagem do padroeiro ou da padroeira sempre é a mais importante, as outras são secundárias. O cuidado maior será quando houver muitas imagens, pois se houver muitos pontos de destaque, corre-se o risco de poluir o visual da igreja, chamando a atenção para as imagens, sendo que a principal é o Cristo.

Por outro lado, estas imagens às vezes estão dentro de capelas laterais no interior das igrejas e merecem ter uma iluminação de destaque até mais dramática, como obra de arte, pois muitas são obras de grande valor histórico, cultural e artístico ou de grande devoção do povo que frequenta a igreja.

A representação da imagem do padroeiro (a) ou do Cristo pode ser uma pintura ou escultura, e é comum estar localizada em algum lugar no presbitério. Para a iluminação destas imagens deve-se estudar caso a caso, dependendo das dimensões, cores e volumes, e se a imagem está num nicho ou simplesmente suspensa na parede.

Se houver iluminação uniforme no local onde se encontra a imagem é aconselhável ter uma combinação com luz de destaque com maior intensidade. Assim, se poderá destacar a plasticidade, a textura, os detalhes e a expressão da imagem. (Figura 48)



A iluminação mais dramática para a escultura valoriza a expressão e a forma.

Figura 48 – Iluminação de imagem

Igreja Nossa Sra do Rosário, Leme, Rio de Janeiro

Fonte: Arquivo fotográfico do autor

O mais importante na iluminação de uma imagem é tratá-la como obra de arte, usando uma fonte de luz com alto índice de reprodução de cores (IRC), usar filtros que protegem contra os raios ultravioleta, quando for necessário, e trabalhar com luzes e sombras para dar valor às formas, mas de maneira suave. A sombra deve ser graduada para que se possa ver bem todo o conjunto.

Se for um painel, requer uma iluminação mais uniforme para um bom entendimento da pintura e do que ela representa.

Cada igreja é um caso específico de iluminação, existem igrejas com o teto preenchido com pinturas artísticas, e/ou com pinturas que descem pelas paredes. Observa-se que as pinturas se destacam quando são bem iluminadas e fazem parte da ambientação da igreja. (Figura 49)

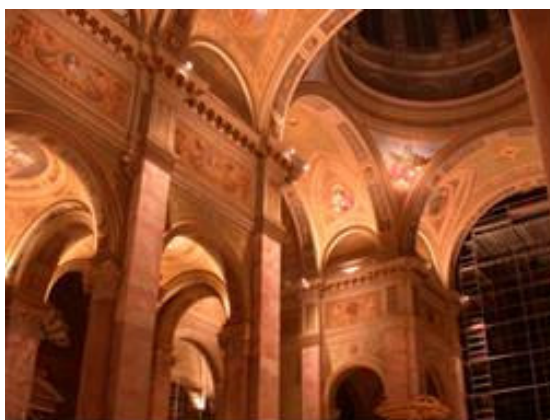


Fonte: KRÜGER, Paulo; MOURÃO, Correa.
As Igrejas renascentistas de Minas.
Belo Horizonte: Itatiaia, 1986.



Uma luminária vertical distribui os pontos de luz.

Fonte: TARGETTI SANKEY Spa, 2000.



Disponível em:
<http://www.targetti.com/proyectos/es/page_Tipologie/idcat_6/IGLESIAS_Y_EDIFICIOS_HISTÓRICOS
Acesso em: 24 nov 2005.

Figura 49 – Exemplos de iluminação em paredes e tetos

CAPÍTULO IV - ILUMINAÇÃO CÊNICA NOS ESPAÇOS RELIGIOSOS

4.1 LUZ E A ARQUITETURA RELIGIOSA

A relação luz e forma sempre esteve presente nos edifícios com suas diferentes expressões do espaço. Arquitetura e luz formaram diferentes cenários nas diferentes fases da Igreja no decorrer de sua história. Até o fim do século XIX a luz natural era a principal forma de iluminação nos interiores, a estrutura refletia o clima exterior, e as igrejas sempre articulavam o uso da própria luz como parte fundamental na criação do espaço, tanto do ponto de vista estético quanto funcional, como simbólico.

As igrejas medievais sempre eram orientadas para o nascente. Projetadas para receber a luz de manhã cedo no altar, durante o dia na nave e corredores e, no fim da tarde, a luz do oeste por detrás da congregação. Este princípio era aplicado em todas as igrejas, tornando tradicional a sua orientação no eixo leste-oeste. Após escurecer, a situação era diferente, fontes de luz em chamas situavam-se nas proximidades do altar ou outro local do ritual, a localização era basicamente funcional. Assim, muitas igrejas que eram inundadas pela luz natural durante o dia, alcançavam uma aparência totalmente diferente durante a noite. (PHILLIPS, 1997)

Na arquitetura românica o ambiente era de penumbra e a arte era essencialmente simbólica. Os edifícios eram escuros, a luz entrava através das estreitas e escassas janelas, era muito pouca a comunicação com o exterior. Nas paredes as pinturas mostravam ao povo as mensagens e a manifestação de Deus, foram criadas para serem vistas com pouca luz. Por este motivo, suas cores eram vivas e suas expressão exageradas. A igreja românica se configura da seguinte forma: a abside é a cabeça de Deus, seu santuário, é orientada a leste porque é por onde nasce o sol. Deus é o sol, o começo do dia e da vida. E, a iluminação mais importante no interior da igreja é o sol nascente, onde está o altar e o celebrante. A nave é o caminho até a salvação. No cruzeiro, a luz aparece através da torre-lanterna, como uma luz divina que purifica o homem preparando-o para a manifestação da presença divina na abside. (CAMPS, 2005b)

A arquitetura gótica mudou a concepção do espaço e a luz adquiriu extrema importância. As paredes coloridas do românico foram substituídas por paredes transparentes que se tornaram um agente transformador de luz através dos vitrais. A princípio nenhum segmento da igreja poderia permanecer no escuro, sem ser definido pela luz. A luz era a essência de toda beleza visual. A ornamentação da igreja era subordinada à estrutura. A luz era utilizada

não só para conseguir um efeito estético, mas também no sentido simbólico, correspondendo metaforicamente à idéia da Onipresença Divina. (CAMPS, 2005b)

Nos momentos da história da arquitetura religiosa a luz sempre esteve presente. As igrejas usavam a própria construção de seus edifícios para modelar a luz natural. A arquitetura sempre respondeu à luz, e a iluminação nos interiores das igrejas era formada pela própria forma da arte. O claro e o escuro eram resultados da forma espacial e dos diferentes materiais e estruturas arquitetônicas empregadas na composição.

O uso da luz nas igrejas representa mais que as funções de ambientação, arte e funcionalidade no espaço, sugerem mensagens e sentimento de quem frequenta a igreja na busca da espiritualidade.

A iluminação manejada pelo arquiteto é um dos elementos mais importante e sutil na configuração do espaço construído, significa a leitura da obra.

Dentre as inúmeras igrejas que poderiam ilustrar este item, optou-se por dois exemplos pertencentes a épocas distintas, de diferentes qualidades de luz natural dentro da igreja. Um deles, inevitavelmente é a Capela de Notre Dame du Haut, Ronchamp, um dos marcos da arquitetura do século XX, qualquer estudo de luz e arquitetura sempre apresenta a conhecida capela de Le Corbusier. O outro exemplo é a Igreja da Misericórdia de Tor Tres Teste, Roma, projetada pelo arquiteto Richard Méier para ser a igreja do milênio, conhecida também como a Igreja do Jubileu. A essência de ambas as igrejas é o espaço branco, um instrumento da luz, que responde pelas nuances do céu. E o resultado do ambiente interno destas igrejas é produto da habilidade dos arquitetos em manipular a luz na superfície, no volume e nas aberturas.

4.1.1 Capela de Notre Dame du Haut – A Capela de Ronchamp

Projeto: Le Corbusier

A Capela de Notre-Dame-du-Haut, também chamada de Capela de Ronchamp, França, foi construída em 1955 no topo de uma colina para receber os peregrinos. No programa requerido para a construção constavam três capelas internas independentes, um santuário no exterior para as celebrações ao ar livre, um local para a estátua da Virgem Maria, e ainda o confessionário, um pequeno escritório, a sacristia e os elementos básicos para a liturgia. (Figura 50)



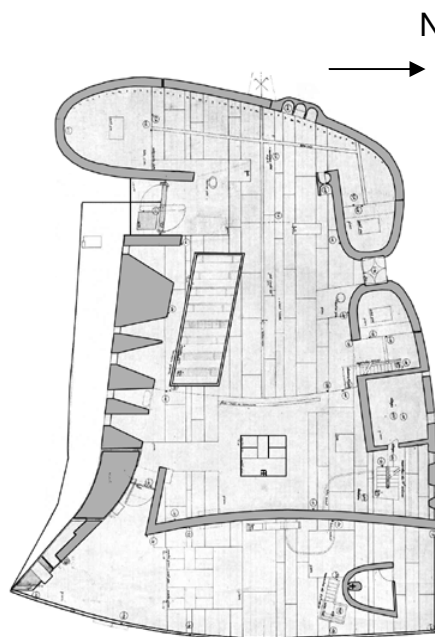
Figura 50 – Capela de Ronchamp – exterior

Disponível em: <<http://www.galinsky.com/buildings/ronchamp/>>
Acesso em: 26 jan. 2005.

A implantação do edifício obedece ao eixo leste-oeste e tem a orientação do altar principal a leste, de acordo à tradição. Le Corbusier, preocupado com a luz como ferramenta de projeto, controlou a qualidade da luz através de suas formas arquitetônicas. A própria construção tratou de modelar a luz natural. A principal fonte de luz está na parede sul que, através de sua grande espessura, possibilita a filtragem da luz, difundindo-a para toda a igreja. (Figura 51)



Figura 51- Capela de Ronchamp - planta baixa e parede lateral sul



Disponível em: <<http://orbita.starmedia.com/~ronchamp/index/ronchamp.html>>
Acesso em: 27 jan. 2006.

O contraste entre a luz do dia e o interior escuro é tão grande que faz com que sejam ocultadas as extremidades das aberturas alargadas numa forma esfumada onde os tons de luz na escuridão escondem a forma exata. A luz decompõe as extremidades. (MILLET, 1996, p. 58) (Figura 52)



Figura 52 – Capela de Ronchamp - contrastes

Disponível em: <<http://www.demel.net/fs-ronchamp.html>>

Acesso em: 27 jan. 2006

A luz natural é o elemento criador do espaço, o cenário é de uma perfeita relação da forma com a luz e a cor, o que gera um clima de recolhimento e oração dentro da capela. As aberturas, bem localizadas, propiciam ao espaço uma iluminação mística, devido aos contrastes de luz e sombra. O interior se conecta com o exterior através da luz filtrada sem, contudo, permitir a visão externa.

Efeitos dramáticos de luz estão em todo o interior. As paredes curvadas formam com a cobertura, também em curva, uma linha fina de luz que parece uma rachadura horizontal e dá um efeito de “desprendimento” da cobertura. Os efeitos de luz nas aberturas são combinados com o uso da cor e lançam luzes coloridas no interior branco da capela. Acima do altar, a parede é marcada por diversos “buracos” que deixam passar a luz e por uma única janela (nicho) onde está localizada a imagem da Virgem Maria. Neste nicho a imagem é vista simultaneamente no altar interno e no altar externo e banhada constantemente pela luz natural. (Figura 53, 54 e 55)

A capela de Notre Dame du Haut é um partido inovador que rompeu com a tradição eclesiástica e rejeitou tradicionais elementos decorativos, tais como, figuras e esculturas de histórias bíblicas, em favor da luz, o mais abstrato símbolo da religião. Suas aberturas parecem grandes luminárias que projetam luz para dentro da capela. Luz e cor invadem o interior branco de tal modo que trazem uma atmosfera muito particular para o local.



Figura 53 – Capela de Ronchamp – altar
Disponível em: < www.ronchamp.net/>
Acesso em: 27 jan 2006.



Figura 54 – Capela de Ronchamp - luzes coloridas
Fonte: MILLER, 2005



Figura 55 – A imagem da Virgem Maria

Disponível em:
<<http://www.chapellederonchamp.com/lumiere.php#>>
Acesso em: 27 jan. 2006

4.1.2 Igreja da Misericórdia de Tor Tres Teste - A igreja do Jubileu

Projeto: Richard Méier

A igreja da Misericórdia situa-se em Tor Ter Teste, um bairro ao sul de Roma. Projetada por Richard Méier para ser a igreja do milênio, teve um atraso e só foi concluída em 2003, coincidindo com o jubileu do pontificado do papa João Paulo II. Daí o nome Igreja do Jubileu.



Figura 56 – Igreja do Jubileu

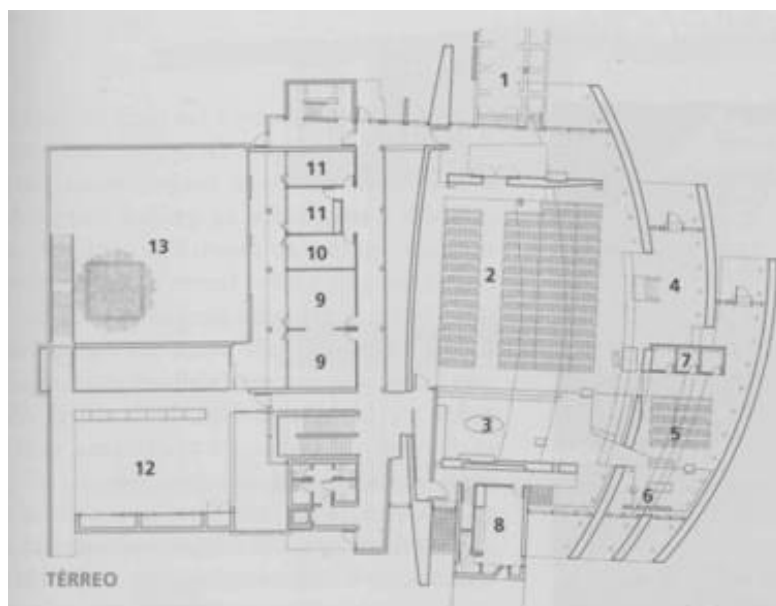
Disponível em:

<http://www.archinform.net/medien/00017757.htm?ID=jBS0yNdbDL0PM6BN>

Acesso em: 11 set 2005.

A implantação do edifício é num terreno triangular e plano com acesso principal a leste. A construção é formada por uma série de retângulos e curvas, responsáveis pela distinção das funções. Ao sul se encontra a parte sacra, caracterizada pelas três curvas que, segundo o arquiteto, insinuam uma discreta alusão à Santíssima Trindade. Abrigam na sua forma convergente a nave, a capela, o batistério, a sacristia e os confessionários. Ao norte se encontra a parte profana, onde predominam as linhas retas, local onde está o centro comunitário e a casa paroquial. (PROJETO DESIGN, 2004) (Figura 57).

- 1- Acesso principal
- 2- Nave principal
- 3- Altar principal
- 4- Batistério
- 5- Capela
- 6- Altar da capela
- 7- Confessionário
- 8- Sacristia
- 9- Catequese
- 10- Recepção
- 11- Escritório
- 12- Jardim
- 13- Vazio do pátio



N
←

Figura 57 – Igreja do Jubileu – planta baixa

Fonte: PROJETO DESIGN, 2004, p. 59.

A partir do desenho das curvas, Méier adota componentes fundamentais para alcançar muita luz no interior da igreja. O uso de clarabóias, paredes com caixilhos de vidro e a cor branca predominante, banham o interior da igreja com luz. (Figura 58 e 59)



Figura 58 – Igreja do Jubileu – fachada posterior

Disponível em:

<<http://www.archinform.net/medien/00017757.htm?ID=jBS0yNdbDL0PM6BN>>

Acesso em: 11 set. 2005.



Figura 59– Igreja do Jubileu – as clarabóias

Fonte: PROJETO DESIGN, 2004, p. 56-57.

A luz é o elemento essencial na caracterização do espaço. O branco presente nem sempre é o mesmo, é transformado pela luz do dia. A percepção do espaço muda de acordo com as estações do ano, com o tempo e com as horas do dia. E a igreja, na sua transparência, mostra o céu e a luz verdadeira. O espaço interior é apresentado como uma extensão do exterior, pois convivem com a mesma luz, e dentro do espaço ela ainda se torna radiante, provocando um deslumbramento que anuncia a proximidade com o sagrado. Luz e forma traduzem um espaço interior belo e envolvente. (Figura 60)

Na parede atrás do altar aparece o Cristo crucificado junto com uma luz que atravessa uma pequena abertura num grande nicho. Faz pensar numa luz simbólica, a luz do Cristo, ou, talvez, a janela que leva à Deus. (Figura 61)



Figura 60 – Igreja do Jubileu – o interior

Fonte: ARKINKA, 2004 p. 20.

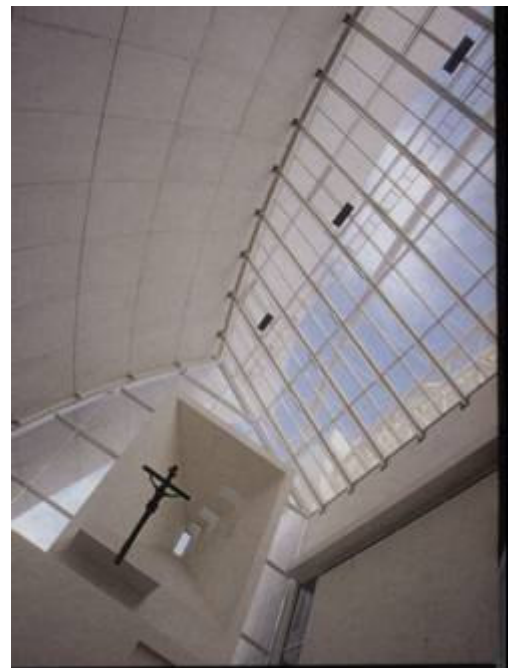


Figura 61 – Igreja do Jubileu – a cruz

Fonte: ARKINKA, 2004, p. 23.

Richard Méier, ao projetar uma igreja transparente e luminosa, faz do espaço da celebração de um catolicismo renovado e contemporâneo uma identidade nova e revigorada para a Igreja católica. (ARKINKA, 2004)

A luz branca e intensa revela uma Igreja que quer ser mais clara e mais transparente, cuja estrutura e luminosidade fazem um ambiente acolhedor e estimulante, próprio para reunião de uma comunidade.

4.2 A IGREJA COMO UM ESPAÇO CÊNICO

Na igreja, a liturgia é uma grande ação ritual composta de diferentes momentos celebrativos, ou ritos, que se desenvolvem num tempo e num espaço determinados. Conforme descrito anteriormente, tem começo, meio e fim e é desenvolvida em espaços construídos para este fim, compostos por elementos simbólicos com significado específico. Lá atuam o celebrante e seus ministros voltados para uma assembléia composta de fiéis.

No teatro, a cena é o período da realização de uma ação, e o espaço cênico é o local onde ocorre a encenação, os acontecimentos e as ações.

No desenvolvimento das celebrações litúrgicas surgem as cenas, os diferentes momentos celebrativos que compõem as celebrações, tais como os ritos iniciais de constituição de assembléia, o momento de escuta da Palavra de Deus ou o rito de proclamação do evangelho.

A celebração litúrgica tem a força comunicativa do teatro, e o espaço arquitetônico é tão importante quanto no teatro. Está a serviço da liturgia e de cada rito. Na arquitetura religiosa, o espaço também se comunica por meio de um cenário, de sua iluminação, do som, e da decoração. (TEIXEIRA, 2003)

O cenário determina o espaço e o tempo da ação. A arquitetura, a pintura, a escultura, a decoração e a iluminação se encarregam de representar este espaço. (OLIVEIRA, 1998) Proporcionam o “pano de fundo” para o desenvolvimento das ações. O cenário deve ser cuidadosamente construído na sua forma espacial, na distribuição de seus espaços e dos objetos, nos contrastes de sombra e luz, para provocar respostas emocionais e comportamentais no indivíduo.

O cenário na igreja vai depender das relações estabelecidas entre seus espaços, da disposição dos elementos simbólicos e litúrgicos, e das ações litúrgicas aí desenvolvidas. É importante que este cenário seja estudado para que se exerça um bom trabalho de iluminação.

“A composição é a organização dos elementos visuais que integram a cena / ambiência” (PEREIRA, 2004, p. 39).

Na composição do cenário da igreja católica destacam-se os seguintes espaços descritos anteriormente: o presbitério, lugar onde se desenvolvem os ritos e onde está localizado o altar, ambão e a cadeira da presidência; a assembléia, que na celebração é sujeito da ação litúrgica, lugar onde estão os fiéis; o lugar da fonte batismal e o lugar do tabernáculo.

Observa-se nas igrejas adaptadas à nova liturgia, um cenário novo inserido no antigo. É importante salientar que os diferentes estilos arquitetônicos gótico, barroco e o românico, por exemplo, são diferentes entre si, possuem características próprias, cenários próprios. Apesar de a liturgia ter se renovado e modificado com o tempo, ainda hoje, em algumas igrejas, as celebrações litúrgicas são feitas em cenários pertencentes a outras épocas. Nestes casos, a iluminação pode criar uma nova ambiência litúrgica ajudando a mudar o foco de atenção dos fiéis para o novo centro da igreja, ajudando-os a concentrar a sua atenção na ação litúrgica em ato e deslocando do antigo espaço devocional.

A igreja pode ser compreendida como espaço cênico na celebração através de uma encenação interativa com a intenção de aproximar o público da cena, trazendo-lhes a participação ativa na celebração. Conforme já mencionado anteriormente, o altar é o centro da Igreja e ao redor dele o povo se reúne, e não mais é dada tanta importância à devoção aos Santos e à adoração do Santíssimo Sacramento, como na época do altar localizado no fundo da abside.

Verificam-se na igreja dois cenários principais: o da celebração e o da oração individual. No decorrer desta pesquisa constatou-se que algumas igrejas trabalham com outros cenários. São os que dizem respeito normalmente às igrejas que, pela sua expressão artística, criam momentos de visitação para a admiração e estudo da arquitetura e das obras de arte no seu interior e, ainda, as que apresentam música e canto ou algum espetáculo artístico.

Conforme descrito anteriormente, as celebrações são realizadas num determinado tempo litúrgico, como a liturgia da manhã, da tarde, do domingo e dos dias da semana, do natal, da páscoa, batizado, casamento, festa dos santos, dentre outras.

“Celebramos nossas diversas liturgias nos diferentes tempos litúrgicos sempre no mesmo espaço, o mesmo salão, com os mesmos mobiliários, a mesma igreja.” (MACHADO, 2003, p. 10).

O espaço cênico é o mesmo, com os elementos fundamentais da liturgia católica. A encenação é que muda, ou seja, mudanças nas ações simbólicas praticadas nas diversas liturgias. E a iluminação pode ajudar, dando destaque à ação daquele momento litúrgico. Por exemplo, no caso do batismo, a cena é no batistério e a ação simbólica principal é o mergulho na água ou derramamento de água sobre a cabeça.

Fora da celebração, quando a igreja é lugar de silêncio, reflexão, meditação e oração, o cenário é o da oração individual, diz mais respeito à percepção do espaço como casa de oração e deve conduzir à introspecção e ao recolhimento. A iluminação pode contribuir para criar uma atmosfera agradável. Observa-se, também, a presença de fiéis que reconhecem

na imagem dos santos algo que está ligado com o divino. Aparece, então, neste mesmo cenário outra cena, aquela do fiel rezando diante da imagem do santo.

Quando se fala do cenário de visitação de uma igreja, refere-se às igrejas famosas do ponto de vista arquitetônico e/ou artístico, e que são frequentemente visitadas por turistas ou admiradores da arte. O papel da iluminação é aquele que permite aos fiéis e visitantes a plena apreciação da arquitetura e da arte, e a observação dos elementos de valor cultural, artístico e simbólico. As características especiais do lugar são a sua imagem de lugar sagrado e a atmosfera que instila contemplação e mística. A iluminação deste cenário é a própria ambientação, mas pode ocorrer que para visualizar todos os elementos artísticos, haja necessidade de mais luz do que a comumente usada para este espaço cumprir suas exigências religiosas.

A igreja tem suas necessidades específicas, mas, em qualquer tipo de cenário é importante manter o principal propósito da igreja como espaço para celebração dos sacramentos, unindo nave e presbitério e dando ênfase à percepção do altar, do ambão e da cadeira da presidência, que estimulam a oração individual e proporcionam referências fixas da liturgia católica dentro do espaço.

4.3 A ILUMINAÇÃO CÊNICA

O propósito da iluminação cênica é usar a luz para comunicar ao público a ação transcorrida e provocar emoção ao indivíduo na percepção do espaço.

A primeira regra da iluminação cênica indica que a luz deve ser suficiente para que se veja a cena e facilite os pontos de atenção do espectador. Como se trabalha com a subjetividade, o público deve receber a mensagem visual de cada ambiente com grande facilidade. (SÁEZ, 2000)

Com a iluminação cênica, é possível delimitar o espaço, iluminar distintas cenas, marcar a troca do espaço, manter uma cena em primeiro plano, criar ambiências, criar sombras, indicar o caminho, indicar o ponto de atenção, valorizar os volumes, figuras e objetos da cena.

Para o desenho da iluminação cênica deve-se ter em conta os distintos espaços, a cenografia, o texto e o movimento do ator (ou atores). A luz contribui tanto na cena (ação) quanto no espaço cênico, é um meio de fazer arte e de despertar emoção.

A finalidade da iluminação cênica nas igrejas é ressaltar a subjetividade do espaço nas diferentes zonas de atuação da liturgia. É fundamental para compor os cenários que se deseja, destacando elementos estruturais ou formas arquitetônicas, pinturas, esculturas, a cruz e as peças litúrgicas. Como a liturgia é um processo dinâmico, é possível também, como no teatro, destacar as ações das celebrações usuais e solenes, e suscitar diferentes emoções que possibilitam a participação no mistério celebrado.

A utilização das formas de apresentação de luz adotadas no teatro, ou circunstâncias similares, ajuda a igreja no seu modo cenográfico.

Para a composição da iluminação do cenário, normalmente são necessárias diferentes aplicações de luz em diferentes espaços. A luz, além de auxiliar no cenário a adquirir a forma e as dimensões visuais desejadas, influencia na maneira de como o usuário se sentirá naquele espaço. (FRANCO, 2000)

A iluminação cênica serve-se de muitas possibilidades que a tecnologia da iluminação oferece, como baixar e aumentar a intensidade mediante a utilização de reguladores de luz, fazer a luz difusa ou dirigida quando necessário e marcar o ponto do cenário que se quer destacar. Este tipo de iluminação faz a cena aparecer, procura transmitir diferentes sensações através de um jogo de claro e escuro, na intensidade das luzes aplicadas, nas cores, e de todo o efeito de luz desejado, podendo dar mais dramaticidade ou não à cena.

Nos diferentes cenários e nas diferentes ações se pode estudar uma iluminação mais apropriada, como, por exemplo na indicação de cada atividade exercida; na comunicação ou interação entre o celebrante e os fiéis; para afetar o comportamento e as reações emocionais dos participantes; para propiciar a geração de um ambiente ou o desenvolvimento de uma atmosfera adequada à oração; para destacar os elementos litúrgicos e para proporcionar um encantamento com a arquitetura.

Efeitos de luz dão expressão ao espaço, criam diferentes cenas, e chamam a atenção do fiel ao que é importante e à mensagem que se pretende dar. Uma sutil diferenciação na intensidade da luz entre os espaços identifica o local da ação como o de maior brilho.

A aplicação de sistemas de controle de luz possibilita a setorização da iluminação em diferentes circuitos e ajuda a estabelecer distintos cenários com níveis diferentes de iluminação. É o poder da luz de criar e recriar ambientes numa dinâmica oferecida pela dimerização.

As ações desenvolvidas na celebração, associadas às variações de intensidade de luz, guiam o olhar do fiel, concentram sua atenção e contribui com sua participação à cena.

Um exemplo bem simples é baixar a intensidade de luz no local da assembléia nos momentos de silêncio, de escuta e meditação, e aumentar a intensidade nos momentos de louvor, de canto e nas leituras dos fiéis.

Ainda se pode dar destaque às ações praticadas no presbitério de acordo com a funcionalidade litúrgica. Embora as peças litúrgicas fundamentais já estejam destacadas pela luz, a ação é evidenciada se a luz incidir com maior brilho no local onde a ação ocorre naquele momento.

“Quando um fecho de luz incide sobre um determinado ponto do palco, significa que é ali que a ação se desenrolará naquele momento. Além de delimitar o lugar da cena, a iluminação se encarrega de estabelecer relações entre o ator e os objetos; o ator e os personagens em geral.” (OLIVEIRA, 2005.)

Aquele que preside a assembléia (o padre) é destacado através da luz, e ao mesmo tempo os fiéis presentes também são usuários da luz e se deve incluí-los na utilização do campo de luz que dispõem em cada momento de ação.

O movimento do ator é que organiza e relaciona as seqüências das ações, ou seja, sua entrada e saída, sua posição em relação aos outros atores e aos elementos do cenário e até mesmo a sua relação com os espectadores. (OLIVEIRA, 1998).

O movimento da luz fica condicionado à ação, é uma forma de indicar o trajeto até o acontecimento (ação) ou elemento do cenário, direcionando o foco de atenção do espectador. A iluminação passa a ser o elemento de ligação entre todos os que compõem o cenário, mas é preciso ter o conhecimento da cena e o que é relevante.

Na celebração todos fazem parte da cena. Segundo o Prof. Mons. Giancarlo Santi (IN: REGGIANI SPA ILLUMINAZIONE, 2001, p. 139) a celebração dos sacramentos requer dos projetistas de luz conhecimentos da liturgia que foi renovada pelo Concílio Vaticano II para poder atuar no espaço, em particular, enfatizar e contribuir para a formação de uma assembléia unida e, nos seus aspectos ministeriais, capaz de agir e de ser percebida, também visualmente, como uma unidade.

Assim, a iluminação que destaca o presbitério, a iluminação na assembléia, a iluminação arquitetural e a de outros espaços da igreja, embora estáticas na focalização, podem fazer um movimento através de maior ou menor brilho de acordo com as necessidades do momento, proporcionando, assim, uma orientação visual e criando uma atmosfera mais adequada à mensagem que se quer passar aos fiéis.

CAPÍTULO V – EXEMPLOS DE ILUMINAÇÃO DE IGREJAS

5.1 IGREJA DO CORAÇÃO DE JESUS - ALEMANHA

Esta igreja foi projetada pelos arquitetos Almann, Sattler e Wappner em 1999-2002. Situada no coração de Munique, sua implantação foi num entorno pré existente e criou uma forte presença arquitetônica por causa do seu volume, do vidro colorido e dos “andaimas” de seu campanário. Sua forma geométrica, concebida por uma modulação metálica, revela a predominância de uma racionalidade estética. O interior da igreja é encapsulado dentro de uma dupla casca, ou seja, a estrutura externa em aço e vidro gera interiormente, em ambos os lados da nave, uma galeria desassociada do interior da igreja mediante uma divisória revestida em madeira que repete o perfil retangular da igreja. (ARKINKA, n. 104, P. 24-33, 2004). (Figura 62, 63, 64, 65)



Figura 63 - Igreja do Coração de Jesus - Campanário



Figura 62 – Igreja do Coração de Jesus - fachada principal

Fonte: ARKINKA, 2004, p. 25-25.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Concílio Vaticano II, em 1963, a Igreja resgatou aspectos essenciais da liturgia que se haviam perdido por mais de um milênio na história da Igreja, como a centralidade do mistério pascal, a importância da participação do povo, a simplicidade da liturgia e sua adaptação às diferentes culturas.

Devido às mudanças na Igreja, os edifícios destinados ao culto seguem com novas formas de desenho, aparece uma igreja com espaços mais simples, representando um catolicismo menos retórico e mais essencial. A arquitetura religiosa encara as mudanças, sem deixar de representar a mística religiosa, em seus aspectos rituais, litúrgicos e simbólicos.

O núcleo da Igreja é o espaço celebrativo. A nave e o presbitério juntos é que traduzem o significado da igreja durante a celebração dos católicos. A disposição das peças litúrgicas, altar, ambão e cadeira da presidência, contribuem para a definição espacial da igreja e, juntamente com a luz proporcionando o foco, criam a atmosfera propícia à celebração.

Na ambientação de uma igreja deve-se levar em conta que sentimentos e emoções fazem parte do encontro do ser humano com o divino. Portanto, na sua iluminação devem-se incorporar, além das peças litúrgicas e elementos iconográficos, os de conteúdo de mensagem que vêm com as estruturas arquitetônicas, os afrescos e os ornamentos. Mas de tal modo que não distraia o fiel e sim que o ajude a meditar.

Nas igrejas, a iluminação é utilizada para ver a ação litúrgica, para dar destaque aos pontos de ação e para entender melhor a mensagem visual do ambiente. Para contemplar a igreja, a iluminação artificial deve partir do conhecimento das exigências da celebração, da oração pessoal e comunitária. A arte luminotécnica oferece possibilidades para realizar iluminações diversas para cada ambiente.

Em síntese, os principais objetivos que se destacam na iluminação interna de uma igreja são: iluminar de acordo com a função do espaço; favorecer às ações litúrgicas; criar uma atmosfera apropriada para a meditação, oração e celebração; valorizar os elementos que constituem o espaço; e garantir o conforto visual.

Para que o projeto atenda a todos os objetivos, necessita-se entender a Igreja, a celebração e a comunidade, definir as áreas e suas funções e ainda ter conhecimento das características do local ou do projeto, tais como, cores, materiais, formas, estrutura e

aberturas. Saber também, quais elementos a destacar: o altar, o ambão, a cadeira da presidência, a pia batismal, as imagens, a arte e a arquitetura.

A melhor iluminação é aquela que atende principalmente à funcionalidade do espaço para uso litúrgico, sem deixar de lado a estética e a ambientação do local. Num trabalho conjunto de luz e formas arquitetônicas, consegue-se alcançar uma unidade no espaço presbitério e nave, tão desejada na celebração. Atende-se, assim, as necessidades de concentração, oração e celebração, observação das imagens, símbolos e peças litúrgicas, observação da arquitetura e a percepção do espaço.

A iluminação artificial, usada como instrumento na concepção do espaço e na busca de soluções para questões funcionais de iluminação, pode explorar o espaço com diferentes aplicações de luz nas superfícies e estruturas arquitetônicas. Os efeitos de luz e sombra valorizam a percepção do espaço. A não uniformidade de luz e a baixa intensidade luminosa ajudam no relaxamento, e podem ser usadas nos momentos de recolhimento e oração individual. Por outro lado, maior intensidade na iluminação e uniformidade no local da assembléia dão aspecto de um ambiente festivo, ideal para os momentos de louvor e canto.

A aplicação da luz pode se dar através de sistemas de iluminação sofisticados, como os programáveis, ou mesmo na aplicação de sistemas de iluminação menos complexos onde uma simples ação de ligar e desligar ou o uso de dimmers manuais. Diferentes formas de iluminação alcançam os objetivos da igreja, tais como, uma iluminação indireta, enchendo os espaços com uma luz envolvente e completada com uma luz direta, destacando as imagens e as peças litúrgicas, ou uma iluminação na assembléia de forma direta, através de projetores ou de diferentes tipos de luminárias, bem distribuídos, de maneira tal que forneça uma iluminação mais uniforme para a leitura, e mais a luz dirigida às peças litúrgicas e/ou presbitério.

Em diversas igrejas se verificou uma arquitetura que permite a entrada da luz natural, conduz e difunde através de suas formas geométricas. É recomendado que o sistema de iluminação artificial seja integrado com a iluminação natural dentro do espaço. Assim, a luz natural, quando escassa, pode servir de iluminação geral, e focos de luzes artificiais são acesos para destacarem o que é relevante. Na medida em que escurece, o restante da iluminação artificial é acionado para completar a ambientação programada para o uso noturno da igreja.

Neste estudo observaram-se duas abordagens cênicas nas igrejas: cenas da celebração litúrgica e cenas do espaço - ambiência. A iluminação cênica usa a luz tanto na ação

transcorrida quanto na percepção do espaço. Os objetivos a serem alcançados com a iluminação cênica nas igrejas, em síntese, são: a visibilidade, a revelação da forma, a orientação seletiva da visão e a criação de uma atmosfera adequada. Eles são independentes e interagem entre si.

O cenário proporciona o “pano de fundo” para o desenvolvimento das ações. Na composição do cenário para a celebração na igreja católica destacam-se: o presbitério, lugar onde se desenvolvem os ritos (ações) e a nave, o lugar da assembléia. Na formação de ambiências, a iluminação contribui para formar uma atmosfera propícia ao momento, destacando o principal e guiando o olhar do fiel.

Com a luz se consegue mudar a leitura do espaço. No caso das igrejas antigas, para resolver a adaptação litúrgica, recorre-se à luz para criar um novo cenário, uma nova ambiência da Igreja, trazendo o altar para a cena, valorizando o patrimônio artístico, histórico e cultural, mas não vivendo o passado da Igreja.

A iluminação também pode ser vista com movimento, no tempo e no espaço e, para isso ocorrer, a orientação da visão e a atmosfera mudam a cada momento, passando uma mensagem para ser entendida e vivenciada.

O reconhecimento de uma iluminação que permita a dinâmica, e não a representação estática no ambiente, se deve à luz natural como elemento da própria concepção do espaço, devido as suas variações com o tempo e aos controles de intensidade da luz na iluminação artificial. Assumindo, desta maneira, visões diferentes de dia e de noite, podendo dar uma nova leitura ao local.

A iluminação cênica nas igrejas é uma expressão artística que pode ser apreciada e sentida, é o elemento de ligação (comunicação) entre todos que compõem a cena.

A luz enfatiza a ação. As variações de intensidade de luz associadas às ações desenvolvidas na celebração, mostram a direção da ação e influenciam na maneira como os fiéis se sentirão no ambiente. Uma sutil diferença na intensidade de luz entre o altar, o ambão e a cadeira da presidência, identifica cada momento do ritual. Como a luz artificial é controlável na direção e na intensidade, estes aspectos, quando bem trabalhados, ajudam, sobretudo na liturgia, a destacar os gestos do celebrante e contribuir na participação dos fiéis.

Efeitos visuais, criados com diferentes formas de aplicação de luz, dão expressão ao espaço e são usados nas igrejas para criar a ambientação, e ainda expressar a função simbólica e

mística do local. Como na Capela de Ronchamp, onde Le Corbusier parte da simplicidade no interior para valorizar o essencial da liturgia católica. Enche o espaço com uma luz filtrada e colorida, de forma mais dramática, prevalecendo um interior mais escuro para atingir um clima de recolhimento. Richard Méier, na Igreja do Jubileu, apresenta um espaço mais de acordo com a liturgia católica renovada. A luz do exterior invade o interior, mas destaca o altar. É uma luz branca e intensa, talvez queira revelar uma Igreja mais clara e mais transparente, cuja estrutura, forma e luminosidade, fazem dela um ambiente acolhedor e estimulante, próprio para a reunião de uma comunidade.

Nos exemplos de iluminação de igrejas apresentados nesta pesquisa, verifica-se que a iluminação tem vários caminhos e formas de aplicação para atender os aspectos litúrgicos da igreja católica. Portanto, as soluções de iluminação encontradas numa igreja não são melhores que as outras, e sim mais adequadas ao contexto. O que as igrejas têm em comum é a preocupação com a luz como uma ferramenta de trabalho, controlam a qualidade da luz através de suas diferentes estruturas e formas arquitetônicas, materiais construtivos, textura e cor. A iluminação resultante é uma luz estruturada de acordo com a fonte e a superfície do ambiente.

Observa-se que a iluminação artificial nas igrejas é projetada a partir do lugar, das características da arte e da arquitetura, levando em consideração a iluminação natural e a relação da função do espaço com a luz. A luz do dia fornece as definições principais, banhando o altar com luz. A iluminação artificial também tem os focos de luz direcionados ao principal, reforça a organização espacial, mostra o caminho e direciona a atenção do fiel. A alternância de luz e sombra cria um senso de movimento e o diálogo entre arquitetura e iluminação é que dá expressão ao espaço. A perfeita relação da forma, da luz e da cor é que traduz nestes espaços o clima de recolhimento e de celebração.

A luz como símbolo da fé e como elemento modelador do espaço, ainda caracteriza os espaços religiosos.

Esta pesquisa procura, desta forma, sensibilizar os projetistas de luz, arquitetos e demais profissionais que trabalham com igrejas, da importância da luz na compreensão e leitura do espaço religioso, e que é imprescindível o conhecimento da Igreja Católica e de sua liturgia antes de empreender qualquer tarefa no local.

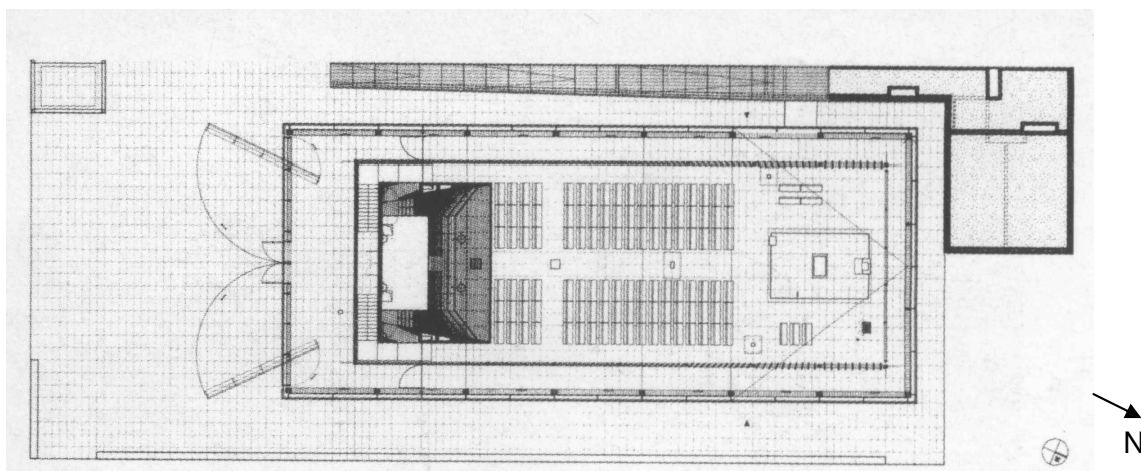


Figura 64 – Igreja do Coração de Jesus - planta baixa

Fonte: ARKINKA, 2004, p. 28.

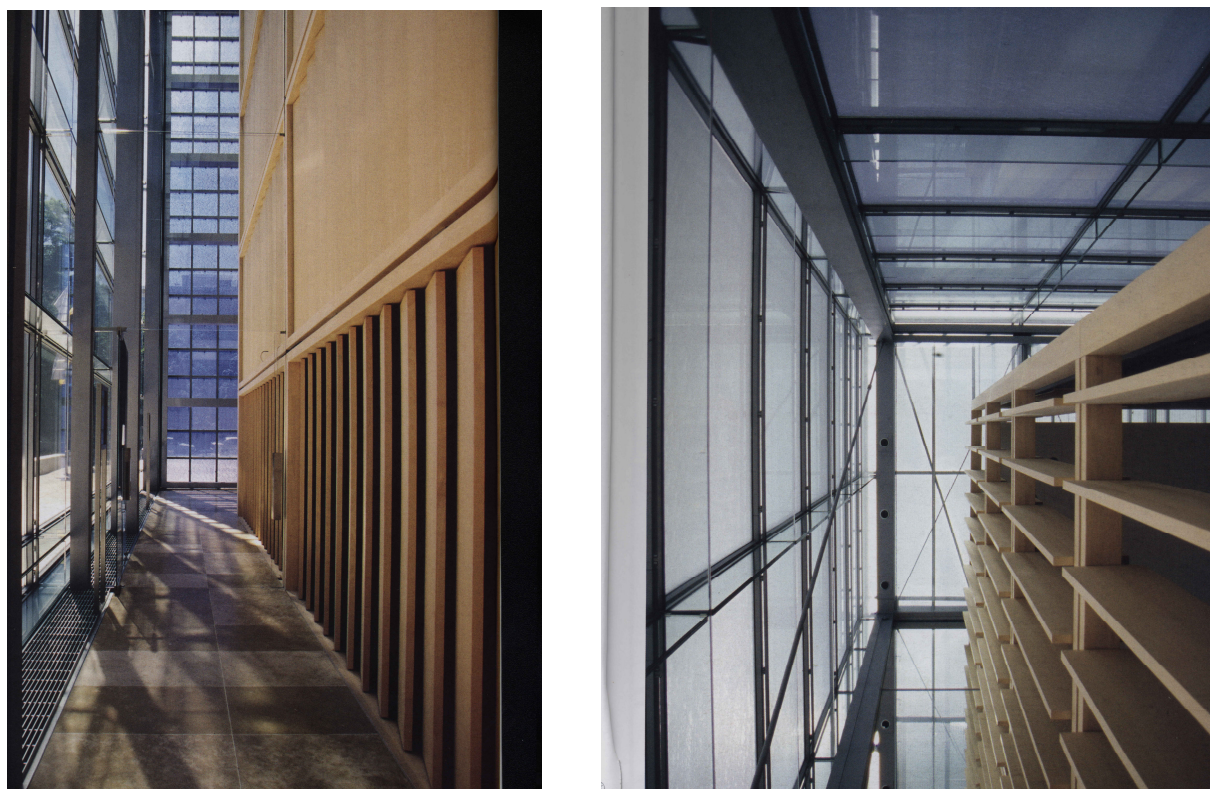


Figura 65 – Igreja do Coração de Jesus - detalhes das paredes

Fonte: ARKINKA, 2004, p. 30-31.

O vidro permite a entrada de luz e é uma barreira acústica e térmica; as paredes em madeira formam a barreira luminosa. A luz do dia e a luz do sol são filtradas pelos vidros da estrutura externa e pelos elementos da estrutura interna, diminuindo assim o contraste entre exterior e interior.

A estrutura interna, em madeira, é composta por louveres que, em diferentes posições, controlam e direcionam a luz natural para o altar. Um afastamento entre paredes e teto no fundo do presbitério parece uma moldura de luz, o que dá ainda maior destaque ao lugar. (Figura 66). Esta parede, a depender da angulação da luz, deixa transparecer o desenho de uma cruz que a ocupa por completo. O interior apresenta uma composição que transmite a sensação de um ambiente sacro e acolhedor através da luz.



Figura 66 - Igreja do Coração de Jesus - Interior

Fonte: ARKINKA, 2004, p. 29.

A iluminação artificial foi também muito bem explorada no seu interior. Projetada pelo escritório George Sexton Association, recebeu no ano 2001 um prêmio no 18ª premiação anual da IALD (International Association of Lighting Designers). Foi considerado pelo júri um “bem-sucedido exemplo de desenvolvimento verdadeiramente condutor da meditação e da prática religiosa”. (ARCOWEB, 2006).

À noite, a luz elétrica transforma a igreja numa caixa de vidro iluminada, e se torna o foco espiritual para a comunidade. Quando as grandes portas azuis abrem, à noite, aparece a segunda caixa, de madeira, também iluminada. O altar, no fundo, que é visto através de um vão aberto, permanece como foco principal. No interior, a luz é suave. A parede em madeira

no fundo do presbitério se destaca porque é banhada pelos focos de luz verticais que ressaltam a cruz. O altar, fortemente iluminado, é destacado por luzes pontuais. (Figura 67)



Figura 67 - - Igreja do Coração de Jesus – vista noturna do exterior

Fonte: IALD, 2005a.

O tipo de iluminação “wallwashers”, ou seja, lavagem de luz na parede, ilumina verticalmente os louvres, proporcionando a iluminação externa da caixa de madeira. (ARCOWEB, 2006).

O aparecimento da cruz tem mudanças ao longo do dia e depende da quantidade de luz natural e de luz artificial que aos poucos aparecem reforçando a cruz e acentuando os destaques das peças litúrgicas. A luz é sempre direcionada para o altar. (IALD, 2005a). (Figura 68)



Figura 68 - Igreja do Coração de Jesus – a luz ao longo do dia

Fonte: IALD, 2005a

À noite, a iluminação artificial também destaca o altar. Uma iluminação horizontal e ajustável provê a iluminação na assembléia e outros pontos de luz modelam os objetos.



Figura 69 - Igreja do Coração de Jesus - iluminação noturna interna

Fonte: IALD, 2005a.

Diversas cenas no interior da igreja são programadas por um sistema de controle de iluminação que controla a intensidade de luz nas diversas zonas da nave. Assim, as funções específicas da igreja são destacadas pelo aumento da intensidade de luz quando necessário. Como exemplo, a figura 70 mostra a fonte batismal sendo destacada para a cerimônia do batismo.



Figura 70 – Igreja do Coração de Jesus - destaque da fonte batismal

Fonte: IALD, 2005a.

A distribuição e equilíbrio de luz são responsáveis pela identidade noturna da igreja. O uso de um sistema de dimmers que controla as várias camadas de luz aplicadas na igreja cria ambiências adequadas a cada função. O resultado é um espaço iluminado onde a luz é aliada às características construtivas, a composição espacial e a funcionalidade da igreja.

5.2 IGREJA DO SALVADOR – ARGENTINA

A Igreja do Salvador situa-se numa esquina das Av Callao e Calle Tucumán, em pleno centro de Buenos Aires, Argentina. Fundada no início do século XX, trata-se de um monumento tombado pelo patrimônio histórico pela grande quantidade de afrescos e murais nas suas paredes.

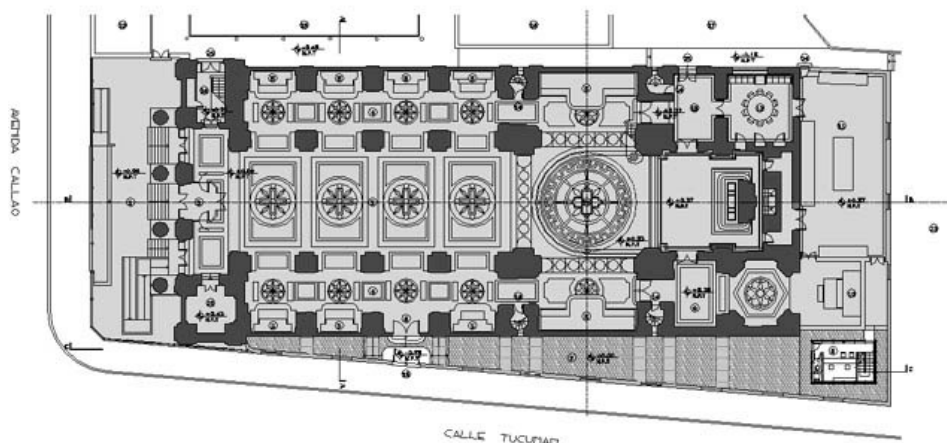


Figura 71 – Igreja do Salvador – planta baixa

Disponível em:<

[http://www.mzmarqs.com/obras & proyectos/04 Iglesia del Salvador/IDS.htm](http://www.mzmarqs.com/obras%20y%20proyectos/04%20Iglesia%20del%20Salvador/IDS.htm)>

Acesso em: 4 fev. 2006.



Figura 72 – Igreja do Salvador - Fachada

Fonte: PHILIPS, 2001, p. 3.

O interior desta igreja era muito escuro, de aspecto sombrio e lúgubre, e não permitia que se apreciasse a beleza do espaço. Além disso, os fiéis reclamavam porque não podiam ler seus livros devido ao baixo nível de iluminação. Na Páscoa de 1999, a igreja inaugurou sua nova iluminação artificial, projetada pela arquiteta Gladys Mabel Gatti, que conseguiu uma transformação do lugar com harmonia e equilíbrio nos efeitos de luz, atendendo a todas as necessidades do espaço. Com este projeto luminotécnico da Igreja do Salvador, ela obteve uma Menção de Honra no concurso mundial de iluminação organizado pela Philips Lighting em 2002. (PHILIPS, 2005)

De acordo com o artigo divulgado pela Philips Iluminação (2005), a iluminação não se desenvolveu somente a partir de um projeto finalizado. Foi necessário se estabelecer premissas gerais com respeito às cores e às situações que se queriam alcançar em cada espaço, e depois fazer provas e ajustes no local para cada situação especial e para cada elemento arquitetônico. Somente foram assegurados, através de cálculos luminotécnicos, os níveis de iluminação geral.

No átrio, um espaço pequeno, todo construído em madeira, a iluminação teve como princípio destacar a qualidade e textura da madeira, alcançando assim, um ambiente acolhedor ao entrar na igreja.

Na nave principal, o teto abobadado e pintado com figuras celestiais recebe uma iluminação com projetores direcionados para cima, realçando as cores existentes no teto, outros direcionados para baixo, no plano de leitura dos bancos, e ainda projetores colocados na base de cada pilastra com foco para cima que através de uma luz mais amarelada e rasante realçam as pilastras, capitéis e a grande cornija. Assim, o teto foi destacado através da diferença de cor e brilho, obtiveram-se 300 lux no plano de leitura, e a sensação foi de maior espacialidade ao se observar os afrescos do teto. (Figura 73).

As naves laterais seguiram o mesmo conceito da nave principal, luz mais branca dirigida às abóbadas e cada pilastra marcada com luz rasante de baixo para cima. Nos santuários, uma luz mais acolhedora com tons mais quentes, projetadas para alcançar um efeito mais dramático de luzes e sombras.



Figura 73 – Igreja do Salvador - nave principal

Fonte: PHILIPS, 2002b, p. 13.

No cruzeiro, uma grande cúpula dourada foi iluminada por projetores através de efeitos de luz do tipo rasante, de baixo para cima, colocados nas colunas. Resultam em um banho de luz numa tonalidade mais amarelada.

No presbitério, arcos e abóbada também se destacam por uma iluminação mais dramática nos contrastes de luz e cor. Luzes com maior brilho destacam o altar e a imagem do Senhor. O vitral no fundo recebe uma luz por trás para poder ser visto pelos fiéis. (Figura 74)



Figura 74 - Igreja do Salvador – altar

Fonte: PHILIPS, 2002b, p. 13.

O coro, situado sobre o átrio, foi ressaltado mediante uma luz rasante de baixo para cima na base do órgão de metal. (Figura 75)



Figura 75 - Igreja do Salvador – coro

Fonte: PHILIPS, 2001, p. 3

Ainda segundo, a informação da PHILIPS (2005), a multiplicidade de efeitos de luz propostos ao interior, permitiram criar distintas cenas com a iluminação segundo a necessidade e de tal maneira que os fiéis percebam ambientes diferentes de acordo com o caráter de cada situação.

A iluminação conseguiu transformar a igreja de sua imagem “escura” para uma igreja “iluminada”. Ao serem iluminadas, as obras de arte e a arquitetura do interior proporcionaram não só a apreciação da arte, mas também uma ambientação do espaço, com boa iluminação para a leitura dos fiéis e iluminação de destaques aos elementos litúrgicos.

5.3 IGREJA DE SÃO FRANCISCO - ALEMANHA

A igreja de São Francisco localizada em Regensburg, Alemanha, foi consagrada em maio de 2004. A construção faz limite com a igreja velha, a casa do padre, o cemitério e um campanário.

Nesta igreja, não se poderia ter uma expectativa do interior a partir apenas da percepção espacial do exterior. A forma externa, que é uma caixa retangular com algumas aberturas atípicas espalhadas nas superfícies, contrasta com seu interior, que tem uma área geométrica completamente diferente, onde prevalece um espaço litúrgico curvilíneo. (Figuras 76 e 77)



Figura 76 – Igreja de São Francisco - fachadas
Disponível em: <<http://www.bistum-regensburg.de/borPage001088.asp>
Acesso em: 4 fev 2006

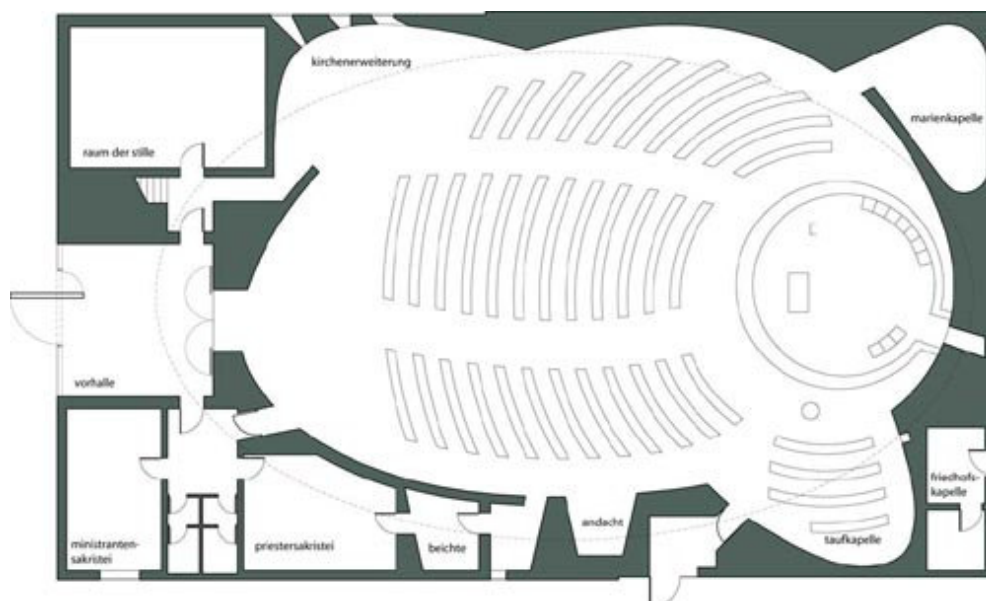


Figura 77 – Igreja de São Francisco - planta baixa

Disponível em: <<http://www.bistum-regensburg.de/borPage001088.asp>
Acesso em: 4 fev 2006.

No interior da igreja, as paredes seguem um desenho, em planta baixa, de linhas elípticas, fazendo o fechamento vertical e definindo bem o local da celebração. A estrutura interna da igreja é orgânica, garante uma boa funcionalidade do espaço, e abriga a assembléia reunida em torno das três principais peças litúrgicas. O interior é despojado, limpo de qualquer ornamentação, remete de imediato ao essencial. (Figura 78).



Figura 78 – Igreja de São Francisco - Presbitério

Disponível em: <<http://www.bistum-regensburg.de/borPage001088.asp>
Acesso em: 4 fev 2006.

A iluminação da igreja, desenvolvida pela *lighting designer* Annette Hartung do escritório Lightplanung A. Hartung, Colônia, Alemanha, recebeu em 2005, um Prêmio por Excelência na 22ª premiação anual da IALD (International Association of Lighting Designers). A exigência principal era criar uma iluminação de baixo custo e que atendesse às necessidades diurnas e noturnas. A *lighting designer* conseguiu alcançar este propósito, com uma boa solução, através de uma inusitada proposta.

No teto, o fechamento através de membranas tensionadas (tenso-estrutura), faz a composição e cumpre a função da luminosidade na igreja. A transparência da membrana é bem aproveitada, pois permite passar a luz natural e a luz artificial, de maneira difusa e agradável. (Figuras 79)



Iluminação natural



Iluminação artificial

Figura 79 – Igreja de São Francisco - iluminação no interior

Disponível em: <<http://www.bistum-regensburg.de/borPage001088.asp>>

Acesso em: 4 fev 2006.

A captação da luz natural é invisível desde o interior, pois se integra em um espaço entre a membrana e o telhado. O telhado é do tipo shed, tem painéis fechados e painéis envidraçados. O grau de translucidez da membrana não permite reconhecer o telhado, mas revela o desenho das sucessivas projeções de luz providas das aberturas que, por causa do movimento do sol, trás um movimento de manchas de claro e escuro. (Figura 80, 81 e 82)

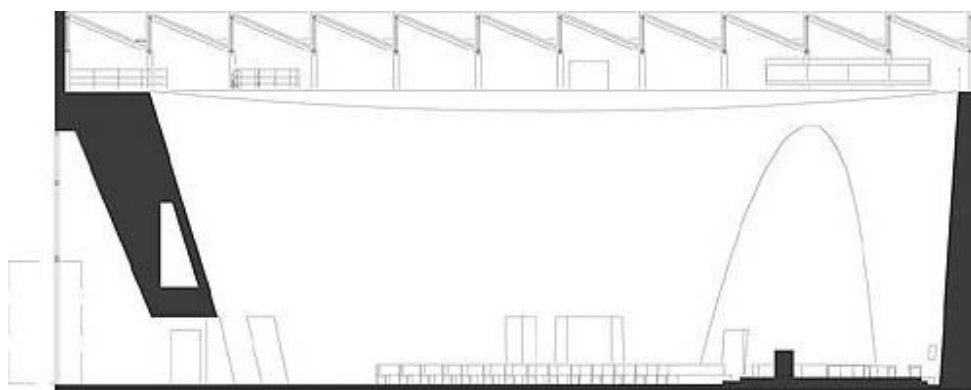


Figura 80 – Igreja de São Francisco - corte longitudinal

Disponível em: <<http://www.bistum-regensburg.de/borPage001088.asp>

Acesso em: 4 fev 2006



Figura 81 – Detalhe da membrana e do telhado.



Figura 82 – Projeções da iluminação natural.

Disponível em: <<http://www.bistum-regensburg.de/borPage001088.asp>

Acesso em: 4 fev 2006

A iluminação artificial é constituída de projetores ocultos e distribuídos no espaço entre a membrana e o telhado. A luz, também filtrada pela membrana, cria manchas de luzes e sombras. A iluminação no ambiente é mais dramática, e se difunde por todo o espaço. (Figura 83 e 84).



Figura 83 – Projeção da iluminação artificial



Figura 84 – Detalhe da iluminação artificial

Disponível em: <<http://www.bistum-regensburg.de/borPage001088.asp>

Acesso em: 4 fev 2006

O tabernáculo é embutido na parede localizada atrás do altar, e recebe a luz do dia por detrás dele através de uma abertura na parede que se comunica com o exterior. Como o tabernáculo tem uma grande moldura de vidro, por ali transparece a luminosidade do exterior. (Figura 85).



Figura 85 – Tabernáculo iluminado

Disponível em: <<http://www.bistum-regensburg.de/borPage001088.asp>

Acesso em: 4 fev 2006

A concepção do interior desta igreja é de um espaço fechado em si, como ele próprio se propõe, mas ao mesmo tempo se liberta para o alto, com a sensação da própria imagem do céu.

A membrana tensionada é mais que um instrumento na composição do espaço, é um fator determinante na adoção de uma estratégia de uso da luz na arquitetura. Sua aplicação nesta igreja gerou um espaço envolvente ao lidar com o aspecto cenográfico da luz.

Os dados mencionados neste texto foram obtidos da IALD (2005b) e da Königs Architekten (2006).

REFERÊNCIAS

- ARCOWEB. **18º Premiação Anual da Iald:** Divina luz. Disponível em: <http://www.arcoweb.com.br/lightdesign/lightdesign8.asp>. Acesso em: 30 jan. 2006.
- ARKINKA. Lima: Arkinka, n. 104, jul. 2004.
- BAROBIO, Dionisio (Org). **A celebração na Igreja**. São Paulo: Loyola, 1990.
- BORONTO, Luiz Eduardo. Uma só coisa é necessária a respeito da participação plena na celebração litúrgica. In: SILVA, Frei José Ariovaldo; SIVINSKI, pe. Marcelino (org). **Liturgia:** um direito do povo. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 57-63)
- BECKHÄUSER, Alberto. **Introdução geral sobre o Missal Romano**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BUYST, Yone. **Celebrar com Símbolos**. São Paulo: Paulinas, 2001. 135 p.
- ____; SILVA, José Ariovaldo da. (Org.). **O mistério celebrado:** memória e compromisso I. São Paulo: Paulinas, 2003. 156 p. (Livros básicos de teologia v.9)
- ____; FRANCISCO, Manoel João. (Org.). **O mistério celebrado:** memória e compromisso II. São Paulo: Paulinas, 2004. 160 p. (Livros básicos de teologia v.10)
- ____. Um espaço para as celebrações da comunidade. In: BUYST, Yone; FRANCISCO, Manoel João. (Org.). **O mistério celebrado:** memória e compromisso II. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 149-158. (Livros básicos de teologia v.10)
- ____. Celebrar é preciso. In: BUYST, Yone; FRANCISCO, Manoel João. (Org.). **O mistério celebrado:** memória e compromisso II. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 11-24. (Livros básicos de teologia v.10)
- CAMPS, Cristina. La luz: Herramienta para modificar el espacio. **Luces:** Revista do Comité Español de Iluminación, oct. 1994. Disponível em: <http://www.ceisp.com/revista/revista.htm>. Acesso em: 07 nov. 2005a.
- ____. Reflexões sobre la iluminación artificial em edificios históricos y obras de arte. In International Lighting Congress – CEI, 2005, Leon. Disponível em: <http://www.ceisp.com/symposium/sleon05.htm>. Acesso em: 07 nov. 2005b.
- Catedral de S. Martino.** Disponível em: http://www.targetti.com/proyectos/es/page_Tipologie/idcat_6/IGLESIAS_Y_EDIFICIOS_HISTÓRICOS_/idscheda_296/CATEDRAL_DE_S._MARTINO_/idfoto_797. Acesso em: 2 jul. 2005.
- CLAUSEN, Meredith. **Spiritual space:** the religious architecture of Pietro Belluschi. [S.l.]: University of Washington Press, 1992.
- CONSTITUIÇÃO CONCILIAR SOBRE A SAGRADA LITURGIA. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html >. Acesso em: 06 abril 2005.

COSTA, Gilberto José Corrêa da. **Iluminação econômica**: cálculo e avaliação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

FELDMAN, Daniel Coelho. **Iluminação residencial**: ciência e arte na iluminação de ambientes residenciais. 2001. 190 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

FIELD, D.M. **The world's greatest architecture**: past and present. New Jersey: Chartwell books, 2003.

FONSECA, Ingrid Chagas Leite da. **Qualidade da luz e sua influência sobre a saúde, estado de ânimo e comportamento do homem**. 2000. 64 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

FONSECA, Joaquim. Demos graças a Deus: considerações em torno da liturgia eucarística. In: SILVA, José Arioaldo da; SIVINSKI, Marcelino (Org.). **Liturgia**: um direito do povo. Petrópolis: Vozes, 2001. p.109-119.

FRANCO, Paulo El-Jaick de Barros. **O conforto visual e a iluminação de espetáculos teatrais**: o espaço cênico como espaço de arquitetura. 2000. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

GATTI, Vicente. **Liturgia e arte**. Iluoghi della Celebrazione. Grafiche Dehoniane, Bologna, 2001.

GLANCEY, Jonathan. **A história da Arquitetura**. Traduzido por: Borges, Luís Carlos; Marciolino, Marcos. São Paulo: Loyola, 2001.

HEATHCOTE, Edwin; SPENS, Iona. **Church builders**. New York: Academy, 1997. 224 p.il.

IALD. **Lighting Design Awards: 2001**. Disponível em:

<http://www.iald.org/03%20IALD%20Lighting%20Design%20Awards%20--%20FOR%20STAFF%20USE/2001%20awards/herz_jesu/index.htm>. Acesso em: 17 jul. 2005a.

IALD. **Presents an Award of Excellence for St. Franziskus Church**. Disponível em:

<<http://www.iald.org/03%20IALD%20Lighting%20Design%20Awards%20--%20FOR%20STAFF%20USE/2005%20Awards/2005%20Awards.htm>>. Acesso em: 17 jul. 2005b.

Jubilee Church. Disponível em: <<http://www.richardmeier.com/>>. Acesso em: 15 set. 2005.

Königs Architekten. **Das neue Pfarrzentrum St. Franziskus** / Regensburg-Burgweinting.

Disponível em: <<http://www.st.franziskus-burgweinting.de/>>. Acesso em: 04 fev 2006.

LUTZ, Gregório. **Liturgia Ontem e Hoje**. [S.l.]: Paulus. [19--]

MACHADO, Regina Céli de Albuquerque. **O local de celebração**: arquitetura e liturgia. São Paulo: Paulinas, 2001.

_____. O Espaço no Tempo Litúrgico. **Revista de Liturgia**, São Paulo, n. 176, p. 10-12, mar/abril. 2003.

MASCARÓ, Lucia. **Iluminação e arquitetura**: sua evolução através do tempo.

Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp324.asp>>. Acesso em 07 out. 2005.

MELO, José Raimundo de. A participação ativa na liturgia: aspiração da reforma litúrgica do vaticano II. In: SILVA, José Arioaldo da; SIVINSKI, Marcelino (org). **Liturgia: um direito do povo**. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 11-42.

MICHEL, Lou. **Light: the shape of space**. Canadá: Wiley, 1996.

MILANI, Eliva de Menezes. **Iluminação como instrumento na ambientação do edifício-igreja**. 2004. 68 f. Monografia (Pós-Graduação em Tecnologia e Projetos de Iluminação) – Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2004.

MÜLLER, Fábio. **Ronchamp e La Tourette: machines**. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq058/arq058_01.asp>. Acesso em: 07 out. 2005.

MILLET, Marietta S. **Light revealing architecture**. New Jersey: Wiley, 1996.

Notre-Dame du Haut - Chapelle de Ronchamp. Disponível em <<http://www.chapellederonchamp.com/>>. Acesso em 27 jan. 2005a.

CHAN, Michelle. **Notre-Dame du Haut**. Disponível em: <<http://www.arch.mcgill.ca/prof/mellin/arch671/winter2000/mchan/precedents/corbu.html>>. Acesso em 11 set. 2005.

OLIVEIRA, Elinês de AV. **Teatro como sistema modelizante**. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/pos/cos/cultura/teatro.htm#Cenário>>. Acesso em: 20 nov 2005.

OLIVEIRA, Leônidas José. **Arquitetura e liturgia, o valor do essencial** - o exemplo da igreja do milênio em Roma. Revista Chiesa Oggi – Architettura e comunicazione. 2005.

PASTRO, Cláudio. **Arte sacra, o espaço sagrado hoje**. São Paulo: Loyola, 1993.

_____. **Guia do espaço sagrado**. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **Claudio Pastro: arte sacra**. São Paulo: Paulinas, 2001.

PEREIRA, Ludmila Gabriel. **Iluminação cênica e residencial: trajetórias e estéticas**. 2004. 83 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.

PHILLIPS, Derek. **Lighting historic buildings**. Oxford: Architectural, 1997.

PHILIPS. **Manual de iluminação**. 3. ed. Philips, 1981.

_____. **Highlights Luminárias**. n. 2, fev. Philips do Brasil, 2001.

_____. **Highlights Special**. Lighting Designer Lat Am 2002. Philips do Brasil, 2002b.

_____. **Igreja Nossa Senhora da Lapa dos Mercadores**. Disponível em: <<http://www.luz.philips.com/latam>>. Acesso em: 16 maio 2002a.

_____. **Iglesia del Salvador**. Disponível em: <<http://www.luz.philips.com/portalNewsDetail.do?par=8303:3>>. Acesso em: 12 jul. 2005.

PIERUZZINI, Maria Florencia. **La iluminacion de la Iglesia de Santa Felicitas** – Buenos Aires – Argentina: critérios proyectuales y verificación de las soluciones técnicas para la iluminación interna. 2005. Tesina (Facultad de Arquitectura y Urbanismo) – Universidad de Belgrano, Argentina, 2005. Disponível em: <http://www.ub.edu.ar/investigaciones/tesinas/128_pieruzzi.pdf>. Acesso em: 19 abril 2005.

PROJETO DESIGN. São Paulo: Arco, n. 289, mar. 2004.

RAMAZZINI, Luciana Gonçalves da Silva. **Iluminação em igrejas católicas coloniais barrocas do Rio de Janeiro**: efeitos visuais promovidos e impressões suscitadas pela luz. 2003. 187 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura)—Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

REGGIANI SPA ILLUMINAZIONE. **Luce e chiese**. 2.ed. Sovico, Itália, 2001. Disponível em: <<http://www.reggiani.net/pág/book.htm>>. Acesso: 8 nov 2005.

SÁEZ, José Miguel López. **Diseño de iluminación escénica**. Madrid: La Avispa, [19--].

SCHUBERT, Mons. Guilherme. **Arte para a fé**. Petrópolis: Vozes, 1978.

_____. **A influência da liturgia na arquitetura cristã**. Separata de: Liturgia e Vida. [S.l.]. 1976.

SIERRA, Aurélio Arango. **Arquitectura religiosa del mundo**. Disponível em: <http://www.elcolombiano.terra.com.co/BancoConocimiento/G/g_ranking_feb20/g_ranking_feb20.asp?CodSeccion=113&IDnews=2359>. Acesso em: 21 maio 2005.

SILVA, José Arioaldo da. O mistério celebrado no primeiro milênio da era cristã. In: BUYST, Yone; _____. (Org.). **O mistério celebrado**: memória e compromisso I. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 25-42. (Livros básicos de teologia v.9)

_____. A reforma litúrgica do Concílio vaticano II. In: BUYST, Yone; SILVA, José Arioaldo da. (Org.). **O mistério celebrado**: memória e compromisso I. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 63-75. (Livros básicos de teologia v.9)

_____. **Quatro elementos fundamentais de um espaço litúrgico**. Disponível em: http://www.cnbb.org.br/documento_geral/Ficha08.doc. Acesso em 15 maio 2005.

TARGETTI SANKEY Spa. **Light of Florence**. Itália, 2000.

TEIXEIRA, Nereu de Castro. **Comunicação na liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2003.

VIANNA, Nelson Solano; GONÇALVES, Joana Carla Soares. **Iluminação e Arquitetura**. São Paulo: Virtus, 2001.

WILMSEN, Kalus Carlos. O ambão – Monumentum Paschale: algumas considerações a respeito do espaço litúrgico atual. In: SILVA, José Arioaldo da; SIVINSKI, Pe. Marcelino (org.). **Liturgia**: um direito do povo. Petrópolis: Vozes, 2001. p.198-215.